



Morfologia Urbana e Tipologia Como Elementos Geradores da Proposta Arquitectónica

Uma arquitectura por continuidade

Ana Marta Santos Salvado

Relatório de projecto para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Júri

Presidente: Professor Doutor Pedro Filipe Pinheiro de Serpa Brandão

Orientador: Professor Doutor António Salvador de Matos Ricardo da Costa

Vogal: Professor Doutor João Rosa Vieira Caldas

Abril 2013

RESUMO

O presente Relatório visa a apresentação e análise de estratégias elaboradas a nível projectual, no âmbito do exercício realizado na disciplina de *Laboratorio di Progettazione Architettonica*, ao longo do ano lectivo 2010/2011 que eu passei no *Politecnico di Milano*.

O projecto proposto consistiu na elaboração de várias intervenções pontuais para uma zona do centro histórico de Milão, que apresenta fortes problemáticas mas que é, simultaneamente, um cenário de grandes oportunidades.

O estudo da evolução urbana da cidade ao longo dos vários períodos históricos permitiu um melhor entendimento da sociedade milanesa e conduziu a um despertar para a sua forma de fazer arquitectura.

Observando o centro histórico de Milão, encontra-se uma zona bastante debilitada e descontínua: a área circundante da *Porta Ticinese*. Foi nesta área específica que se procurou analisar a morfologia urbana, a estrutura hidrográfica e a tipologia de edificado e do espaço público.

Após serem definidos os pontos de intervenção possíveis, foram desenvolvidos projectos em dois destes, o primeiro dos quais, localizado em frente às *Colonne di San Lorenzo*. Nesta área de intervenção procura-se consolidar a frente urbana e recriar um paralelismo do lote gótico. A outra área de intervenção é na zona da *Piazza XXIV Maggio*, onde se visa a sua reformulação, a do canal fluvial *Darsena* e a introdução de um mercado.

O interesse e a pertinência deste trabalho prendem-se essencialmente no aprofundamento das possíveis respostas da arquitectura perante um contexto de centro histórico que se encontra actualmente por consolidar.

Juntamente com a reflexão sobre as principais problemáticas do território, explora-se a arquitectura enraizada nas formas e ideias do passado, directamente ligadas à morfologia urbana e à tipologia.

núcleo histórico | morfologia urbana | intervenção por pontos | arquitectura por continuidade

ABSTRACT

This Report intends to describe, justify and analyze the work that was developed in the discipline of *Laboratorio di Progettazione Architettonica* throughout the year that I studied at *Politecnico di Milano*.

The project consisted on developing several interventions for a specific area of the historical center of Milan. This area has numerous problems and whilst it is simultaneously a scenario of great opportunities.

After the city's evolution study, there was a better understanding of this society's way of thinking and their way of making architecture. A specific area in the historical center of Milan was selected: the surroundings of the *Porta Ticinese*. This area proved to be problematic and weakened by the consequences of the World War II. Then, the urban morphology, the hydrographic structure and the typology were analysed.

Once the most significant points were settled, two projects were developed, the first of which is located across the *Colonne di San Lorenzo* and seeks to consolidate the urban front and recreate the typology of this specific area. The other point, located in the *Piazza XXIV Maggio*, seeks its renovation, the Darsena's canal and the introduction of an urban market.

The main interest and relevance of this study concern the possible responses of architecture in a historical urban centre context, which in this case requires mending. Alongside with this challenge there is a particular historical appreciation of that community, which also turns into a subject of interest in the development of the design.

Thus, along with the reflection upon the main problems of the territory, the architecture with strong roots in the forms and ideas of the past is explored, all this linked to urban morphology and typology.

historical centre | urban morphology | punctual interventions | architecting continuity

ÍNDICE

Resumo	3
Abstract	4
Índice	6
Índice de Figuras	8
00 Introdução	16
00.1 Objectivos e Justificação do Tema	16
00.2 Organização do Relatório	17
01 O Contexto Milanês	20
01.1 Período Clássico	20
01.2 Período Medieval	27
01.3 Período Renascentista	29
01.4 Período Neoclássico	33
01.5 Século XIX: Segunda Metade	39
01.6 Século XX	43
02 A Área de Intervenção	50
02.1 Evolução Urbana da Área de Intervenção	50
02.1.1 Evolução Urbana da Área de Intervenção – Cartografia Histórica	65
02.2 Análise da morfologia urbana	73

02.2.1 A Cidade	75
02.2.2 Os Quarteirões	81
02.3 Análise das tipologias relevantes	103
02.3.1 O Lote Gótico	103
02.3.2 O Mercado Urbano	109
02.4 Problemas e Desafios	117
03 O Projecto	124
03.1 A Estratégia	124
03.2 Primeiro Ponto de Intervenção – Descrição e Justificação do Projecto	129
03.3 Quarto Ponto de Intervenção – Descrição e Justificação do Projecto	143
04 Considerações Finais	154
05 Referências Bibliográficas	160
06 Bibliografia	164
07 Anexos	168
<i>Leggi, norme e prescrizioni per il Mercato Comunale di Porta Ticinese</i>	169

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem 000 Fonte: Autor.	21
Imagem 001 Fonte: Autor.	21
Imagem 002 Fonte: Autor.	22
Imagem 003 Fonte: Autor.	26
Imagem 004 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	26
Imagem 005 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	28
Imagem 006 Fonte: Autor.	28
Imagem 007 Fonte: Autor.	30
Imagem 008 Fonte: Autor.	31
Imagem 009 Fonte: Autor.	32
Imagem 010 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	34
Imagem 011 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	34
Imagem 012 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	36
Imagem 013 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	36
Imagem 014 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	38
Imagem 015 Fonte: Autor.	38

Imagem 016 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	40
Imagem 017 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	41
Imagem 018 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	42
Imagem 019 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	44
Imagem 020 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	44
Imagem 021 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	45
Imagem 022 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	45
Imagem 023 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	46
Imagem 024 Fonte: Composição do autor.	48
Imagem 025 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	48
Imagem 026 Fonte: Autor.	51
Imagem 027 Fonte: Autor.	51
Imagem 028 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	52
Imagem 029 Fonte: Autor.	54
Imagem 030 Fonte: Autor.	54

Imagem 031 Fonte: Internet.	56
Imagem 032 Fonte: Internet.	56
Imagem 033 Fonte: Composição do autor de imagem de CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	58
Imagem 034 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	58
Imagem 035 Fonte: Internet.	60
Imagem 036 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	60
Imagem 037 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	62
Imagem 038 Fonte: Autor.	62
Imagem 039 Fonte: Composição de autor material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	64
Imagem 040 Fonte: Autor.	64
Imagem 041 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	66
Imagem 042 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	67
Imagem 043 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	68
Imagem 044 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	69
Imagem 045 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	70

Imagem 046 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	71
Imagem 047 Fonte: Autor.	74
Imagem 048 Fonte: Autor.	76
Imagem 049 Fonte: Autor.	78
Imagem 050 Fonte: Autor.	82
Imagem 051 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	84
Imagem 052 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	84
Imagem 053 Fonte: Internet.	85
Imagem 054 Fonte: Autor.	85
Imagem 055 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	86
Imagem 056 Fonte: Composição de autor de imagem da Internet.	86
Imagem 057 Fonte: Internet.	87
Imagem 058 Fonte: Autor.	88
Imagem 059 Fonte: Autor.	89
Imagem 060 Fonte: Autor.	90
Imagem 061 Fonte: Autor.	92
Imagem 062 Fonte: Internet.	92
Imagem 063 Fonte: Autor.	93
Imagem 064 Fonte: Autor.	94

Imagem 065 Fonte: Autor.	94
Imagem 066 Fonte: Internet.	95
Imagem 067 Fonte: Autor.	96
Imagem 068 Fonte: Internet.	97
Imagem 069 Fonte: Internet.	98
Imagem 070 Fonte: Composição de autor de imagem da Internet.	99
Imagem 071 Fonte: Composição de autor de imagem da Internet.	100
Imagem 072 Fonte: Composição de autor de imagem da Internet.	101
Imagem 073 Fonte: Autor.	102
Imagem 074 Fonte: Composição de autor de material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	104
Imagem 075 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	106
Imagem 076 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	106
Imagem 077 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	107
Imagem 078 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	107
Imagem 079 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	108
Imagem 080 Fonte: Composição de autor material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	110

Imagem 081 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	112
Imagem 082 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	114
Imagem 083 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	114
Imagem 084 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	115
Imagem 085 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	115
Imagem 086 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	116
Imagem 087 Fonte: Autor.	118
Imagem 088 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	119
Imagem 089 Material fornecido aos estudantes na disciplina de <i>Laboratorio di Progettazione architettonica</i> .	119
Imagem 090 Fonte: Autor.	119
Imagem 091 Fonte: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. <i>La città nel progetto di architettura</i> , Politecnico di Milano.	120
Imagem 092 Fonte: Autor.	122
Imagem 093 Fonte: Autor.	122
Imagem 094 Fonte: Autor.	122
Imagem 095 Fonte: Autor.	126
Imagem 096 Fonte: Autor.	128

Imagem 097 Fonte: Autor.	128
Imagem 098 Fonte: Autor.	130
Imagem 099 Fonte: Autor.	130
Imagem 100 Fonte: Autor.	131,132
Imagem 101 Fonte: Autor.	132
Imagem 102 Fonte: Autor.	133,134
Imagem 103 Fonte: Autor.	134
Imagem 104 Fonte: Autor.	136
Imagem 105 Fonte: Autor.	136
Imagem 106 Fonte: Autor.	138
Imagem 107 Fonte: Autor.	138
Imagem 108 Fonte: Autor.	139
Imagem 109 Fonte: Autor.	140
Imagem 110 Fonte: Autor.	142
Imagem 111 Fonte: Autor.	144
Imagem 112 Fonte: Autor.	146
Imagem 113 Fonte: Autor.	148
Imagem 114 Fonte: Autor.	149,150
Imagem 115 Fonte: Autor.	150

00 INTRODUÇÃO

00.1 Objectivos e Justificação do Tema

O presente Relatório tem por objectivo apresentar os projectos da disciplina de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* realizados para o centro de Milão, inseridos na zona da *Porta Ticinese*, fundamentando as opções de desenho enquanto parte de um processo cujas decisões são decorrentes de factores histórico-urbanísticos.

Sendo que os princípios que estiveram na base da formalização do projecto estão directamente ligados à morfologia urbana e à tipologia, este Relatório vai aprofundar o estudo da evolução urbana de forma a compreender de que modo esta análise se pode tornar no elemento gerador da proposta arquitectónica no contexto de criação Milanês.

É importante um perspectivar sobre a evolução urbana da cidade de Milão, o que se formalizará numa análise cronológica dos acontecimentos urbanísticos marcantes, e na análise da teoria e das circunstâncias que os sustentaram.

A intenção de realizar este Relatório justifica-se com a minha presença na cidade durante o ano lectivo de 2010/2011, durante o qual conheci a singular perspectiva milanesa por trás das

decisões intrínsecas aos processos urbanísticos e arquitectónicos. Esta perspectiva está enraizada nos valores históricos da cidade e funda-se no respeito pelo legado de todos os períodos históricos, sendo um aspecto inerente e relevante no ensino de Arquitectura. Foi num dia fresco, num espaço que reflectia a sua contemporaneidade e vestígios industriais (*Politecnico di Milano, Bovisa*), que eu presenciei a minha primeira aula de *Laboratorio di Progettazione Architettonica*. O corpo docente desta disciplina compunha-se por mais de seis professores e seis assistentes, todos sentados em linha e bem iluminados pelo sol da manhã. Rapidamente me apercebi que um deles se destacava, não só pela idade já avançada como também pela bajulação delicada que o rodeava. Começa então o professor Daniele Vitale, no centro de um silêncio grave, com uma apresentação especial para os alunos estrangeiros. Numa breve frase, sentencia que há apenas duas maneiras possíveis de fazer arquitectura: por continuidade ou por contraste. E que ali eles seguiam a primeira.

É assim que começa a minha descoberta de uma arquitectura fortemente enraizada nas formas e ideias do passado, culminando no actual interesse de apresentar não só os resultados práticos de um ano de trabalho como também a carga teórica que sustentou as decisões de projecto.

00.2 Organização do relatório

O Relatório está dividido em cinco partes: Introdução, três capítulos de desenvolvimento e conclusões.

O primeiro capítulo incide sobre a cidade de Milão como um todo, recuando à ocupação da área pelos povos Celtas (século VI a.C.). Lança um olhar sobre as causas basilares da ocupação do território, acompanha a evolução urbana da cidade ao longo dos períodos históricos que a marcaram e analisa a teoria arquitectónica desenvolvida pela Escola de Milão.

O segundo capítulo incide sobre a zona da *Porta Ticinese*, a Área de Intervenção, apresentando um estudo urbanístico da mesma. Analisam-se os antecedentes da zona e da sua evolução urbana. Segue-se a formulação dos problemas existentes decorrentes da morfologia urbana actual, que por sua vez é analisada.

O terceiro capítulo clarifica a estratégia adoptada para o projecto. Descreve e fundamenta o processo de desenho, baseado na morfologia urbana e nas teorias desenvolvidas pelos autores milaneses.

Nas Conclusões, tecem-se as considerações finais.

01 O CONTEXTO MILANÊS

01.1 Período Clássico

O desafio de encetar uma intervenção arquitectónica na cidade de Milão causa em igual medida grandes dificuldades e grande fascínio, essencialmente devido ao carácter histórico rico e denso que a cidade apresenta. Não me permito descrever o projecto sem antes mergulhar na génese da cidade e desnudar as histórias que tanto moldaram o processo de criação das mais variadas morfologias hoje presentes. Na origem da ocupação do território estão, sobretudo, as condições geográficas e topográficas que o definem. No que diz respeito às características do terreno, é de referir que toda a planície *Padana*, a Sul da cadeia montanhosa dos Alpes, sofre um ligeiro mas extenso declive no sentido Sudeste que se viria a revelar muito influente na definição das primeiras malhas urbanas de Milão (Imagem 001). Os rios que chegam à planície oriundos dos Alpes vêm muito do seu caudal desviado para o subsolo quanto atingem o extremo meridional da cadeia montanhosa, passando as suas águas a grandes profundidades pela zona setentrional da planície *Padana*, cuja relativa aridez se deve a este factor, voltando a emergir mais a Sul, onde se encontram zonas mais pantanosas e arborizadas (Imagem 002).

Imagem 000 – Localização de Milão no continente Europeu.

Imagem 001 – Esquema das condições geográficas e topográficas da região.

Imagem 002 – Esquema da hidrografia da região.





Esta particularidade foi determinante na definição das vias de comunicação, afirmando-se essencialmente as rodoviárias a Norte e as fluviais a Sul.

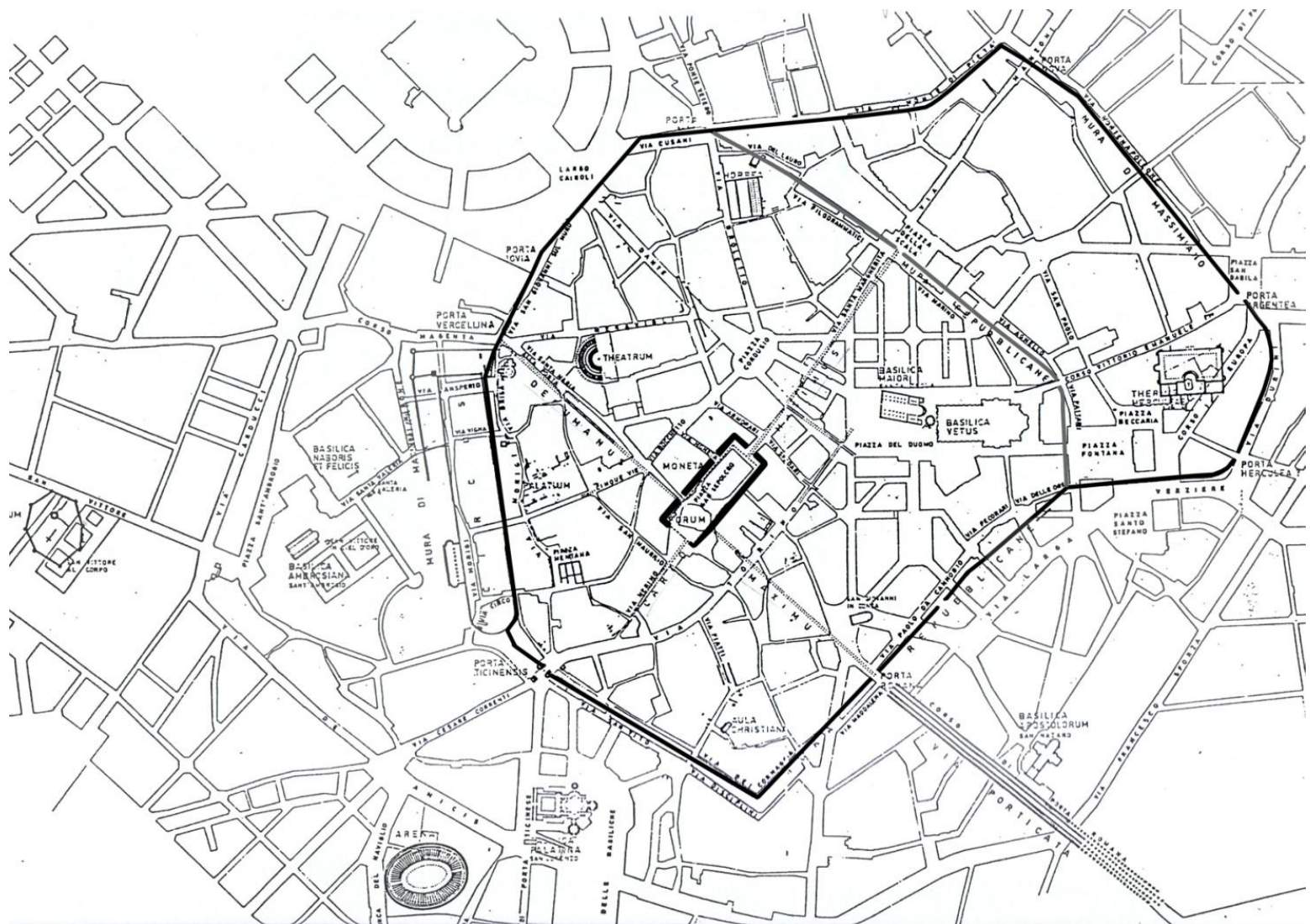
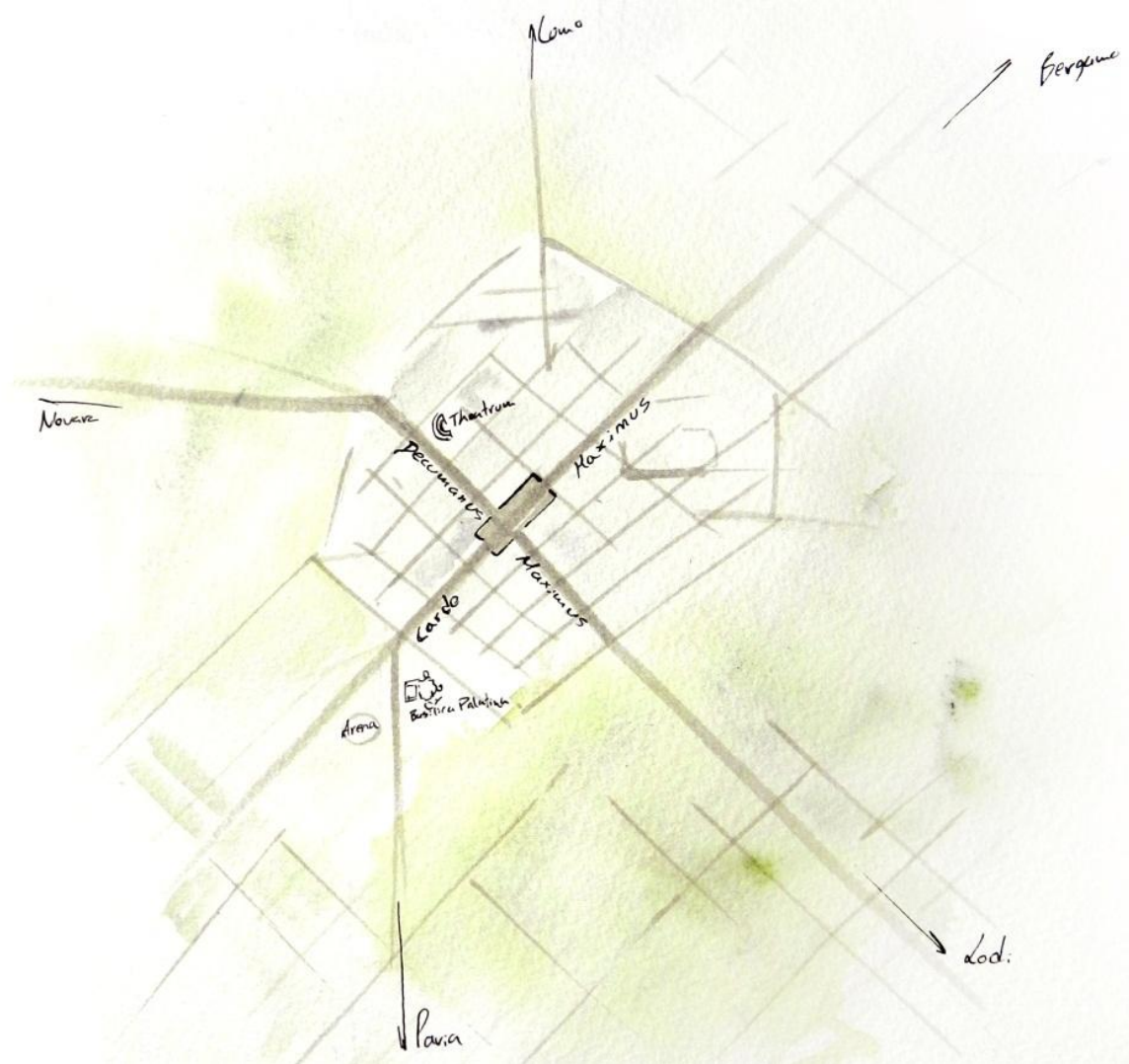
Apesar dos diversos autores não coincidirem na data de estabilização de um núcleo urbano na zona, visto existirem poucos elementos conclusivos, as causas do estabelecimento do núcleo urbano são claras e consensuais. Milão situa-se num ponto estratégico de cruzamento de vias de comunicação com fluxos volumosos de pessoas e bens. É digna de referência a centralidade da cidade em relação à área da planície Padana, situando-se na transição entre a aridez do Norte e a humidade do Sul, bem como a localização entre os rios Ticino e Adda (Imagem 002). Esta situação encontra-se presente no próprio nome da cidade, inicialmente *Medhlan*, (denominação de origem celta) e mais tarde, no período romano, *Mediolanum* (“localizado no meio”). Foram os povos celtas os primeiros a estabelecerem um pequeno núcleo urbano imediatamente a Noroeste da actual *Piazza Duomo*. Mais tarde, com a expansão do Império Romano, a povoação é anexada e amplia-se (século III a.C.), transformando-se num organismo urbano do tipo romano (ARSLAN, 1982).¹ Apesar da existência prévia de um nó viário, é apenas a partir deste período que se demarcam os eixos perpendiculares que atravessam a cidade e que vão influenciar o seu desenvolvimento. Contrariamente à orientação Norte-Sul e Este-Oeste, aplicada usualmente nas cidades do Império Romano, o *Cardo* e o *Decumano* milaneses estabeleceram-se com as direcções Noroeste-Sudeste e Nordeste-Sudoeste, devendo-se esta orientação invulgar às condições naturais do terreno, nomeadamente o declive no sentido Sudeste. Esta inclinação foi aproveitada e convertida num instrumento de escoamento e irrigação de grande capacidade, potenciado pelas repetições das vias que correm paralelas aos eixos centrais e que definiam a totalidade da malha quadrangular.

Existia uma estreita relação entre o campo e a cidade, cujas vias se prolongavam para o exterior rural e definiam a forma dos próprios campos agrícolas periféricos (Imagem 003). Com o decorrer dos tempos, este desenho age como um factor de determinação da ocupação humana do espaço e do tipo e forma das habitações. A intersecção das duas vias principais originou a *Piazza San Sepolcro*, que se afirmou como um centro de ligações inter-urbanas onde era notória a precisão da planificação territorial. As vias que a atravessavam estabeleciam uma ligação directa a outros pontos importantes exteriores à cidade. A definição dos limites da cidade é marcada pela construção de muros, clarificando o seu estatuto e possuindo um valor jurídico e simbólico. As muralhas, inicialmente de planta quadrada, sofreram posteriormente uma ampliação para Nascente, adicionando a *Via dell'Orso* ao centro da cidade, bem como a *Via Monte di Pietá* e a *Via Montenapoleone* (Imagem 004). Outro factor importante é o facto de Milão ser uma cidade rica ao nível da presença de água no subsolo. Mas, não sendo atravessada por nenhum curso de água com um caudal robusto, tentará superar esta insuficiência com o estabelecimento de importantes sistemas hidráulicos de forma a dirigir os traçados dos rios para a cidade.

Na evolução da forma urbana a partir da época do imperador Diocleciano (r. 284-305), reconhece-se uma bipolaridade na hierarquia da cidade, distinguindo-se um sector imperial, bastante definido e isolável, e um sector citadino, mais popular, com habitações pequenas sem decorações e com actividades artesanais e comerciais. Posteriormente, dá-se uma progressiva ruptura com a cidade romana, que tinha a sua força e identidade na racionalidade das limitações e repartições da área urbana e na relação da cidade com o território. Durante o reinado de Constantino (306-337), acentua-se o abandono dos esquemas urbanos da antiguidade clássica, dando lugar a um desregrado adensamento dos arruamentos, mantendo-se, no entanto, a definição exacta do perímetro citadino. No século IV, durante o bispado de Santo Ambrósio, dá-se uma importante mudança na cidade, movendo-se o centro efectivo para a *Piazza Duomo*, reaproximando-se assim do local que havia sido originalmente o centro da cidade. Salienta-se, como legado relevante deixado pela presença romana no território, o anfiteatro, situado a poucos metros da actual *Porta Ticinese* (século II) e a basílica de *San Lorenzo* (séculos IV a V).

Imagem 003 – Cidade romana: esquema das vias de circulação e campos periféricos.

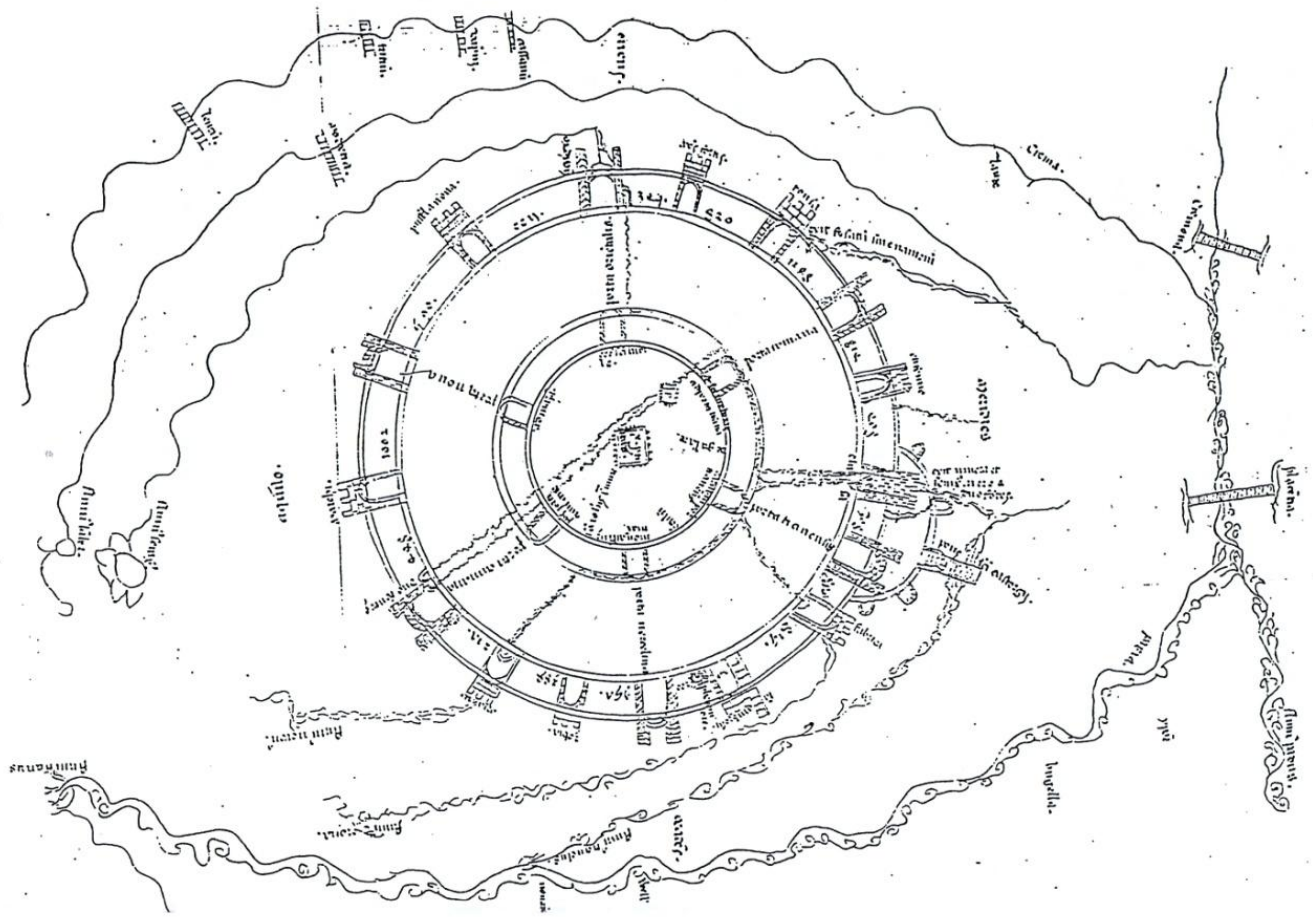
Imagem 004 – Cidade romana: demarcação das muralhas.



01.2 Período Medieval

Mais tarde, entre os séculos X e XIII, Milão estende os seus limites até à *Cerchia dei Navigli*, num crescimento radial irregular semelhante à expansão de uma mancha de óleo numa superfície plana. É entre 1156 e 1157 que se constroem simultaneamente a *Cerchia* e a *Cinta dei Terraggi*, um muro de terra erigido com o material retirado da escavação do fosso, completando assim um sistema defensivo destinado a sustentar as invasões iminentes de Frederico I da Germânia. Após sofrer as consequências da guerra, que geraram uma perda grave do património construído, o sistema é restaurado em 1167 e posteriormente refeito na íntegra em pedra, em 1171. Todo este processo, integrado na ampliação da cidade, redefiniu o sistema de saídas e determinou a existência de sete portas e doze *pusterle* com uma média de 20 metros de altura ao longo de toda a muralha circundante (Imagem 005). No entanto, os elementos citadinos não se limitavam ao interior da fortificação, existindo toda uma coroa em torno da cidade com edificado e à qual era atribuído um estatuto específico, a partir do século XII, distinguindo-se quer da cidade consolidada quer do campo: tratava-se essencialmente de uma zona com cemitérios e com a prevalência da dedicação ao culto religioso, chamada de *I Corpi Santi* (Imagem 006). Esta coroa externa subdividia-se em três paróquias: *San Lorenzo Maggiore*; *San Michele a la Chiusa*; e *San Pietro in Campo Lodigiano*. Durante este período delineia-se uma rede viária mais flexível e complexa mas menos clara do que o traçado romano. A ligação entre cidades, por exemplo, deixa de ser única e regular para passar a figurar um grande número de pequenas estradas serpenteantes (FRANGIONI, 1983).²

Imagem 005 – Planta esquemática de Milão medieval, com a *Cerchia dei Navigli* e as suas portas.
Imagem 006 – Cidade com a *Cerchia dei Navigli* e *Corpi Santi* no seu exterior.



O sistema de águas à superfície irá também neste período ser reorganizado, prolongando troços existentes e tornando outros navegáveis, como por exemplo o *Naviglio Grande* (a actual *Via Sambuco*) (Imagem 007) que, até 1270, não era usado para navegação. Ao passar a sê-lo, este percurso é prolongado até bem mais próximo das portas da cidade, contribuindo para o fluxo de mercadorias através da malha urbana.

“As águas constituíam, para Milão, no baixo medieval, se calhar mais do que em qualquer outra cidade, um bem precioso do qual dependiam a defesa, o fornimento urbano, o funcionamento dos ofícios e a própria produtividade agrícola nos campos.” (CHIAPPA MAURI, 1984).³

Mais tarde, no século XIV, é efectuada outra obra defensiva, a cerca de 700 metros da *Cerchia dei Navigli*. Esta nova fortificação, o *Redefosso*, (Imagem 008) era na sua essência uma ampliação de um canal pré-existente no extremo Norte de Milão destinado a proteger os bairros entretanto desenvolvidos ao longo das vias de acesso à cidade, chegando mesmo a tornear não só o lado Norte como também os lados Oeste e Sul, em 1323.

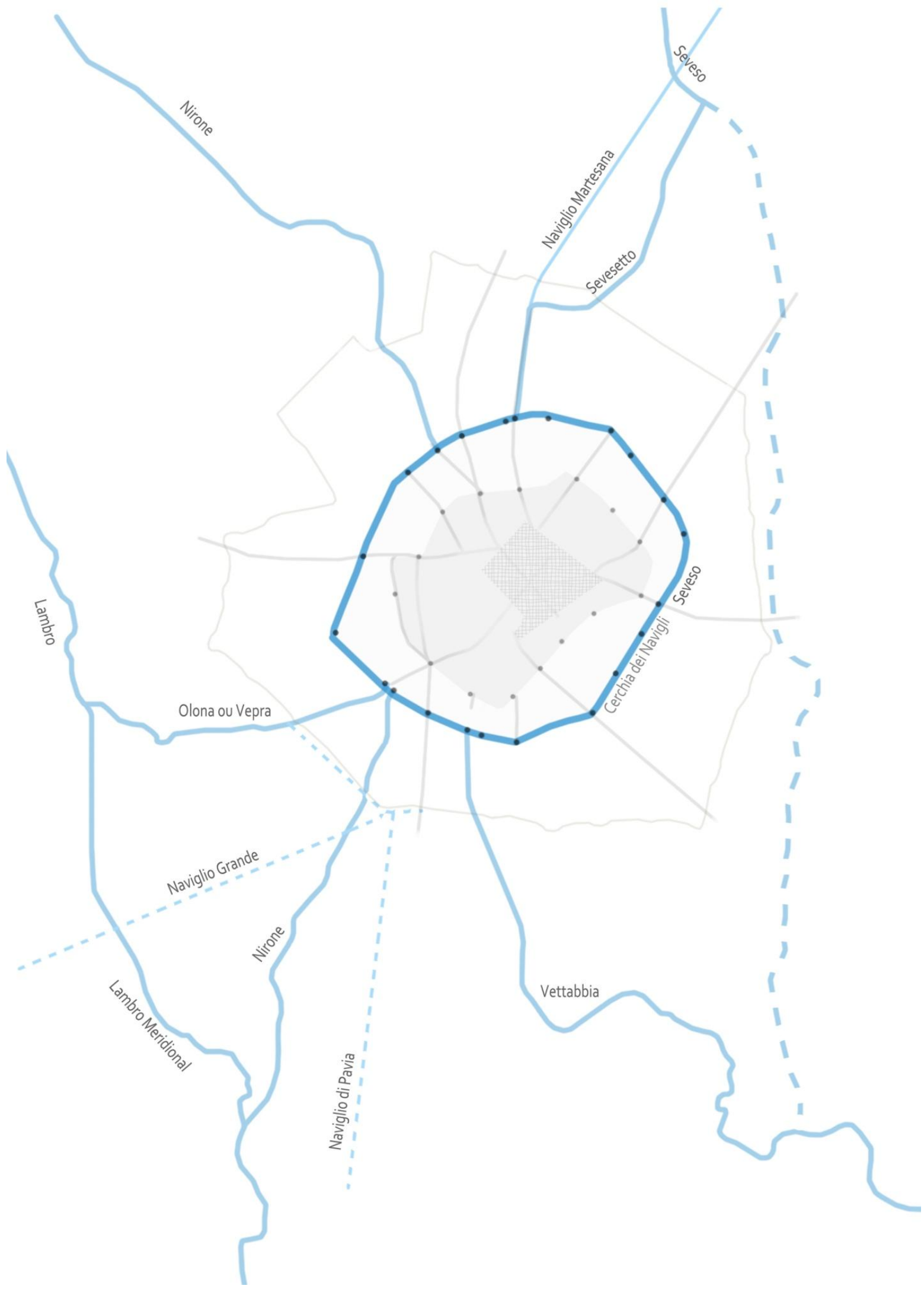
01.3 Período Renascentista

Juntamente com esta adição, o desenvolvimento da cidade para lá da *Cerchia dei Navigli* descaracterizou-a enquanto estrutura defensiva, sendo que no século XV o seu papel no funcionamento da cidade era essencialmente de circulação. Assim, em 1497, o canal é alvo de obras de estreitamento segundo um projecto de Leonardo da Vinci, reduzindo os seus 24 metros de largura para cerca de 11 metros, deixando uma faixa de 13 metros de novo terreno urbano livre ao longo de um canal de comunicação de grande alcance. Este espaço resultante foi aproveitado e deu-se então o desenvolvimento de um tipo específico de edifício orientado para as trocas comerciais através do canal fluvial, as *Sciostre* (Imagem 009). Como consequência do constante alargamento da cidade e definição dos seus limites e da natural imposição de infraestruturas militares defensivas, será aproveitado o *Redefosso* para o desenvolvimento de uma construção mais robusta, tendo em vista a protecção de Milão.

Imagem 007 – *Navigli* (canais fluviais) de Milão na época medieval.

Imagem 008 – Esquema das vias e das muralhas de Milão na época medieval.

Imagem 009 – Esquema ilustrativo das *Sciostre* após a intervenção da *Cerchia dei Navigli*.



Nirone

Seveso

Naviglio Martesana

Sevesetto

Lambro

Olona ou Vepra

Seveso
Cerchia dei Navigli


Naviglio Grande

Nirone

Vettabbia

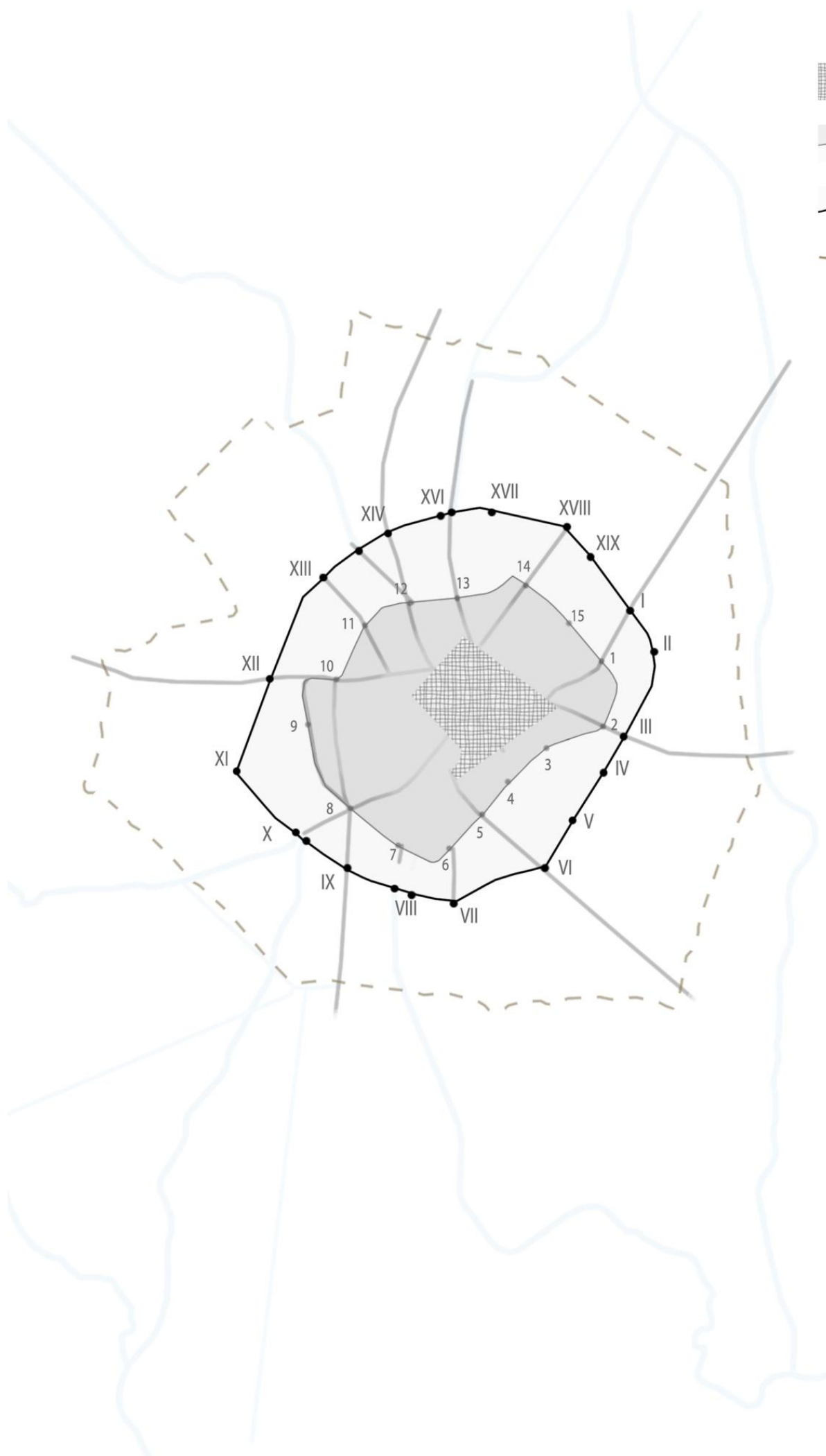
Lambro Meridional

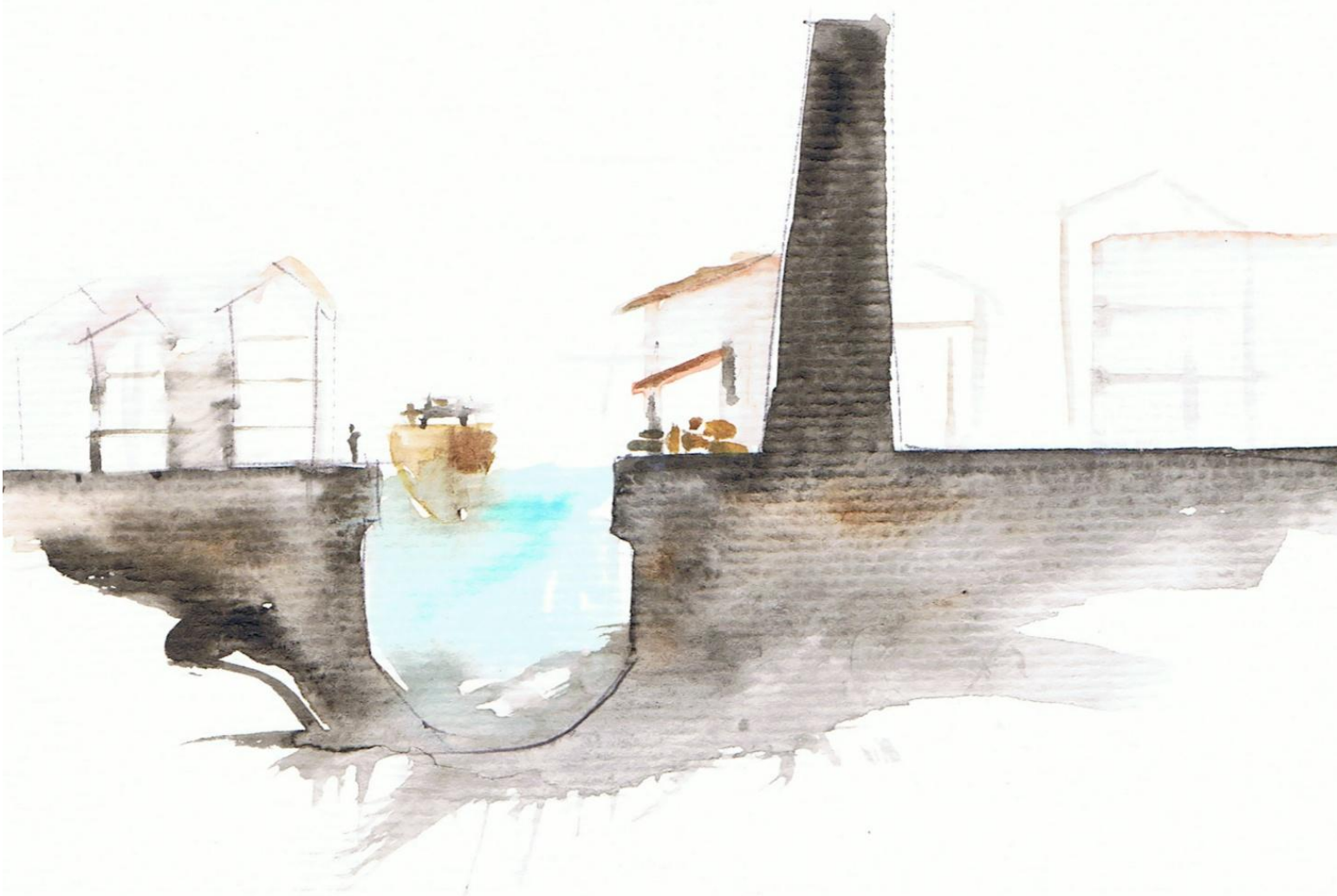
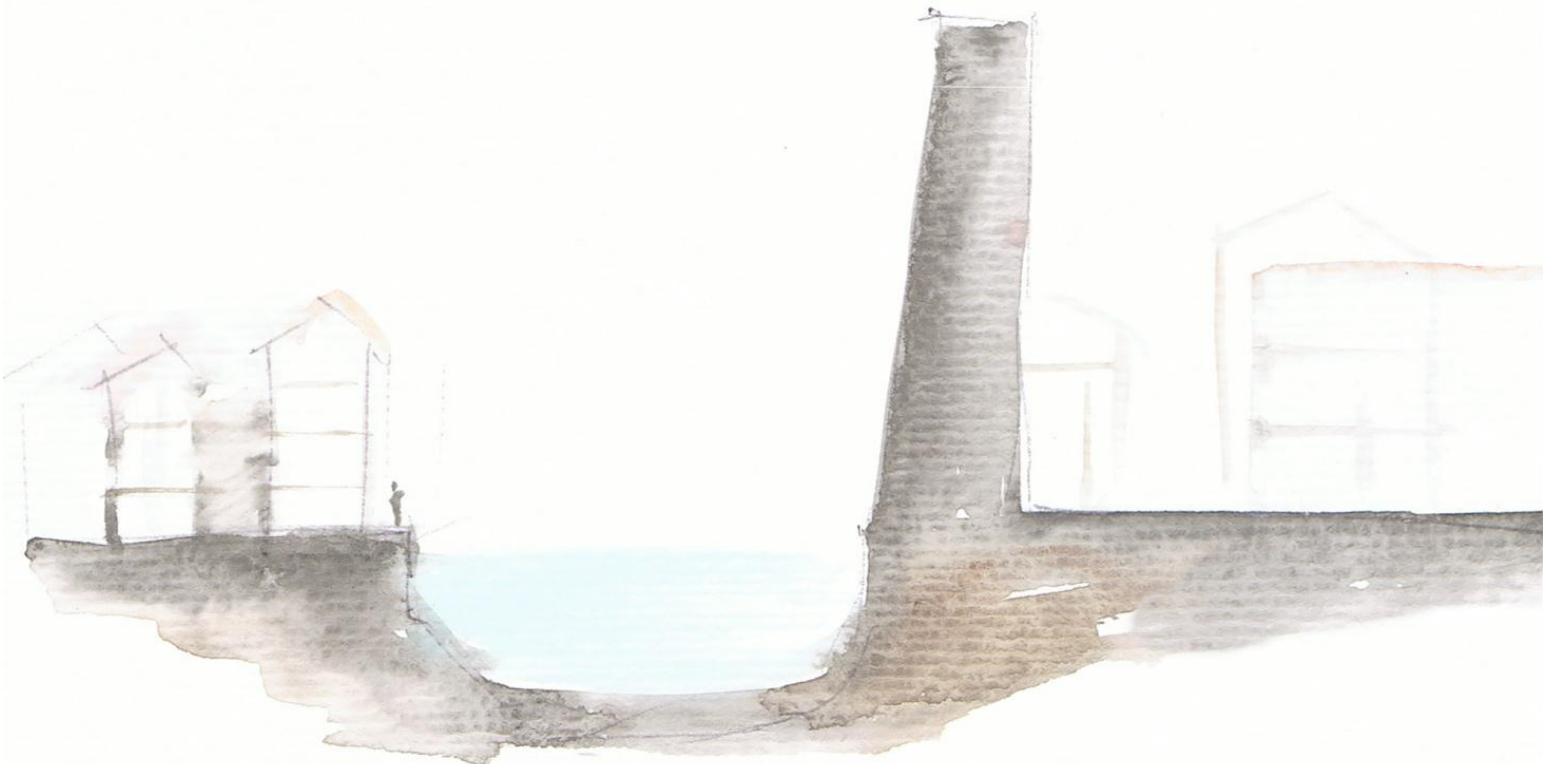
Naviglio di Pavia

-  Núleo Celta
-  Muros da cidade Romana por volta de 120
-  Cherchia dei Navigli
-  Redefosso ou Muralhas Espanholas

- 1 Porta Orientale
- 2 Porta ou Posterla Tosa
- 3 Pusterla di S Stefano
- 4 Pusterla di Bottonuto
- 5 Porta Romana
- 6 Porta ou Pusterla S. Eufemia
- 7 Pusterla di S. Lorenzo
- 8 Porta Ticinese
- 9 Pusterla di S. Ambrogio
- 10 Porta Vercellina
- 11 Porta ou Pusterla Giovia
- 12 Porta Comacina
- 13 Pustrela della Brera
- 14 Porta Nuova
- 15 Pusterla Nuova

- I Porta Orientale
- II Pustrela di Monforte
- III Porta Tosa
- IV Pustrela di S. Stefano
- V Pustrela di Bottonuto
- VI Porta Romana
- VII Pustrela di S. Eufemia
- VIII Pustrela di S. Lorenzo
- IX Porta Ticinese
- X Pusterla dei Fabbri
- XI Pusterla di S Ambrogio
- XII Porta Vercellina
- XIII Porta Giovia
- XIV Pustrela delle Azze
- xV Porta Comacina
- XVI Pusterla della Brera
- XVII Pusterla di Borgo Nuovo
- XVIII Porta Nuova
- XIX Pusterla Nuova





É em 1507, sob a égide da governação francesa (1499-1540), que esta obra é começada, tendo em vista a defesa da cidade na guerra com Veneza no ano seguinte. Esta cinta muralhada possuiria bastiões e, na sua concepção, seriam tidas em consideração as saídas já existentes na *Cerchia dei Navigli* (FANTONI, 1990).⁴ No entanto, foi apenas mais tarde, durante a governação espanhola da cidade, que se irá completar a construção da cintura fortificada por ordem do governador de Milão Ferrante Gonzaga, (r. 1546-1554), sendo que em 1552 se desenvolvia já em torno da *Porta Romana* e até à *Porta Ticinese*, estando finalizada em 1560. (SCOTTI, 1977).⁵ À partida, a característica que se salienta nesta fortificação é a sua modernidade à época, expressa na forma e orientação dos baluartes, que tinham um ângulo agudo virado para o exterior de forma a evitar golpes perpendiculares da artilharia inimiga. Apesar de esta muralha torneir toda a cidade, acaba por ser privilegiado um eixo de simetria que correspondia ao *Castello Sforzesco*, abandonando os esquemas circulares usados durante a época medieval (Imagem 010) (ANNONI, 1984).⁶

“Com este fortificar, Milão corta a esperança e o caminho aos inimigos de a conquistar e aumenta a entrada das suas V. M.; faz os cidadãos mais seguros, mais ricos e por consequência mais úteis, e o castelo mais forte contra os adversários de fora e mais duro com os insolentes de dentro.” (BELTRAMI, 1897)⁷

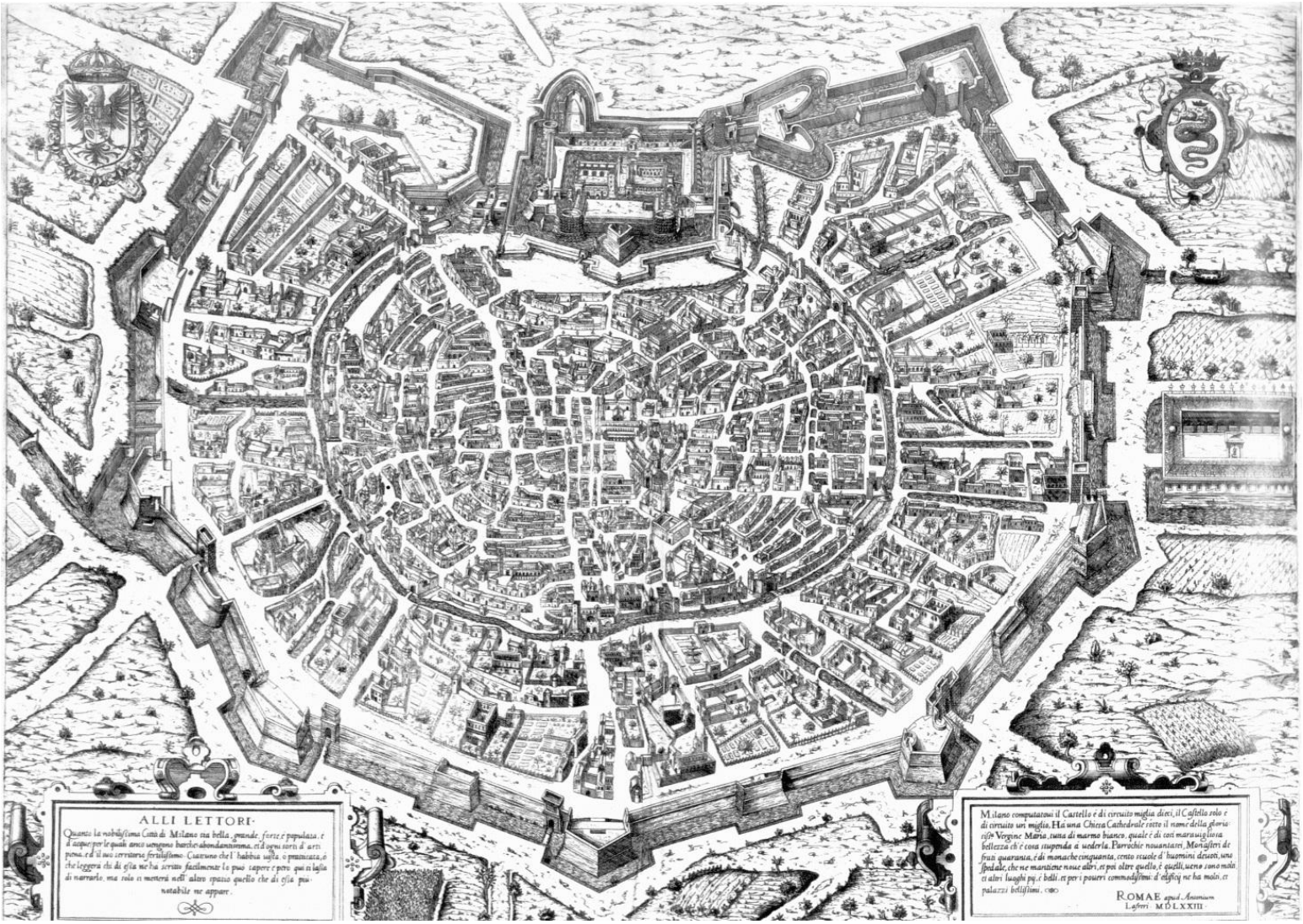
É entre os séculos XV e XVI que os sistemas hidráulicos de Milão atingem o seu desenvolvimento máximo (Imagem 011).

01.4 Período Neoclássico

Os próximos acontecimentos relevantes no panorama urbano de Milão deram-se no século XVIII, durante o período Neoclássico. Em meados deste século, a cidade possuía um carácter fortemente religioso com cerca de uma centena de conventos e 160 igrejas, sendo que um terço dos terrenos urbanos era propriedade da Igreja.

Imagem 010 – Planta perspectivada de Milão em 1573, por Antonio Lafrery.

Imagem 011 – Perspectiva e planta de Milão, por Leonardo da Vinci, ilustrativa dos canais.



ALLI LETTORI

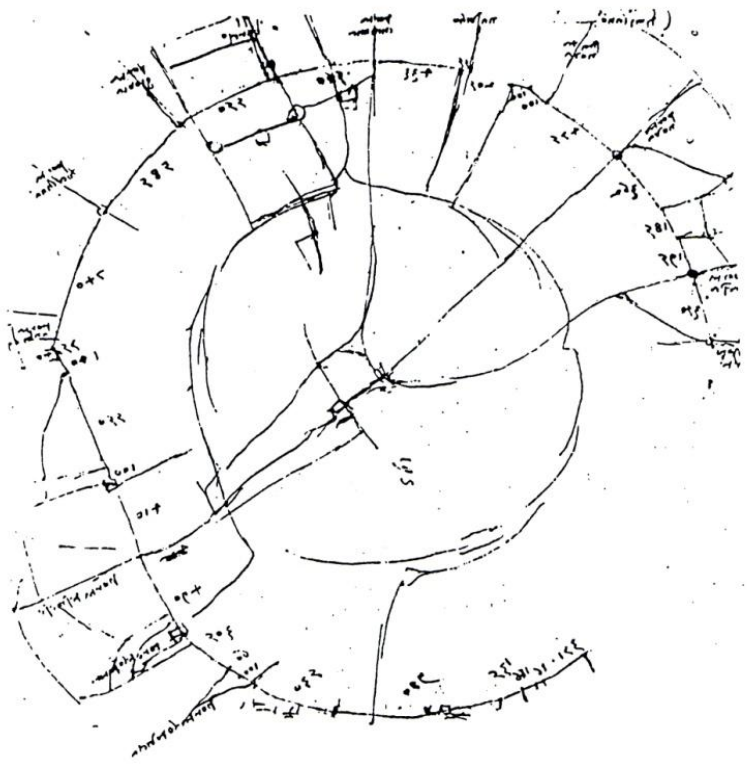
Questo la nobilissima Città di Milano ma bella, grande, forte e popolata, è di spazio per le quali sono sempre bastate abbondantemente, ed ogni sorta di arti, pena, e di suo servizio fortissimo. Costoro che l'habbino usata, o praticata, o che leggano che di ella ne ha scritto facilmente lo può sapere e però qui si legge di narrarlo, ma solo si metterà nell'altro spazio quello che di ella può notabile ne appare.

Milano computandosi il Castello e di circuito miglia dieci, il Castello solo e di circuito sei miglia. Ha una Chiesa Cathedralre sotto il nome della gloriosa signora Vergine Maria, soma di marmo bianco, quale è di così maravigliosa bellezza che è cosa stupenda di vederla. Parrocchie novantatré. Monasteri de' frati quarantuna, e di monache cinquanta, cento scuole di bambini dritti, una spedale, che ne mantiene nasse altri, et poi altre quelle, e quelli sono i nomi di altri luoghi più belli, et per i poveri commodissimi di edifizio ne ha molti, et palazzi bellissimoi. etc.

ROMAE apud Antonium
Loffri MDLXXIII.



3
2
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100



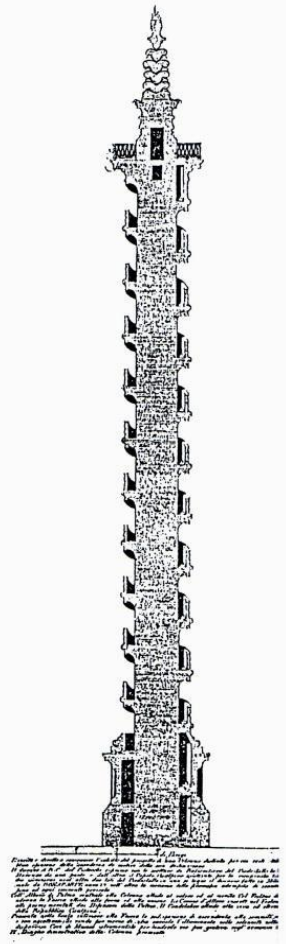
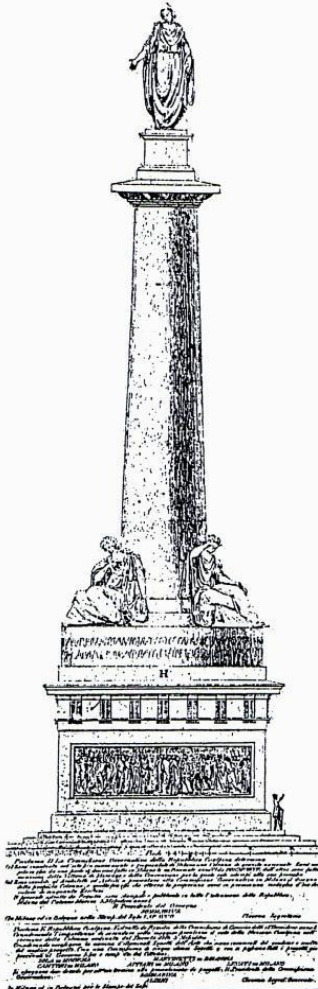
Uma vasta parte da cidade afastava-se da vivência quotidiana dos cidadãos através de muralhas e do fechar de espaços: quarteirões fechados, bairros muralhados, hortas de mosteiros e inúmeros claustros de igrejas inacessíveis ao público, etc. (MEZZANOTTE, 1982).⁸ O impacto do Neoclassicismo na cidade nasce das reformas de Maria Teresa d’Habsburgo e José II (r. 1740-1780 e r. 1780-1790) que, com a abolição das imagens e cruzes que Carlo Borromeo tinha polvilhado pela cidade durante o seu bispado (1564-1584) e a supressão de muitos conventos e confrarias, irá provocar, mais uma vez na história da cidade, uma perda grave da sua imagem e património.

Napoleão Bonaparte, com a vitória alcançada sobre as tropas austríacas em Marengo em 1800, traz de novo as forças armadas francesas para o território. No decorrer destes eventos, Milão ganha um estatuto que a reconhece como um centro dos novos ideais republicanos e torna-se num lugar de renascimento da vida civil e das artes. Assim, no dia 14 de Junho de 1800 é lançado um concurso na cidade para a construção de uma coluna comemorativa da vitória de Napoleão, durante o qual se destacam as propostas de dois arquitectos: Giovanni Antolini e Giuseppe Pistocchi (Imagem 012). Antolini tinha um respeito filológico pelos modelos da antiguidade, apresentando duas propostas, sendo a primeira muito clássica, uma grande coluna dórica com formas geométricas extremamente depuradas e essenciais, que se assemelhava a um projecto do milanês Domenico Aspari, e a segunda um pouco mais complexa (Imagem 013). Pistocchi, por sua vez, apresentou um desenho mais livre, defendendo uma obra com mais “génio”, mais imaginativa, que se opunha à clareza e imediata compreensão do detalhe clássico e remetia para os elementos mais exóticos de outras culturas, entre elas a egípcia. Enquanto o primeiro, seguindo uma teoria mais milanesa, defendia que a “imitação”, perseguida com perseverança, poderia gerar a criação de uma obra não idêntica mas sim análoga ao modelo clássico, garantindo beleza, clareza e eternidade, o segundo almejava o desenho de elementos sugestivos capazes de traduzir a liberdade criativa do autor, baseados numa cultura vasta e enciclopédica. O concurso foi ganho por Antolini, sendo este resultado consequência das linhas pelas quais a corrente de pensamento milanesa se orientava, e orienta, com um grande respeito pelo passado e pelo legado dos grandes mestres da antiguidade.

Imagem 012 – Projecto de Pistocchi para a actual *Piazza XXIV Maggio*.

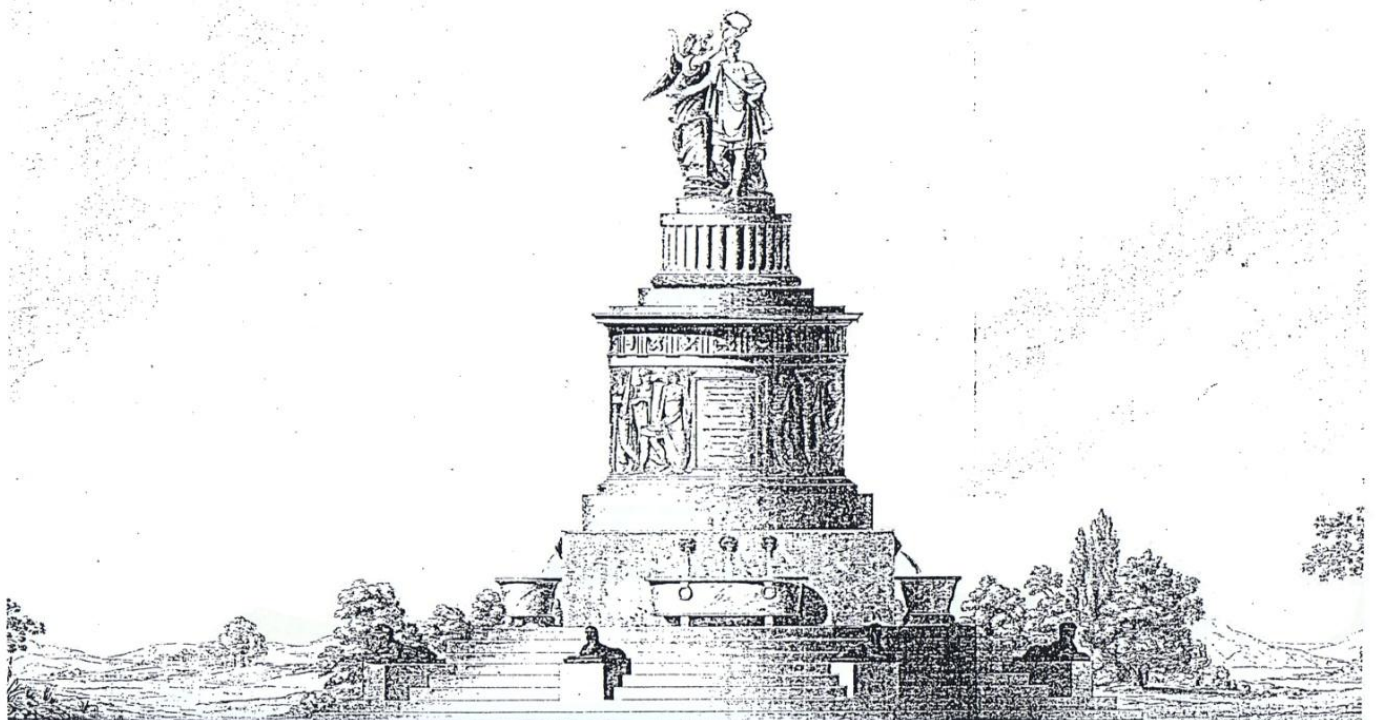
Imagem 013 – Projecto de Antolini para a actual *Piazza XXIV Maggio*.

Due delle proposte presentate al concorso ordinato dal Governo di Milano all'Esposizione dell'anno 1835. Repubblica
 di contrapposizione all'Esposizione di Torino in conformità del programma di cui è quale sottoposto al concorso dell'Esposizione
 delle Scienze e Belle Arti di Torino, a cui appella contro la disposizione del premio fatto a favore del Disegno di parolle di
 "Statua di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma".



Il Monumento di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma. Disegno di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma. Disegno di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma.

Il Monumento di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma. Disegno di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma. Disegno di Carlo Alberto, siccome progetto estremo al Programma.



Esta obra acabou por não se realizar, mas em honra a esta vitória, e tendo em conta que a entrada triunfal de Napoleão se fez pela *Porta Ticinese*, esta muda o nome para *Porta Marengo* (MEZZANOTTE, 1982).

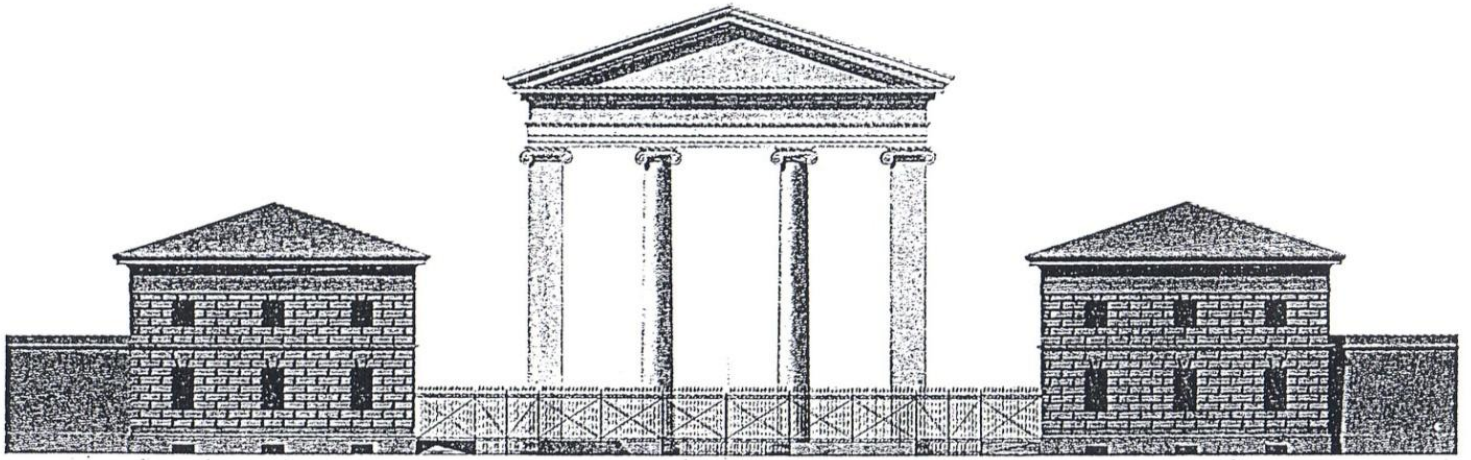
A tradição arquitectónica de Milão era bastante enraizada no classicismo tendo sido, no período Neoclássico do final do século XVIII, difundida a perspectiva racionalista com o desenvolvimento dos trabalhos dos arquitectos Piermarini, Pollack e Soave. Surge também uma vertente paladiana introduzida por Cantoni. Estas duas tendências paralelas e antagónicas foram aglutinadas e exploradas por Cagnola com sucesso, algo bem expresso nas suas melhores obras, tais como o *Campanile di Ugnano*, as *Chiese Concorezzo e Ghisalba* e o átrio da *Porta Marengo*, acabada em 1815. Neste último, Cagnola, com um grande sentido plástico e capacidade de síntese no desenho, alcança um feliz equilíbrio entre a sobriedade racionalista e os elementos reminiscentes da arquitectura paladiana e romana (Imagem 014).

Nesta altura não é atribuído grande valor ao tecido urbano enquanto conjunto, sendo apenas reconhecidos como herança do passado elementos arquitectónicos específicos, individuais, sendo que muitos tecidos urbanos vão ser encarados como impedimentos à renovação da cidade ou considerados inúteis. Surge então a questão sobre o que se deveria fazer ao intervir nas zonas históricas da cidade. O que preservar? O que demolir? O que restaurar? Estas questões põem-se em paralelo com as teorias de conservação e restauro que surgem na segunda metade do século XIX. Até a zona da Porta Ticinese é objecto de debate, até ser tomada a decisão de a restaurar. Este restauro, da autoria de Camillo Boito, será feito como seria normal num enquadramento milanês, vai fazê-lo segundo os princípios do Restauro Estilístico, numa procura de reencontrar o modelo arquitectónico que representasse exactamente um determinado período histórico (CASSISI, 1991).⁹

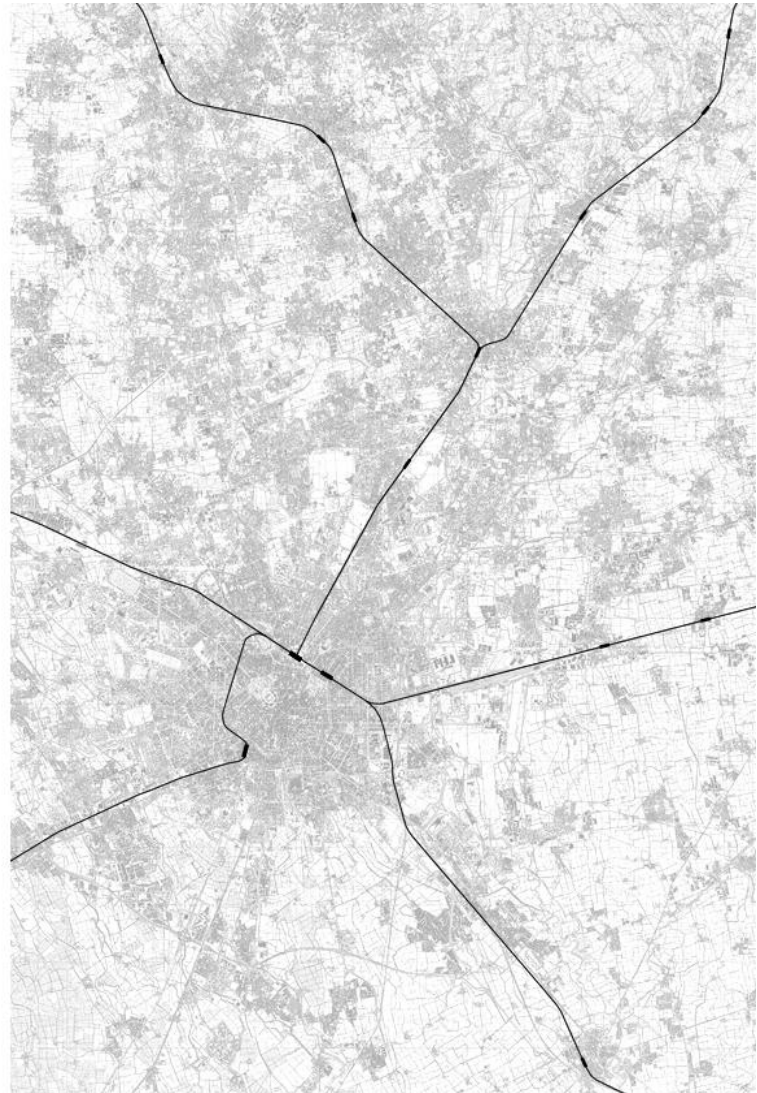
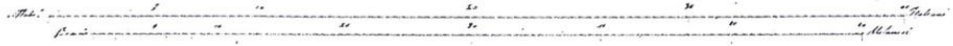
“É para a história que Boito perscruta continuamente, a história que segue a ordem dos factos simultaneamente à das ideias, ligada ao modelo.” (CASSISI, 1991)

É por volta de 1840 que surge a primeira ferrovia em Milão, unindo a cidade a Monza. A introdução das linhas ferroviárias, (Imagem 015) que com o decorrer do tempo se multiplicam, vai permitir o intensificar de uma nova dinâmica de transacções comerciais.

Imagem 014 – Alçado do monumento projectado por Cagnola para a actual *Piazza XXIV Maggio*.
Imagem 015 – Desenvolvimento das linhas ferroviárias, em 1840 e 1873.



*Disegno del Monumento di Villa Pisani,
con i due Casini di Venezia, e con la Barriera
Opera di Luigi Capello Milanesi.*



O aparecimento destas linhas de ferro vai talhar e seccionar zonas de cidade, sendo que estes traçados acabam por gerar tipos de ocupação urbana diferentes. Um exemplo disto é o caso da *Porta Genova*, na zona Sudoeste da cidade, onde a linha ferroviária vai demarcar fortemente a área habitacional, que se situava entre a mesma e o centro, da zona industrial, para o lado de fora.

01.5 Século XIX: Segunda Metade

Tal como o planeamento da *Porta Genova* foi uma das primeiras expansões urbanas organizadas, outros se vão suceder, espelhando uma preocupação, a nível generalizado, pelo facto da cidade se encontrar tão seccionada a nível urbano e pela previsão da sua ampliação iminente. Entre os vários planos idealizados pelo Eng.º Fasana (Imagem 016), um dos elementos mais marcantes era a via de circunvalação externa situada a uma distância de 600/800 metros das muralhas abaluartadas espanholas do século XVI. Este projecto influenciará Beruto no seu plano. Este vai ser o primeiro plano a ser aprovado como plano urbanístico global em Milão. As suas directrizes vão ser: a criação do maior número possível de ligações entre as partes externa e interna da cidade de forma a criar-se um todo; regular e preparar a ampliação prevista da cidade; efectuar melhoramentos pontuais nas situações problemáticas da cidade (BERUTO, 1884).¹⁰ Estas intenções de projecto têm como consequência a proposta da demolição dos bastiões espanhóis, que assim dão lugar a novas ligações e circulações entre o interior e exterior. Está também prevista no seu plano a realização de uma circunvalação externa, já antes apresentada nos planos de Fasana, que vai condicionar e delimitar a expansão urbana. No que diz respeito aos canais fluviais, um elemento desde sempre relevante na morfologia urbana de Milão, o plano prevê o tapar de muitos *Navigli* importantes na cidade, como o *Redefosso*, o *Seveso*, o *Borgognone*, a *Vettabia*, etc. (Imagens 017 e 018).

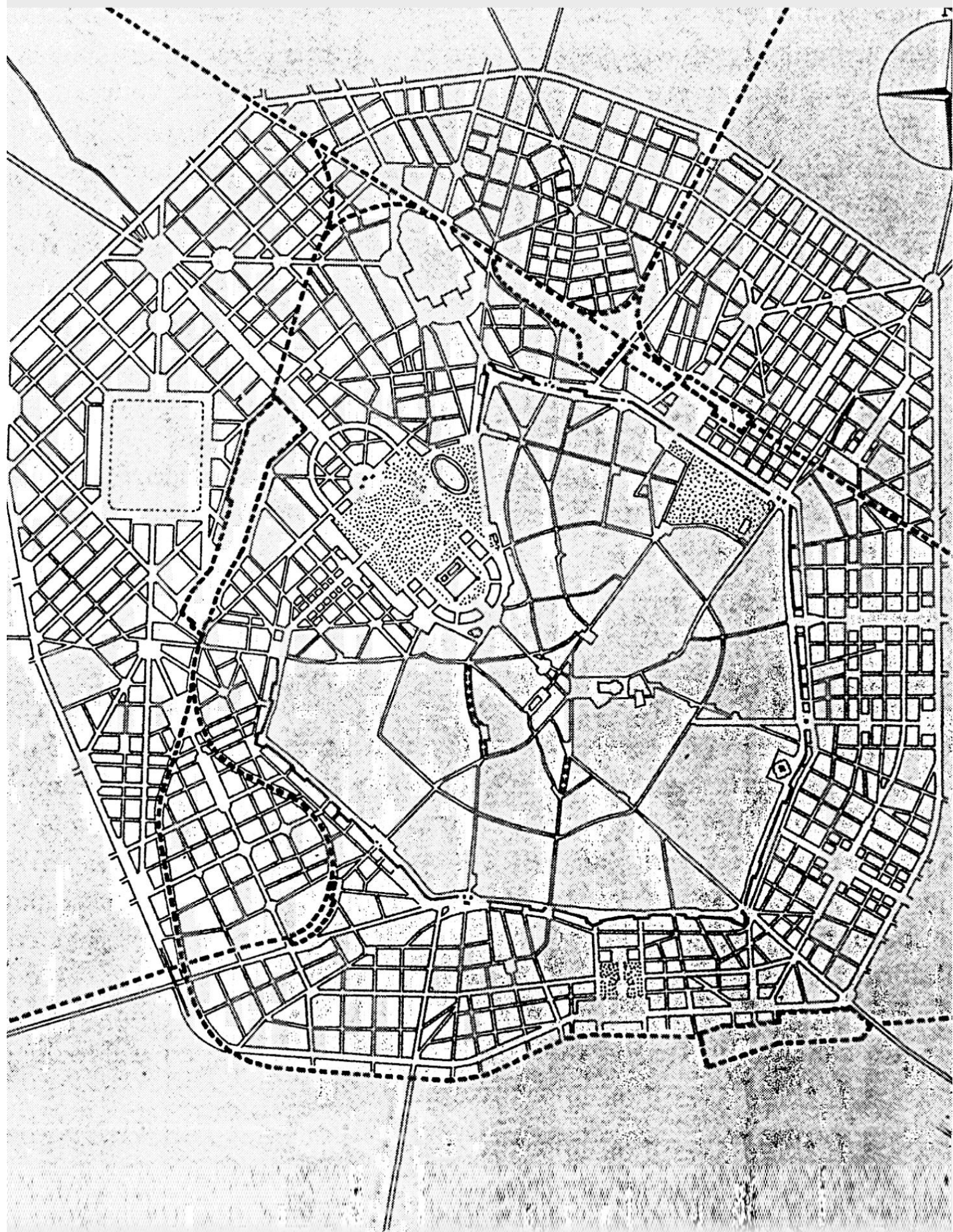
Imagem 016 – Plano urbanístico de Fasana.

Imagem 017 – Plano urbanístico de Beruto, de 1884.

Imagem 018 – Pormenor de plano urbanístico de Beruto, de 1889.







01.6 Século XX

Entre 1911 e 1920, os bastiões espanhóis da *Porta Marengo* são finalmente demolidos. Nos anos seguintes, até ao início dos anos 40 do século XX, multiplicam-se os planos urbanísticos, tais como os de Albertini (Imagem 019), de De Finetti (Imagem 020) e do grupo racionalista liderado por Bottoni (Imagem 021), entre muitos outros. Porém, durante os pesados anos da Segunda Guerra Mundial, Milão sofre uma vez mais uma forte destruição devido aos bombardeamentos após a ocupação alemã de 1943 (Imagem 022). Vendo violentamente desfiguradas grandes zonas da cidade, Milão e os seus habitantes vão de novo passar por um processo de reconstrução e catarse, acompanhado de um grande crescimento económico. Estas catástrofes canalizam as reconstruções num sentido intencional de ligação às origens, numa procura de conforto sob a segurança de um passado estável, o que se vai espelhar na nova construção e nas reflexões dos arquitectos da cidade, reforçando ainda mais a perspectiva fortemente tradicionalista.

O objectivo de qualificar as novas zonas de expansão com uma intervenção medida e interessante era um dever tentador para qualquer arquitecto, que podia desta forma não só desenvolver os seus temas e ideias com uma certa liberdade como também manter os traços característicos do ambiente urbano, produzindo edifícios com todas as virtudes e estados de graça que derivam da segurança de uma cultura profundamente enraizada (Imagem 023). Aldo Rossi foi o maior representante da arquitectura do pós-guerra em Milão, pertencendo à primeira geração de arquitectos italianos modernos a escrever com regularidade e a exercer uma reflexão teórica e crítica enquanto partes integrantes do processo de projecto. Esta geração dá uma atenção especial à temática da cidade e no discurso da arquitectura como forma, em particular como forma na história.

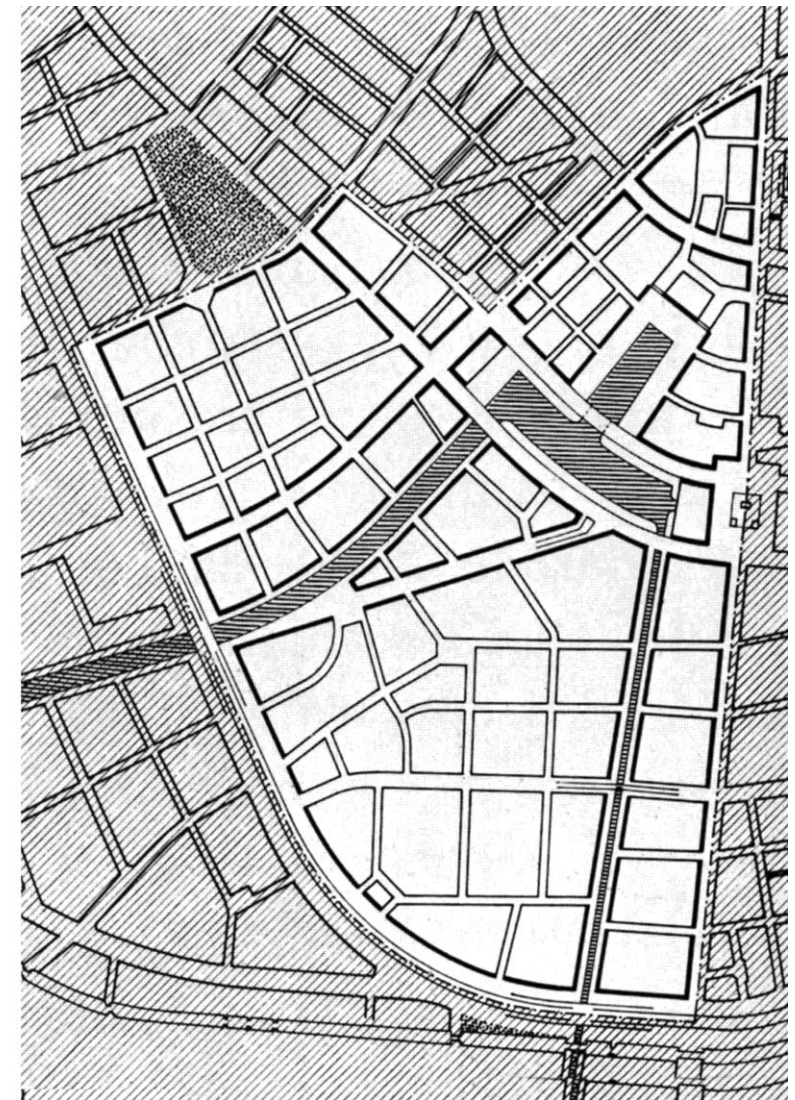
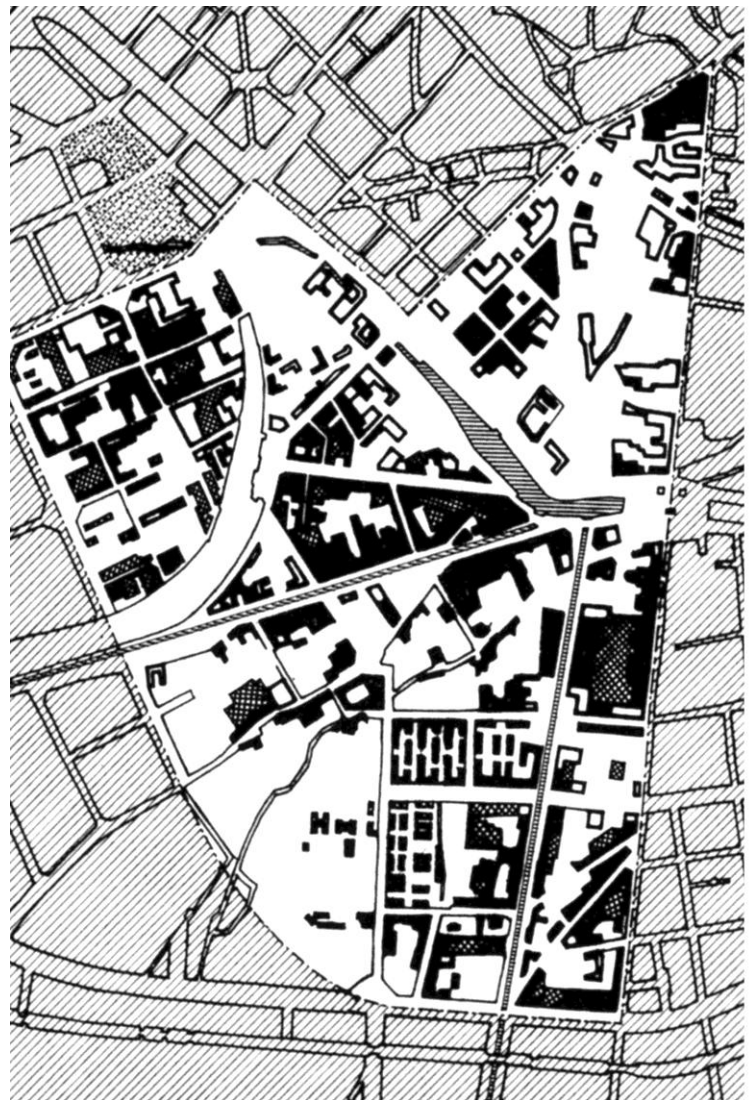
Imagem 019 – Plano urbanístico de Albertini.

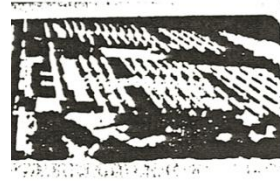
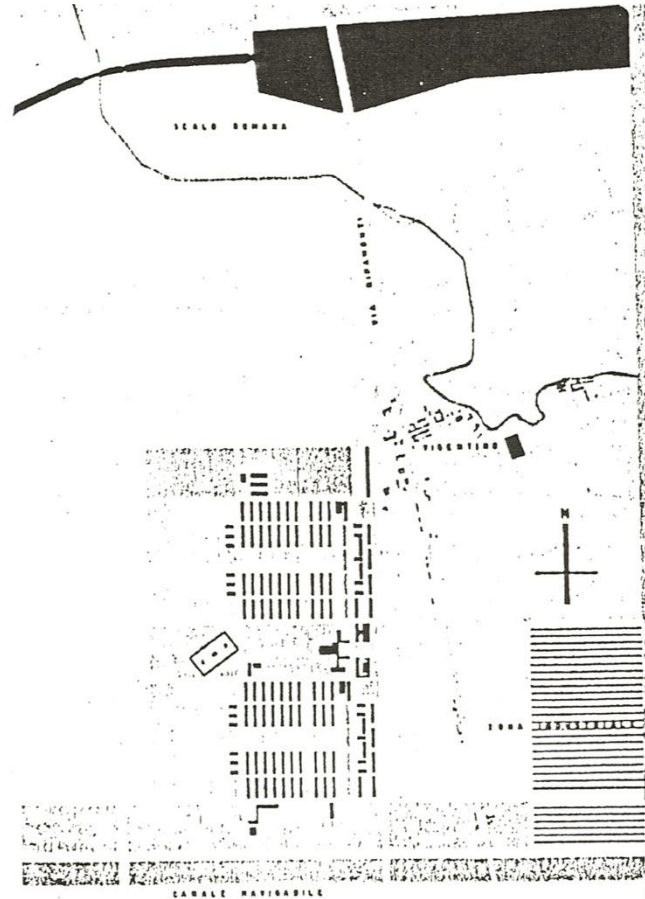
Imagem 020 – Plano urbanístico de De Finetti.

Imagem 021 – Plano urbanístico do grupo de Bottoni.

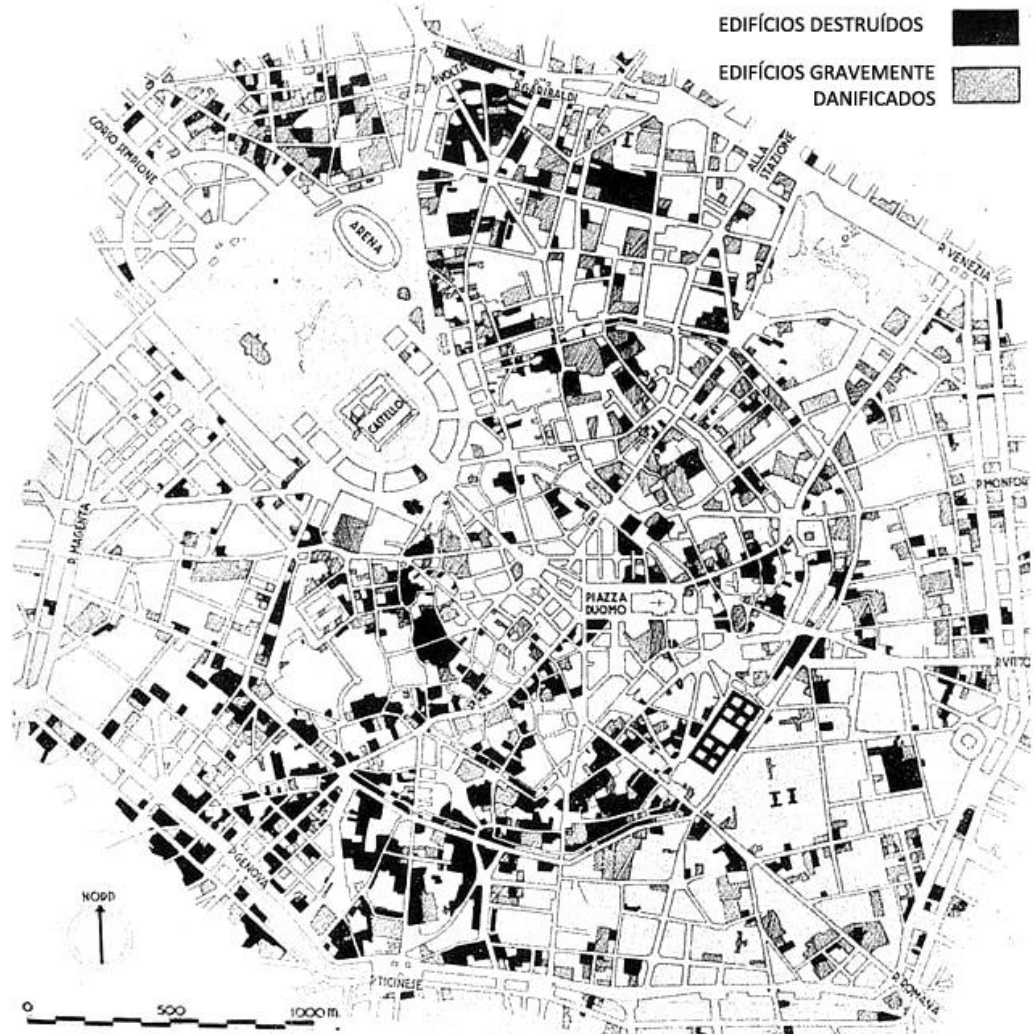
Imagem 022 – Planta do centro da cidade após os bombardeamentos da 2ª Guerra Mundial.

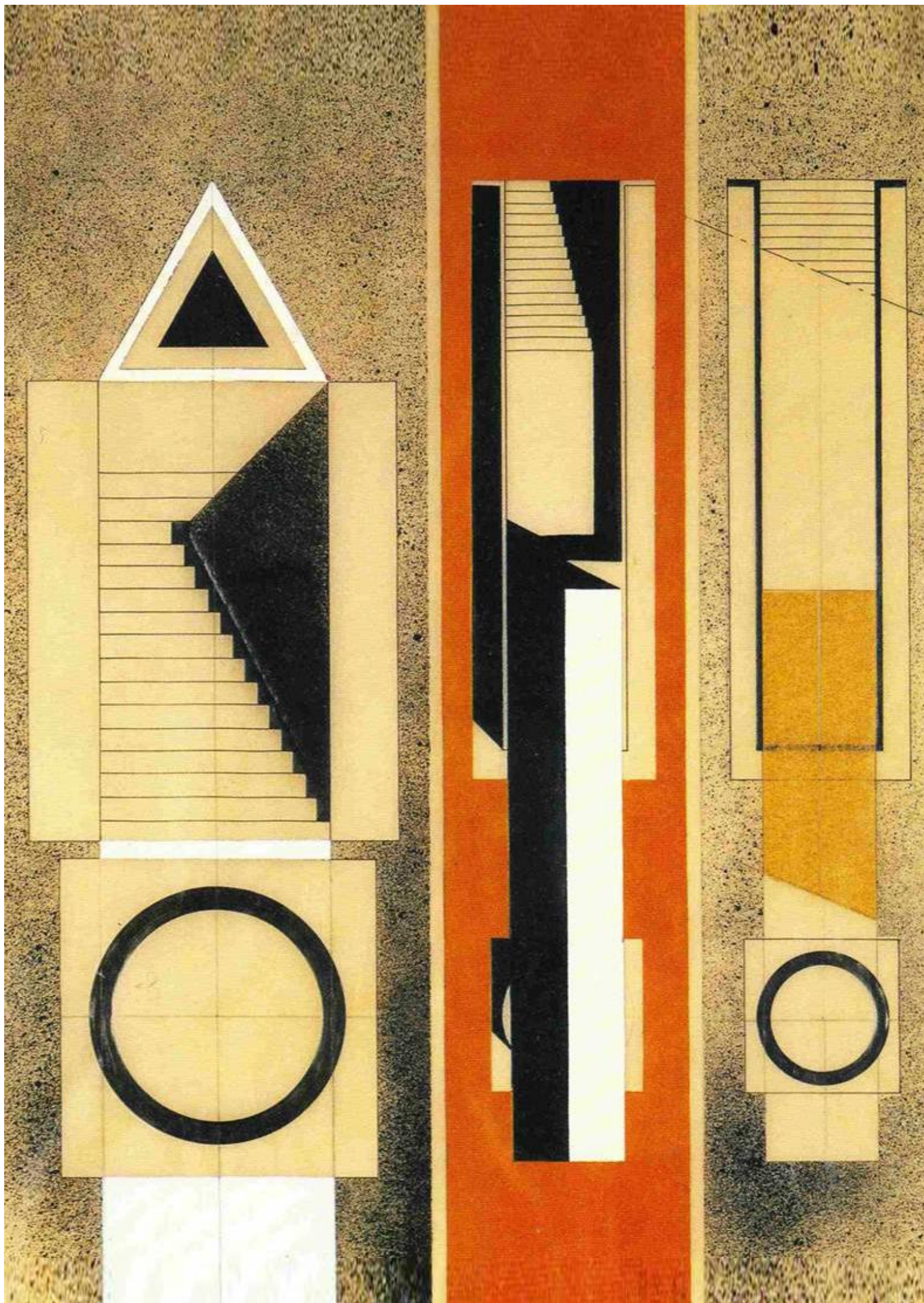
Imagem 023 – Praça do município e monumento aos Partisans, em Segrate, de Aldo Rossi.
Tinta-da-china e Óleo sobre papel vegetal.





QUARTIERE "ARNALDO MUSSOLINI" DISTANZA DAL DORMIO KM. 4,5 - AREA MQ. 1.011,4





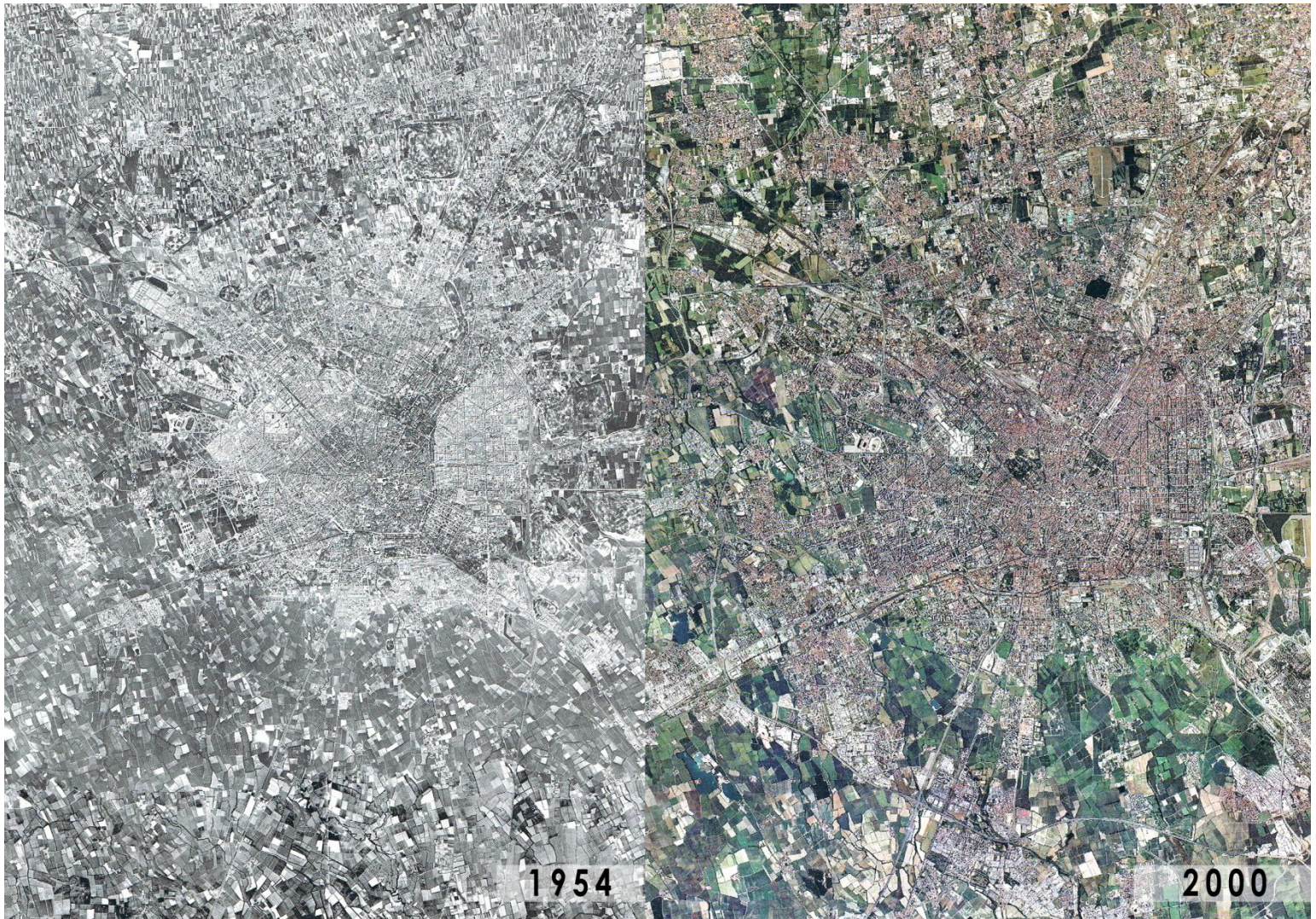
Em paralelo, a escola de Milão sempre foi particularmente académica, considerando os modelos clássicos como exemplos a seguir e defendendo a existência de uma relação entre a peça arquitectónica e o contexto histórico pré-existente. Rossi, inserido simultaneamente neste contexto e no movimento moderno, defende não só a autonomia da forma e das ideias como também a permanência dos traços marcantes na história do desenvolvimento da cidade, dando lugar na sua prática arquitectónica a uma poética muito pessoal na qual emergiam por um lado o rigor e a racionalidade dos princípios e por outro lado a nostalgia de infância e um especial apreço pela Lombardia e pela sua história.

Um dos exemplos mais marcantes desta dicotomia é a *Torre Velasca*, da autoria da parceria de arquitectos BBPR, na qual está patente o conceito moderno do arranha-céus conjugado com uma formalização profundamente enraizada nas linguagens do passado e das construções tradicionais de Milão (Imagem 024). A reconstrução do segundo pós-guerra não é apenas económica ou arquitectónica. É a reconstrução de uma sociedade, da sua moral e das suas esperanças e expectativas.

Outro fenómeno desta época do pós-guerra e devido ao crescimento económico, foi a atracção de milhares de imigrantes e a consequente ampliação dos vários pólos urbanos em torno de Milão (Imagem 025). Com a extensão das infraestruturas e redes de comunicação, o território urbano transforma-se numa estrutura policêntrica de grande densidade mas caótica, chegando a atingir uma população de 1,7 milhões de habitantes em 1971. Todos estes desafios urbanísticos acabam por guiar a construção, reconstrução e transformação da cidade, sedimentando um profundo sentimento de autonomia de Milão.

Imagem 024 – *Torre Velasca*, em Milão.

Imagem 025 – Estrutura urbana da cidade em 1954 e 2000.



02 A ÁREA DE INTERVENÇÃO

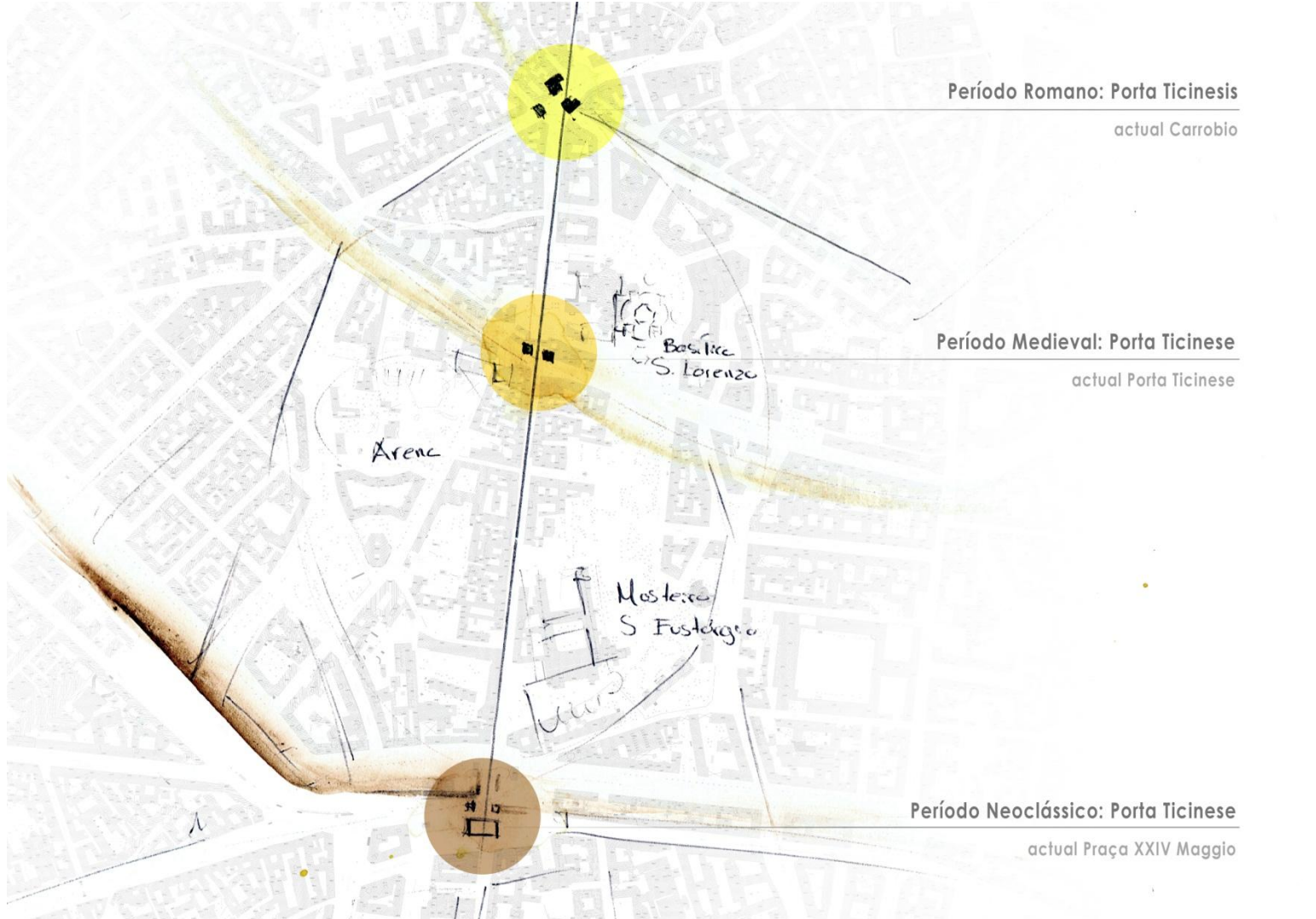
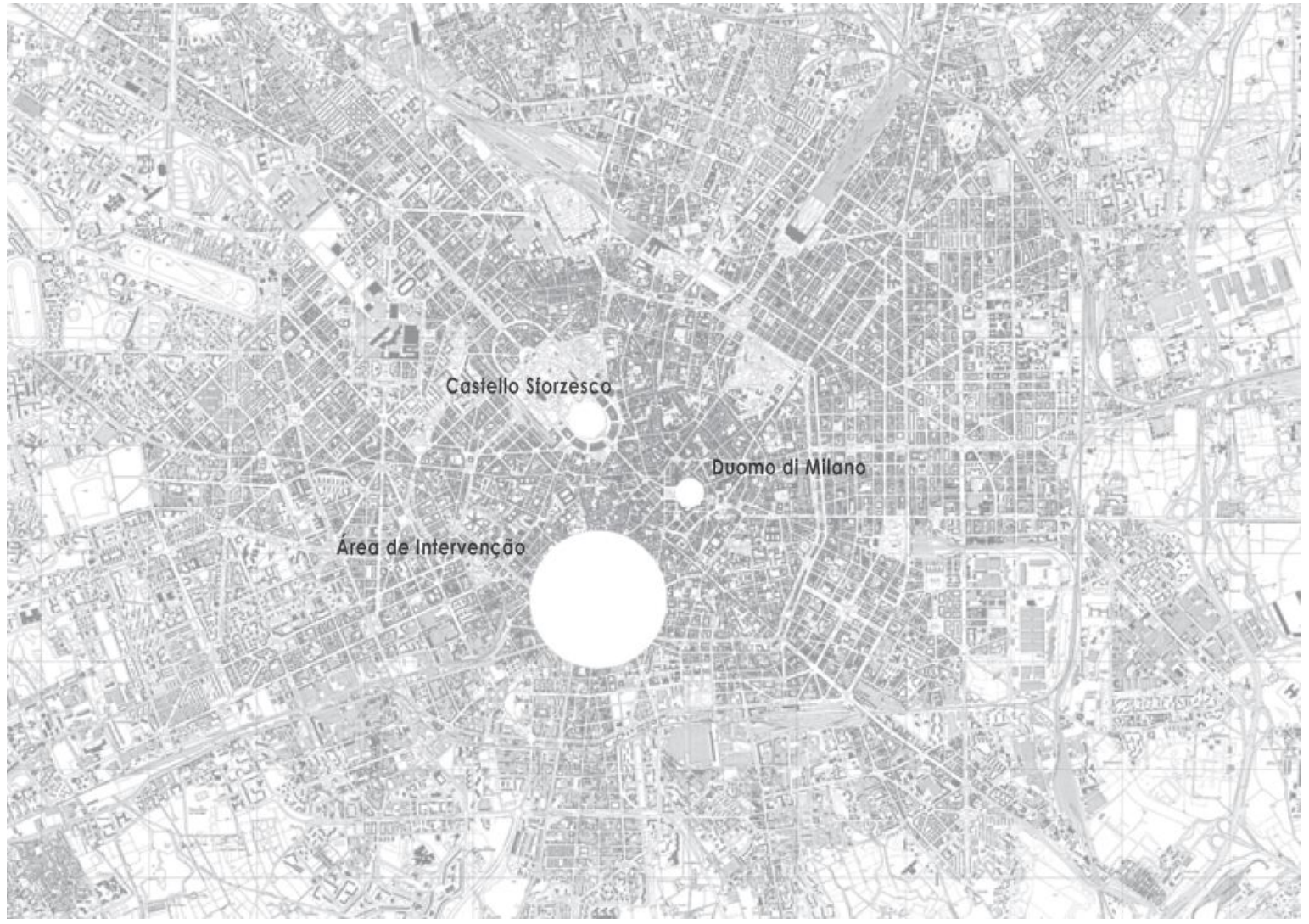
02.1 Evolução Urbana da Área de Intervenção

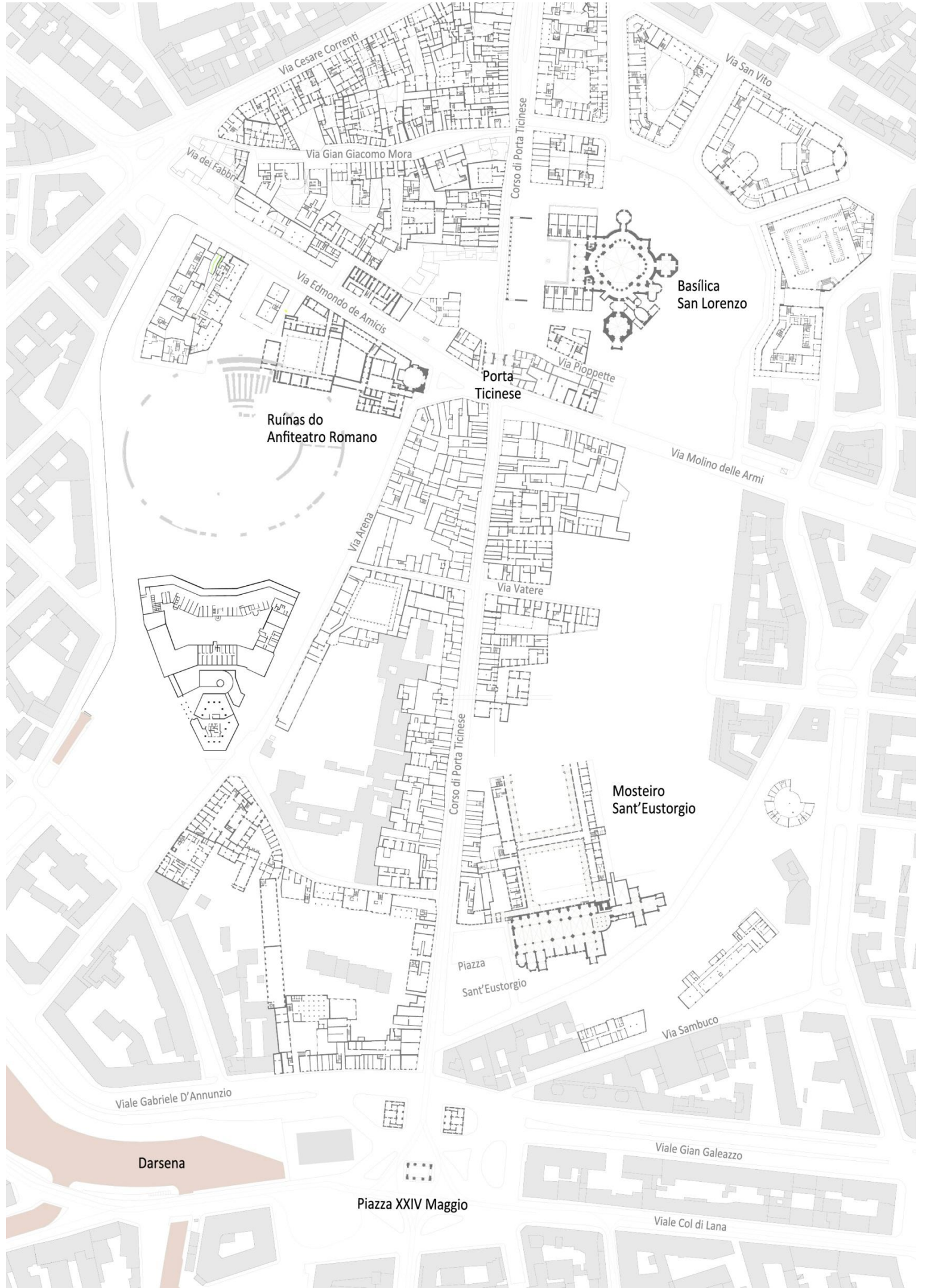
Os primeiros registos relativos à zona de intervenção remontam ao tempo da ocupação romana. Durante este período, após a construção das primeiras muralhas circundantes, define-se uma porta de acesso a Sudoeste, cuja via correspondente era a ligação para o rio Ticino e à cidade de Pavia (*Ticinum* na antiguidade), chamada *Porta Ticinensis*. O nome que a zona da *Porta Ticinese* tem é, portanto, alusivo a elementos exteriores à cidade. A porta situava-se a Norte da actual basílica de *San Lorenzo*. Esta área assume um papel de “*Città nella Città*”¹¹, possuindo uma individualidade própria e uma identificação que a distingue da cidade maior. A via que atravessa toda a área de Norte a Sul, o *Corso di Porta Ticinese*, tem o seu início no *Carobbio*, um ponto de confluência onde passa também a *Via Cesare Correnti* e a *Via Torino*. Este cruzamento de vias foi desde sempre um local importante de saída e acesso à cidade, situando-se no seguimento do *Decumanus Maximus* e sendo também o ponto de acesso à estrada para Pavia, trinta quilómetros a Sul.

Imagem 026 – A Área de Intervenção inserida no contexto global de Milão.

Imagem 027 – As diferentes localizações da *Porta Ticinese* ao longo dos séculos.

Imagem 028 – A Área de Intervenção.





Ruínas do Anfiteatro Romano

Basilica San Lorenzo

Porta Ticinese

Mosteiro Sant'Eustorgio

Piazza Sant'Eustorgio

Darsena

Piazza XXIV Maggio

Estas relações de Milão com outras cidades através de ligações viárias caracterizam e distinguem a metade Sul da cidade em relação à zona Norte, onde os traçados territoriais apontam todos para uma área mais específica, para os lagos Como e Maggiore.

Estas características definiram uma implantação urbana bipolar, na qual cedo se sente a existência da *Cittadella* como um núcleo de trocas e vivências com um cariz algo independentizado do centro administrativo do município de Milão. É possível estabelecer paralelismos entre as duas áreas através do reconhecimento de monumentos e equipamentos de semelhante dimensão e importância, tais como a Basílica de S. Lourenço, referida como “*quasi l'altra cattedrale di Milano*”¹² em comparação com a catedral *Duomo di Milano*, o mercado da actual *Piazza XXIV Maggio* em oposição ao mercado *Verziere* situado no actual *Largo Augusto* e a presença romana do Anfiteatro em oposição às termas existentes no *Largo Corsia dei Servi* (Imagem 029). Esta bipolaridade marcante terá influência nas orientações e inserções futuras da cidade no terreno (Imagem 030).

Mais tarde, a construção do *Naviglio Grande* será um acontecimento marcante e fundamental na compreensão da área da *Porta Ticinese*. No entanto, não são de fácil compreensão as razões que levaram a que este canal fosse construído no Sul da cidade pois, devido ao declive do território, era mais complicado transportar as mercadorias provenientes do Sul para o centro da cidade através dos canais fluviais.

Imagem 029 – Esquema exemplificativo da bipolaridade referida.

Imagem 030 – Basílica de *San Lorenzo* na actualidade.

Termas Romanas

Duomo de Milão

Mercado Verziere

Basilica San Lorenzo Maggiore

Anfiteatro Romano

Mercado do Ticinese



Não obstante, este problema seria resolvido com a idealização de um sistema de comportas, designado por *Conca*, que conseguia superar o desnível do território permitindo o transporte de mercadorias para zonas de maior proximidade com o centro (Imagem 031).

O *Naviglio Grande* significa no século XIII, para este local, a definição da zona de praça através da construção da Ponte de *Sant'Eustorgio*, que com o passar dos séculos foi cada vez mais perdendo o carácter de ponte devido às sucessivas coberturas dos canais, sendo actualmente este local a *Piazza XXIV Maggio*. Mais tarde, já no século XIX, Cagnola vai precisamente recuperar essa característica, de uma forma simbólica, quando intervém na praça com a construção do monumento hoje visível. O *Naviglio* não só define o carácter desta zona como praça, como também molda os traçados viários e a consequente implantação de edifícios na zona.

Mais tarde, cerca do ano 1300, é construído o *Redefosso*, uma fortificação poligonal ampla com um fosso, localizada onde mais tarde seriam erguidas as muralhas espanholas, destinada a englobar as áreas da cidade que entretanto se tinham desenvolvido para lá das muralhas medievais do séculos XII. É integrada neste sistema que será construída a primeira comporta em Milão, permitindo às mercadorias alcançar a *Cerchia dei Navigli* e a *Piazza Santo Stefano*, fornecendo a partir do século XV todo o sistema das *Sciostre* ao longo das muralhas medievais.

O desenvolvimento da cidade para lá da *Cerchia dei Navigli* descaracterizou-a enquanto estrutura defensiva, sendo que no século XV o seu papel no funcionamento da cidade passa a ser essencialmente de circulação. Assim, em 1497, como já vimos, o canal é alvo de obras de estreitamento e aprofundamento segundo um projecto de Leonardo da Vinci, tornando-o navegável e reduzindo os seus 24 metros de largura para cerca de 11 metros, deixando uma faixa de 13 metros de novo terreno urbano livre ao longo de um canal de comunicação de grande alcance. Este espaço resultante foi aproveitado e deu-se então o desenvolvimento de um tipo específico de edifício orientado para as trocas comerciais através do canal fluvial, as *Sciostre*, lugares de depósito de mercadoria que provinha dos *Navigli* (Imagem 032).

Imagem 031 – Antiga *Conca* em Milão.

Imagem 032 – Antiga *Sciostra* em Milão.



É nesta fase, com o surgir da ponte de *Sant'Eustorgio* e com a sua evolução para um espaço de praça, bem como a perda de importância da *Cerchia dei Navigli* enquanto ponto de entrada na cidade que acaba por haver um deslocamento das estradas que confluíam para o *Carrobbio* para a zona em questão, a actual *Piazza XXIV Maggio*, passando esta a ter a centralidade e importância que antes definia o *Carrobbio* como um local de circulação e trocas com outras cidades. Apesar de não serem claros quais os limites da *Cittadella*, é um facto que esta se expandiu em consonância com o próprio desenvolvimento da cidade e dos traçados fluviais, eventualmente englobando o Anfiteatro e a basílica de *San Lorenzo*.

Na segunda metade do século XVI a construção dos bastiões espanhóis irá provocar algumas demolições, eliminando por exemplo a igreja de *Santo Stefano in Bissario*.

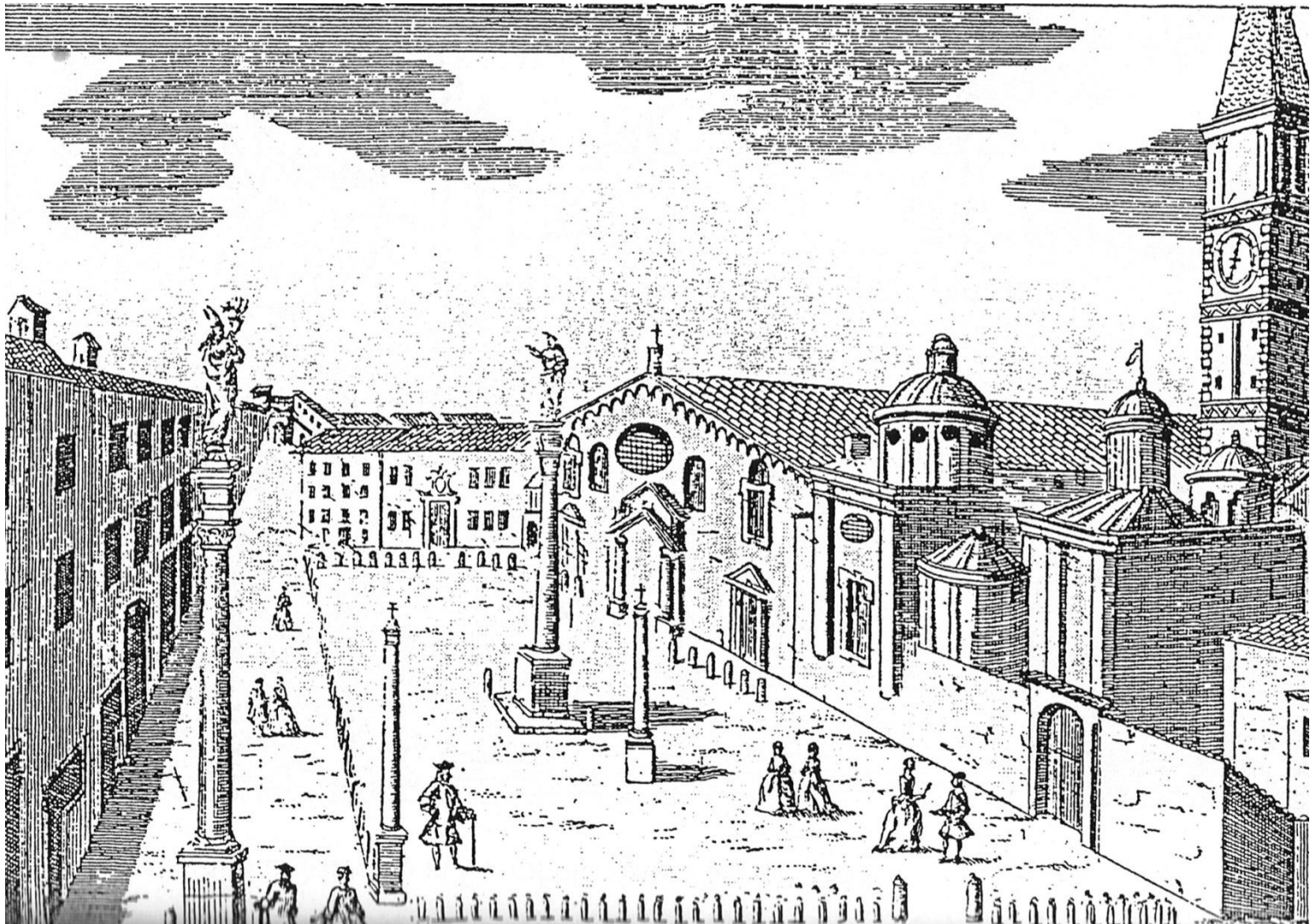
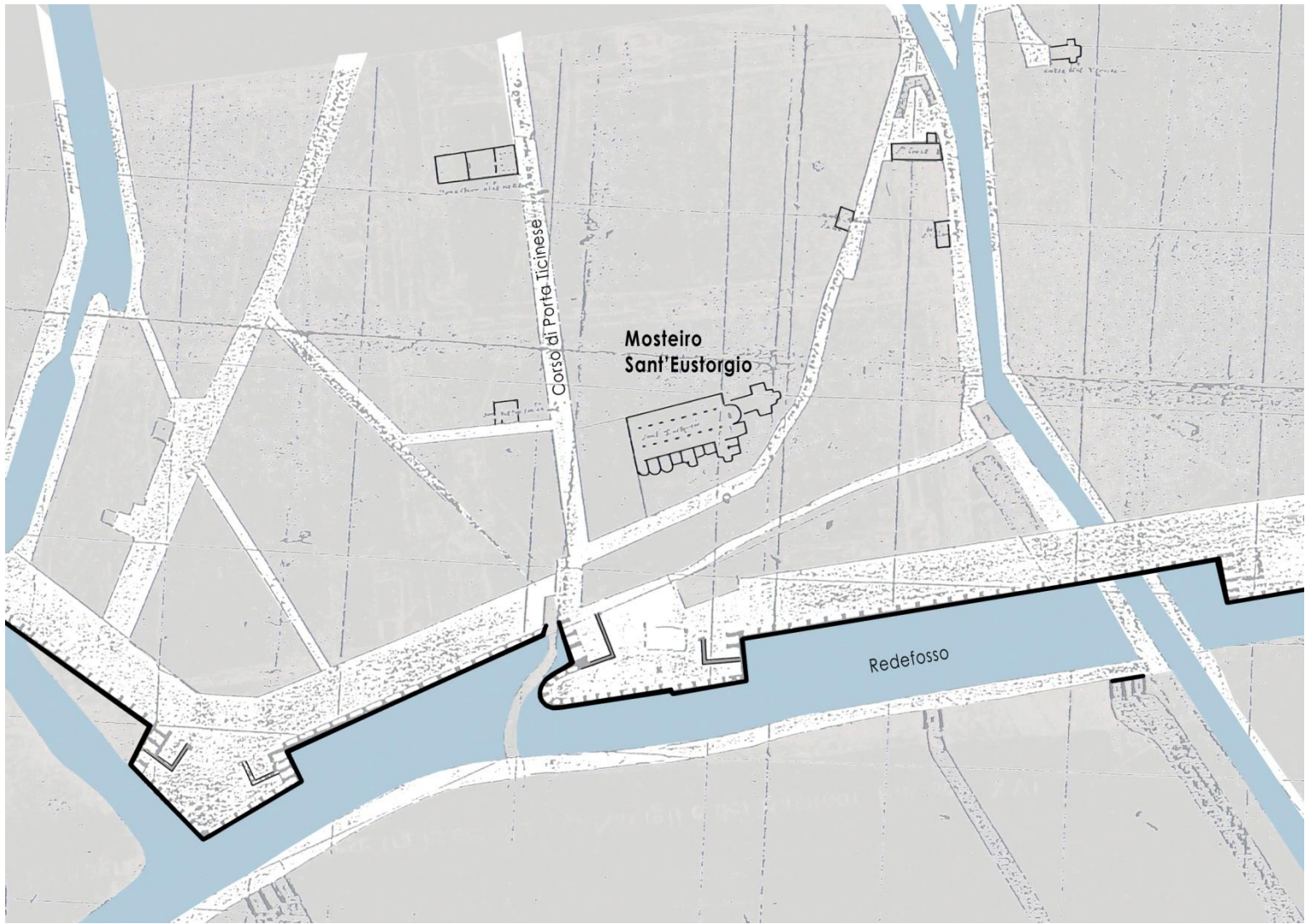
Na área de intervenção, as muralhas assumem em parte a definição prévia da *Cittadella*, o *Naviglio Grande* abandona o seu percurso até à *Vettabbia* e desvia o seu percurso para o fosso dos bastiões e o rio Olona deixa de entrar no centro da cidade e é também desviado para o fosso das muralhas, convergindo com o *Naviglio*. Esta redefinição dos canais e a sua convergência para este local acabará por gerar a construção da Darsena (Imagem 033).

Será também consequência destas alterações que Milão, que não assistiu à construção de nenhuma praça significativa durante o Renascimento, irá ser presenteada com a definição de uma grande praça e a criação de um mercado na zona da *Porta Ticinese* das muralhas espanholas, a actual *Piazza XXIV Maggio*. Porém, esta praça nunca terá uma definição arquitectónica específica, inserida num modelo canónico discernível.

Na segunda década do século XVII define-se a praça em frente ao mosteiro de *Sant'Eustorgio*, a actual *Piazza Sant'Eustorgio*, adoptando um papel significativo no interior da cidade com o controlo das mercadorias e circulação do fosso. Até ao século XVIII esta área permanece com uma grande riqueza de actividades e funções em todas as pequenas e modestas casas do quarteirão que se desenvolve ao longo do *Corso di Porta Ticinese* e que caracterizam esta parte da cidade, estando já inseridas ao longo deste alinhamento grandes *Osterie* (tabernas) (Imagem 034).

Imagem 033 – Os bastiões espanhóis no século XVI.

Imagem 034 – *Corso di Porta Ticinese*, com a *Piazza Sant'Eustorgio* em primeiro plano.

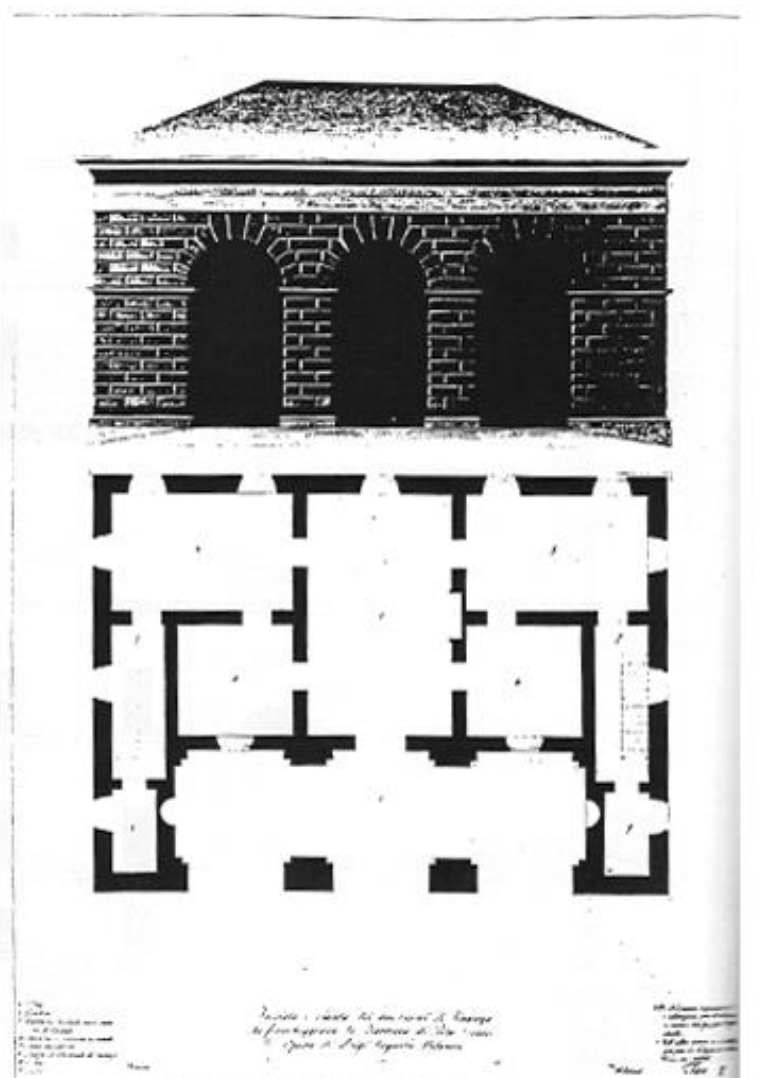
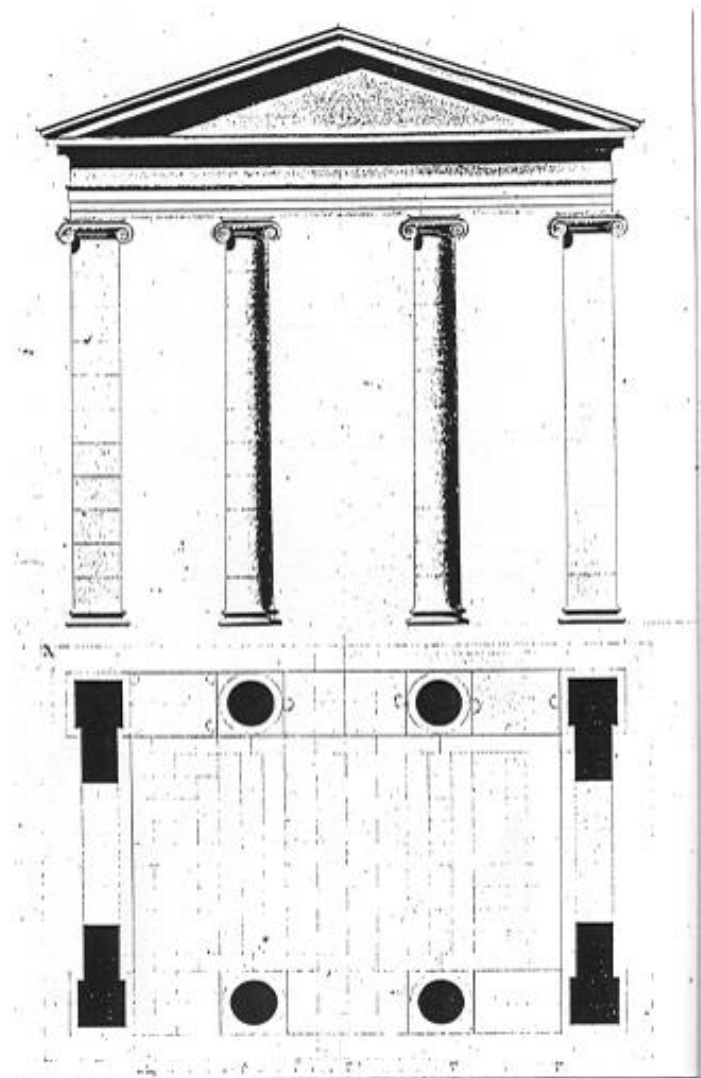


A cidade continuou a expandir-se. Desde o final do século XVIII que a sua malha edificada se estendia bastante para o exterior das muralhas espanholas, sendo que no local de onde saía a via para Pavia se verificava nesta altura um grande largo, a actual *Piazza XXIV Maggio*, dominado pela presença e actuação dos comerciantes. A praça, juntamente com os monumentos pontuais espalhados pela *Cittadella* e a existência da estrada para Pavia, eram os factores de maior relevância na determinação da importância e independência da área, tendo as restantes construções pouco significado, no sentido em que eram edifícios pequenos e modestos (Imagem 035).

No início do século XIX surgiu mais um monumento, projectado por Luigi Cagnola para a *Piazza XXIV Maggio*, inicialmente em honra à batalha de Marengo ganha pelas tropas de Napoleão Bonaparte, e que tinha também a intenção de persuadir Napoleão a manter o estatuto de Milão enquanto capital do reino. Porém, o projecto não se cinge exclusivamente ao monumento, existindo também um redesenho do *Corso di Porta Ticinese* e a intenção de unir o interior e o exterior da cidade, vencendo a barreira dos bastiões espanhóis. A praça é repensada tanto a nível de pavimentação como de distribuição espacial, em conformidade com a implantação do monumento. Este é composto por três volumes distintos, com o protagonismo a recair para o central. Todo o conjunto não deve ser interpretado como uma porta, uma separação, mas sim como o oposto. É uma obra que exprime a continuidade entre o interior e o exterior, um elemento que liga em vez de separar e essa ligação é feita em ponte.

É um monumento-ponte. Esta concepção por parte de Cagnola é uma referência à ponte de *Sant'Eustorgio*, pré-existência da qual havia memória mas que já não era perceptível (Imagem 036).

Imagem 035 – *Piazza XXIV Maggio* no fim do século XIX, ainda com o Ticinello visível.
Imagem 036 – Plantas e alçados do conjunto de Luigi Cagnola.



*Disegno di un tempio di S. Agostino
di S. Agostino e S. Agostino di S. Agostino
di S. Agostino e S. Agostino di S. Agostino*

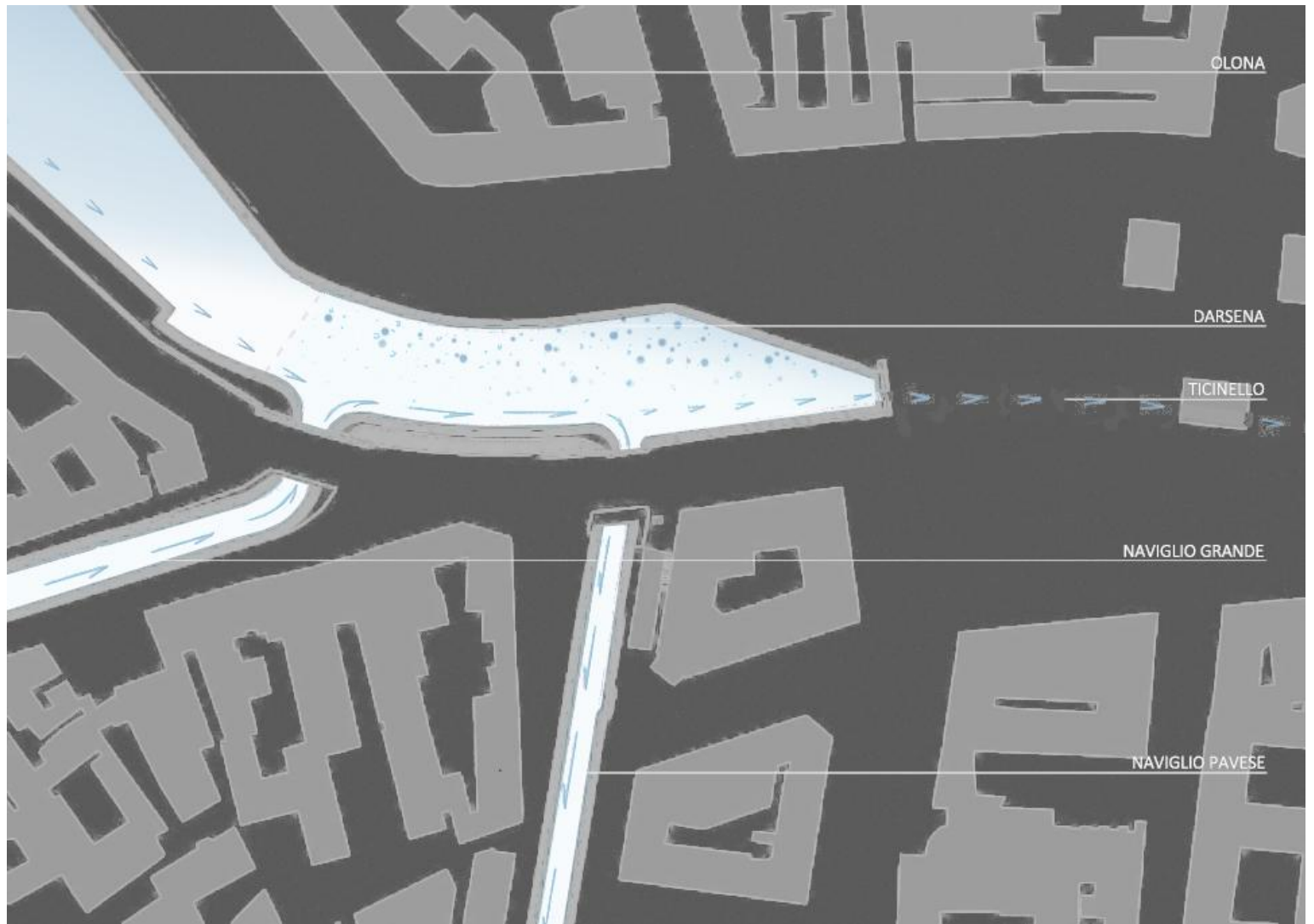
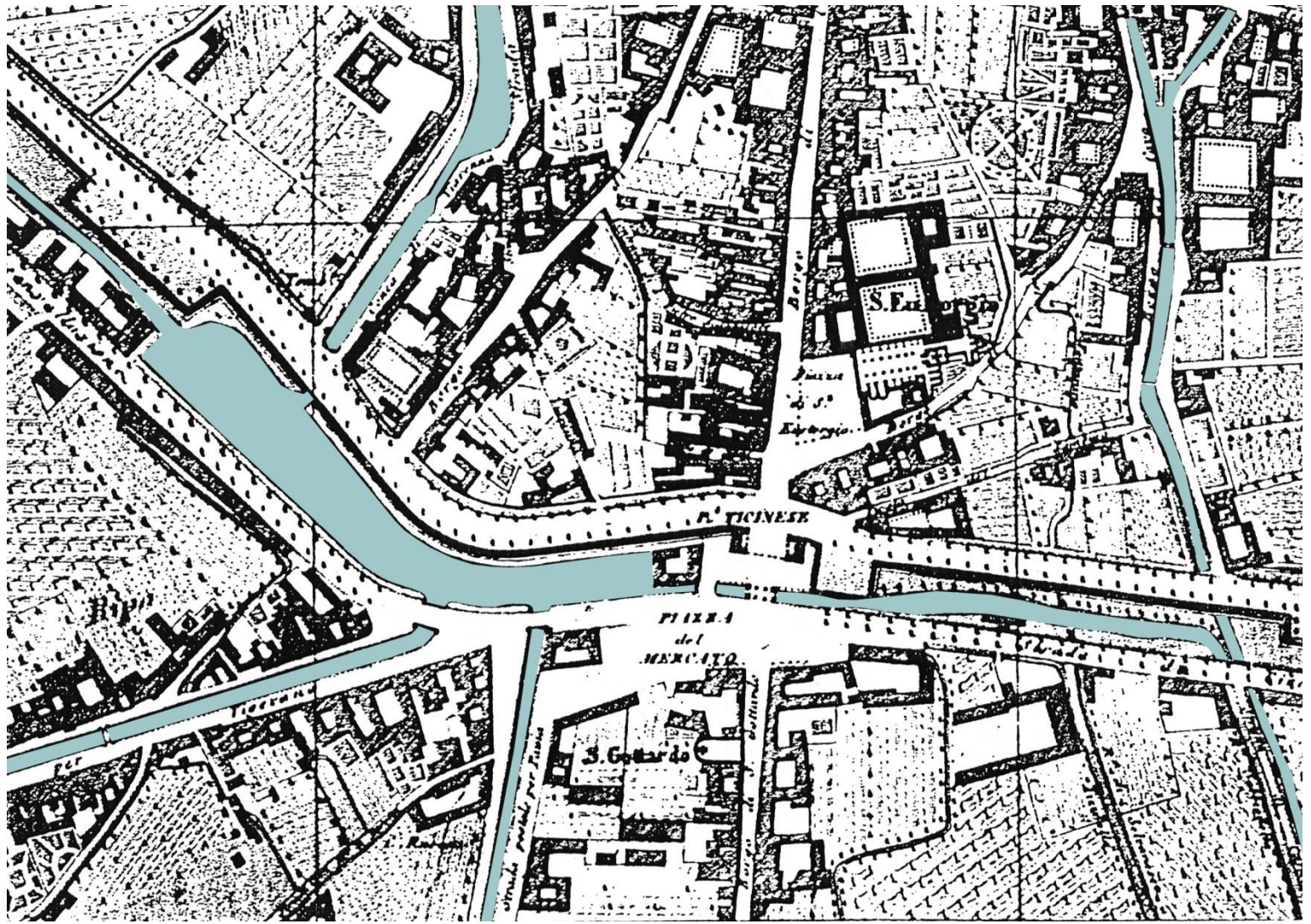
A partir de 1820, o canal Darsena (Imagem 037), tal como muitos outros percursos de água, irá passar por várias alterações em paralelo com o aparecimento das primeiras linhas ferroviárias. O desenvolvimento destas últimas irá definir a distribuição do edificado e das vias nas suas proximidades. A partir da sua implantação a área torna-se mais densa com a construção de habitação nas áreas exteriores às muralhas espanholas.

Nas primeiras décadas do século XX dão-se alterações significativas na cidade, bastante relevantes para a área de intervenção. Após o fim da Primeira Guerra Mundial foram abatidos os bastiões espanhóis que durante cerca de 350 anos marcaram a paisagem urbana de Milão. Esta decisão que já tinha sido tomada aquando da aprovação do plano de Beruto vinte anos antes. É também concretizada a cobertura da *Cerchia dei Navigli*, em 1928, e a consequente eliminação do sistema portuário e mercantil que imperava ao longo da mesma, suportado pelas *Sciostre*. Este sistema existia na cidade desde 1439, sendo que antes desta data as mercadorias eram descarregadas na Darsena.

Esta é actualmente um local com águas praticamente estagnadas. Isto deve-se às condições dos restantes canais fluviais que precedem a Darsena e que poderiam contribuir para o fluir das suas águas. A água proveniente do *Naviglio Grande* entra na Darsena apenas para encontrar o seu caminho de escoamento no *Naviglio Pavese*, gerando a única corrente visível. O rio Olona, que descarregava parte das suas águas na Darsena vindo de Oeste, não o faz actualmente e o próprio Ticinello, que assegurava o escoamento da Darsena para Sul, tem pouca influência também, não conseguindo gerar corrente com as poucas águas recebidas (Imagem 038).

Imagem 037 – A Darsena e os *Navigli* em 1820.

Imagem 038 – Esquema das correntes actualmente activas na Darsena.

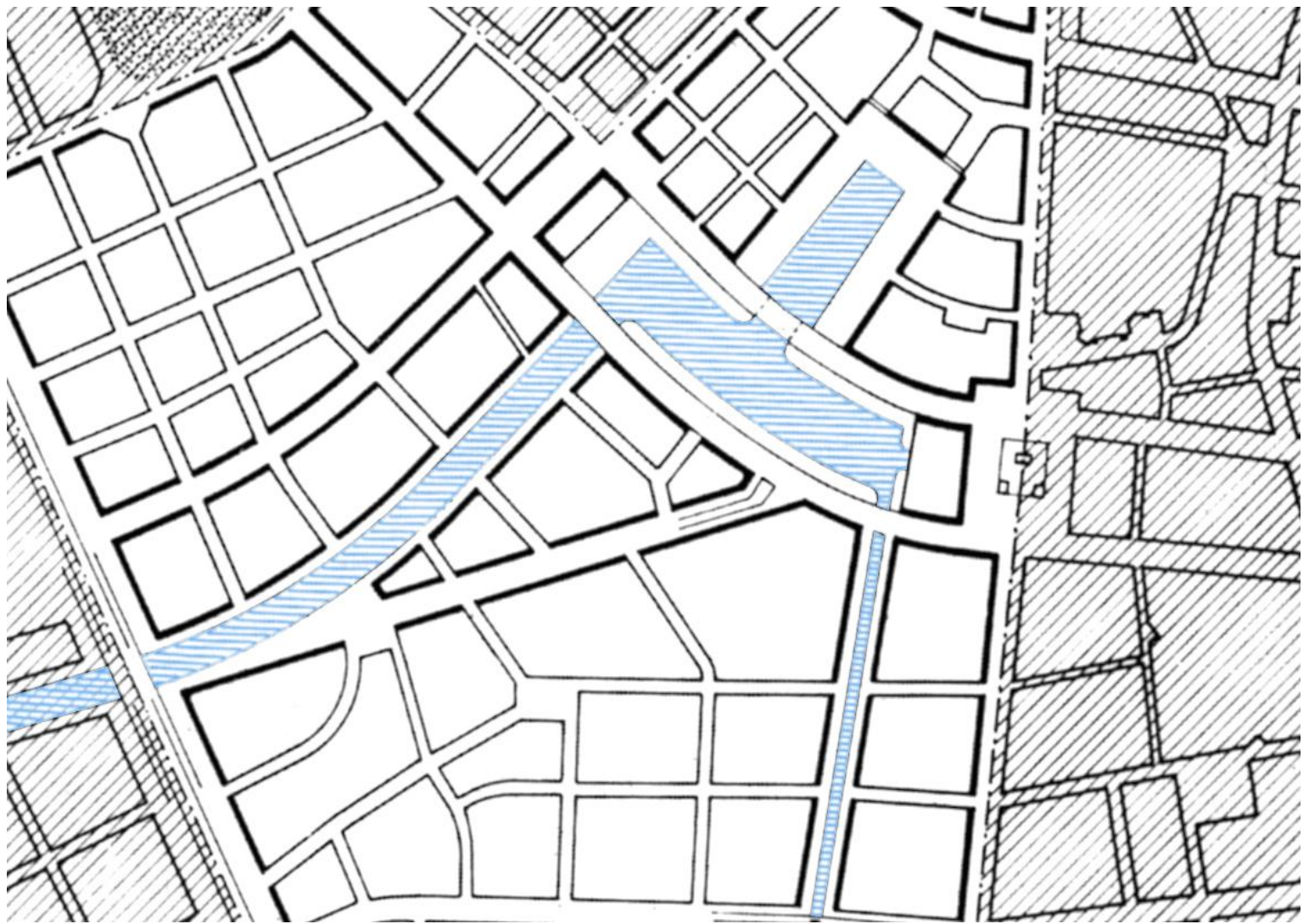


Entre os projectos idealizados no século XX, há um que se destaca no contexto da área de intervenção: o de Giuseppe De Finetti. Este defendia a navegabilidade dos antigos *Navigli* ao invés de abrir novos canais e considerava a possibilidade de a Darsena ser um local onde era possível receber mercadoria para a reconstrução da cidade após os bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial (Imagem 039). Esta visão apoiava-se na premissa de que existiria um grande desenvolvimento naquela zona devido à grande destruição que se verificou ali e à necessidade de reconstrução da área.

O nome actual da *Piazza XXIV Maggio* estabeleceu-se apenas em 1924 e, para além de todas as características referidas do seu passado e presente, existe ainda um elemento marcante digno de referência: um carvalho (Imagem 040).

Imagem 039 – Pormenor do plano urbanístico de De Finetti.

Imagem 040 – *Piazza XXIV Maggio* actual, com o carvalho e o monumento.



02.1.1 Evolução Urbana da Área de Intervenção – Cartografia Histórica

Este sub-capítulo apresenta, de uma forma linear, uma evolução da Área de Intervenção através de uma sucessão de imagens históricas com o propósito de melhor enquadrar a *Cittadella* num contexto cronológico, nomeadamente entre o século XVI e o século XIX.

Imagem 041 – Antonio Lafrery, Planta Perspectivada de Milão (excerto), 1573. Dimensões: 55 x 40,8 cm.

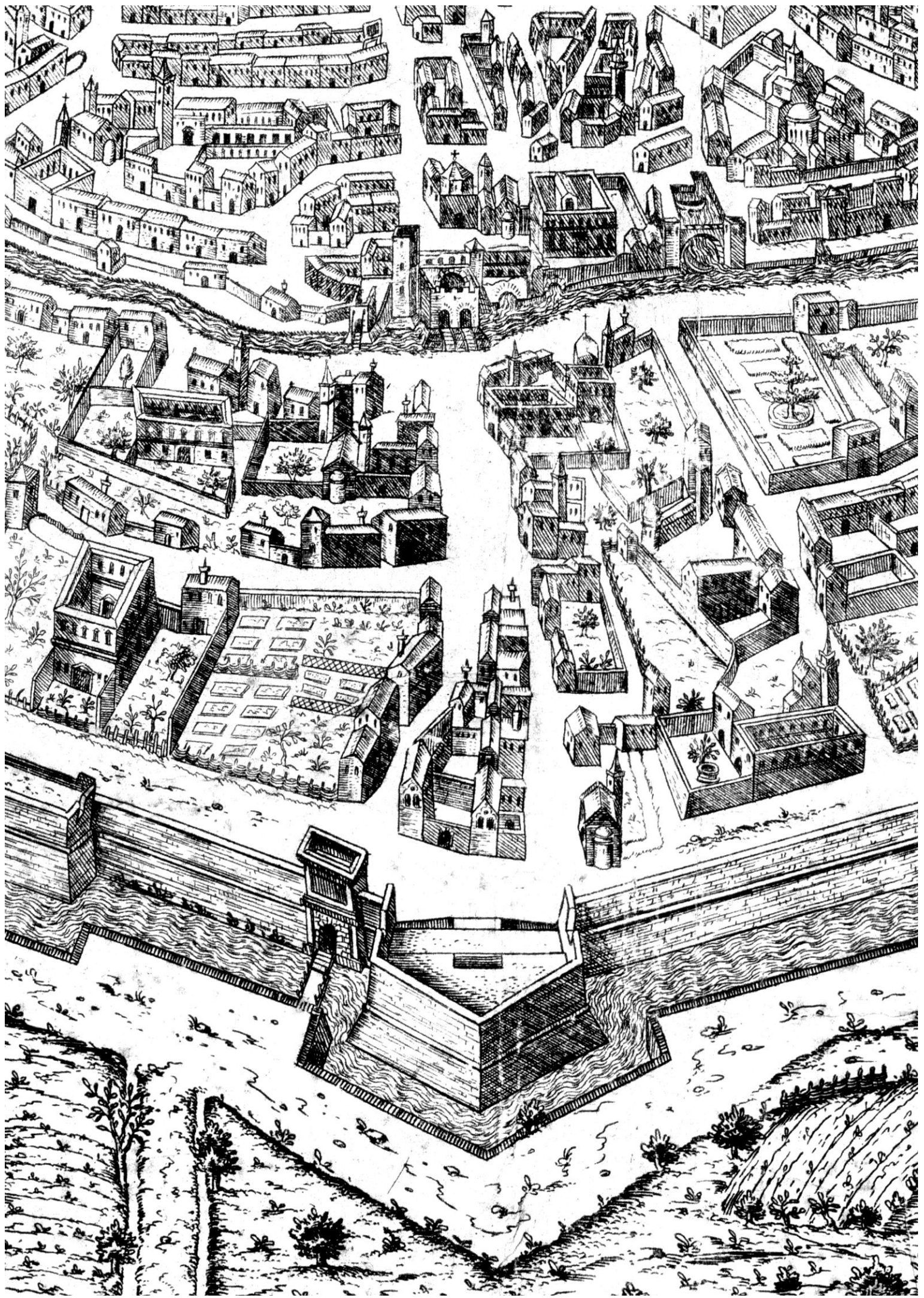
Imagem 042 – Planta da zona de *San Lorenzo* anexada ao relatório da visita pastoral de Federico Borromeo, 1608. A original, que estava conservada no *Archivio Storico Diocesano di Milano*, extraviou-se.

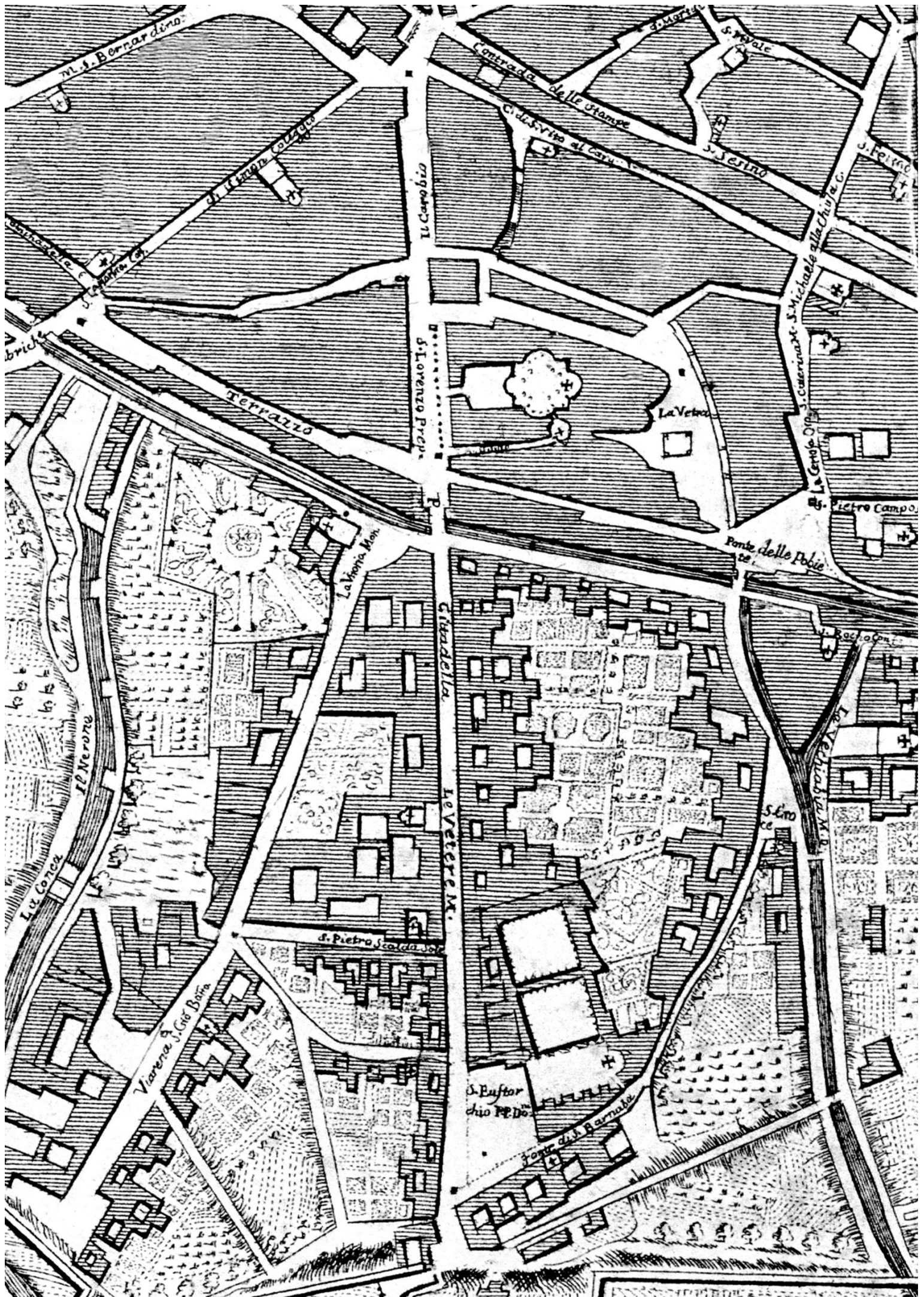
Imagem 043 – Marcantonio Dal Re, Cidade de Milão (excerto), 1734. Dimensões: 79,5 x 76,5 cm.

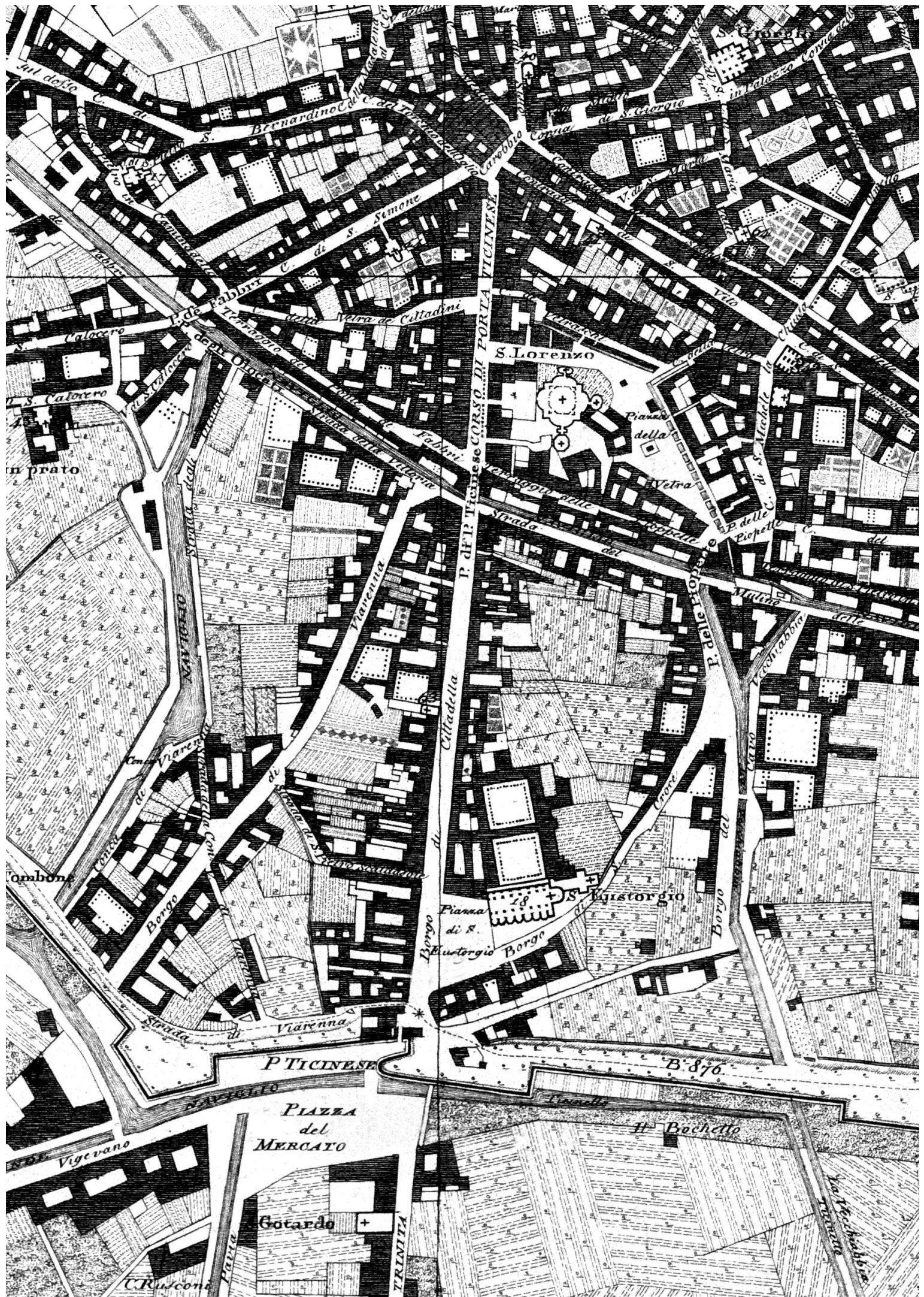
Imagem 044 – Giacomo Pinchetti, Cidade de Milão (excerto), 1801. Dimensões: 56,5 x 79 cm.

Imagem 045 – *Corpo Degli Astronomi di Brera*, Milão capital do Reino de Itália (excerto), 1807-1810. Dimensões em quatro folhas de 67,6 x 59,5 cm.

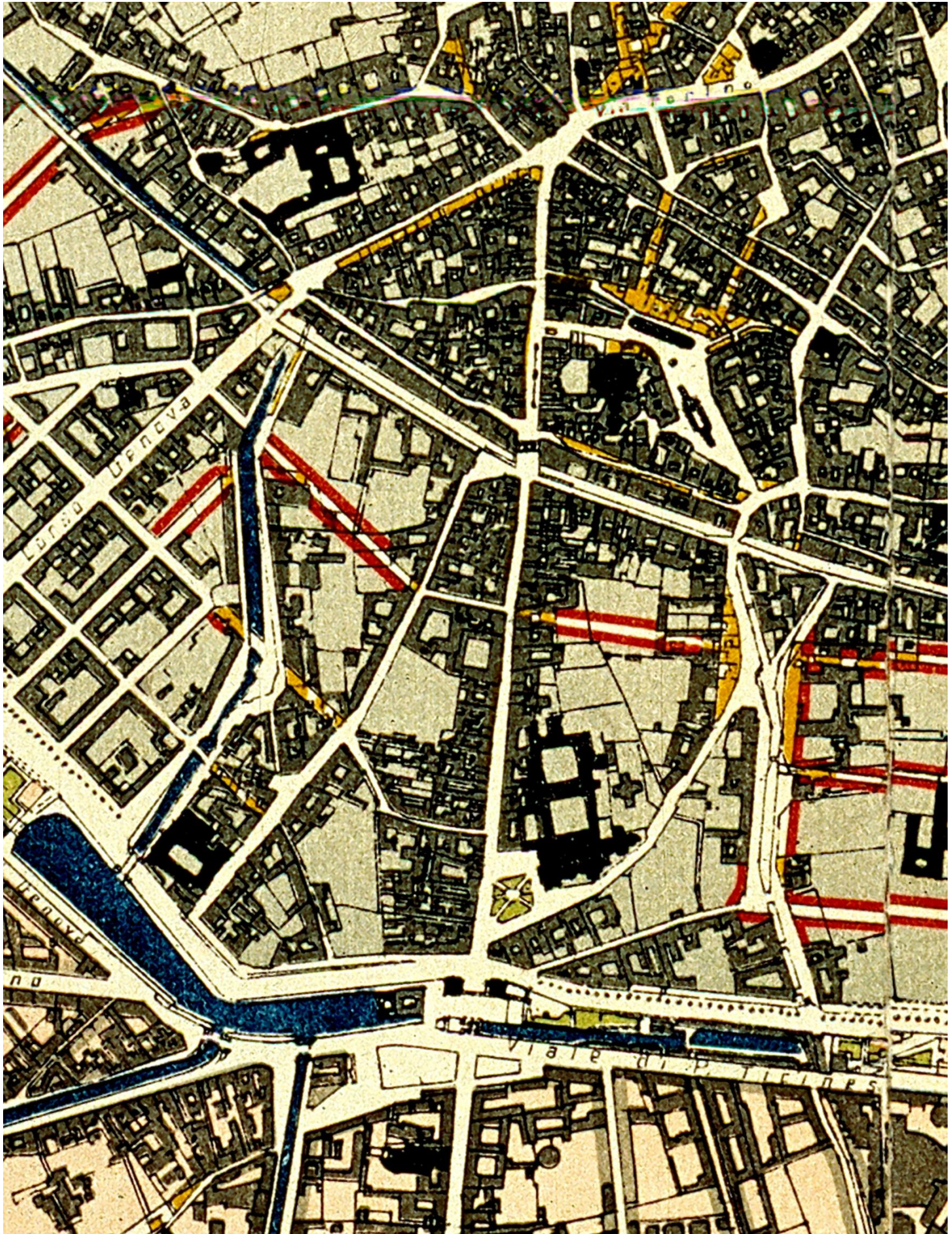
Imagem 046 – Cesare Beruto, Projecto do Plano Director a cidade de Milão (excerto), 1884.











02.2 Análise da morfologia urbana

Para uma compreensão da presente morfologia da cidade, é possível distanciarmo-nos das memórias, significados e história que identificamos com o local, perscrutando apenas os factos materiais do agora. Segundo a intenção de ter um olhar para a cidade sem julgamentos pré-concebidos (onde se associam termos como zonas históricas, degradadas ou contemporâneas), é feito um esquema verdadeiramente simplificado, abstracto até, reduzindo a mesma em dois elementos: espaço público exterior e espaço construído. Torna-se assim bastante clara toda a estrutura, assim como a percepção da organização geométrica e a compreensão do corpo da cidade como um todo. São também bastante perceptíveis as relações entre as zonas edificadas com o espaço vazio da cidade.

A organização urbana denota no seu traçado várias características formais decorrentes da estrutura hidráulica que durante séculos marcou a paisagem da cidade. Apesar de esta estrutura estar hoje encanada, as suas orientações expressam-se ainda à superfície sob a forma de arruamentos.

É visível na imagem uma maior organicidade da parte Norte em relação à parte Sul, existindo na área de intervenção, a *Cittadella*, bastantes espaços públicos em comparação com o que a rodeia. É também perceptível a marcação das vias rodoviárias marcantes e com influência na morfologia do edificado, como são os casos, na área de intervenção, do *Corso di Porta Ticinese*, da *Via Edmondo de Amicis* e dos *Viale Gabrielle d'Annunzio* e *Viale Gian Galeazzo*. A própria definição da *Cittadella* e dos seus limites é hoje visível na área elipsoidal, com cerca de 800 metros de comprimento, e cujo interior tem uma densidade construtiva menor e de organização menos clara do que o edificado a Oeste, Sul e Este.

O outro elemento marcante neste tecido urbano é a existência dos canais fluviais actualmente a descoberto. Este factor condiciona o edificado envolvente, visto ser um momento ímpar na malha urbana que requer um planeamento mais específico e cuidadoso.

Imagem 047 – Estrutura urbana esquemática da Área de Intervenção.



02.2.1 A Cidade

Numa primeira escala de observação da forma urbana é analisada a morfologia de Milão tendo em consideração a cidade como um todo e a história da sua evolução. Segundo o exemplo de Bacon (1967)¹³ na sua análise à cidade de Paris, o reconhecimento de diferentes áreas urbanas pode ser auxiliado, entre outros factores, pelo conhecimento pré-concebido da história da evolução da cidade, coincidindo muitas vezes os diferentes períodos históricos com as diferentes morfologias urbanas. Mais relevante é este aspecto quando, numa cidade como Milão, o desenvolvimento urbano esteve intrinsecamente ligado à definição de diferentes muralhas circundantes em diferentes eras.

Com a intenção de evitar a utilização de definições menos claras no que já é um campo de estudo definido, será adoptado o termo “Período Morfológico” (PM), introduzido por Conzen (1960)¹⁴ para definir as diferentes áreas da cidade nesta primeira escala de observação. O urbanista alemão radicado no Reino Unido elaborou, durante a sua longa carreira dedicada à observação das formas na paisagem urbana, estudos que se debruçaram sobre como a mesma é estratificada historicamente, reflectindo os valiosos resíduos do passado e levando a uma hierarquização das regiões morfológicas.

Para a zona que engloba a área de intervenção, definiram-se os seguintes Períodos Morfológicos relevantes:

1PM 1

Corresponde ao núcleo central da actual Cidade de Milão, consolidado durante o domínio do Império Romano. Depois da queda do Império, grande parte da sua configuração interior sofreu grandes alterações ao longo da Idade Média, sendo que o tecido urbano veio a ganhar uma maior organicidade durante este período. Existem ainda, no entanto, traços visíveis das conformações romanas em algumas zonas, como por exemplo a *Via San Vito* e a *Via Torino*. Toda a área é densa no que diz respeito à intensidade de uso.

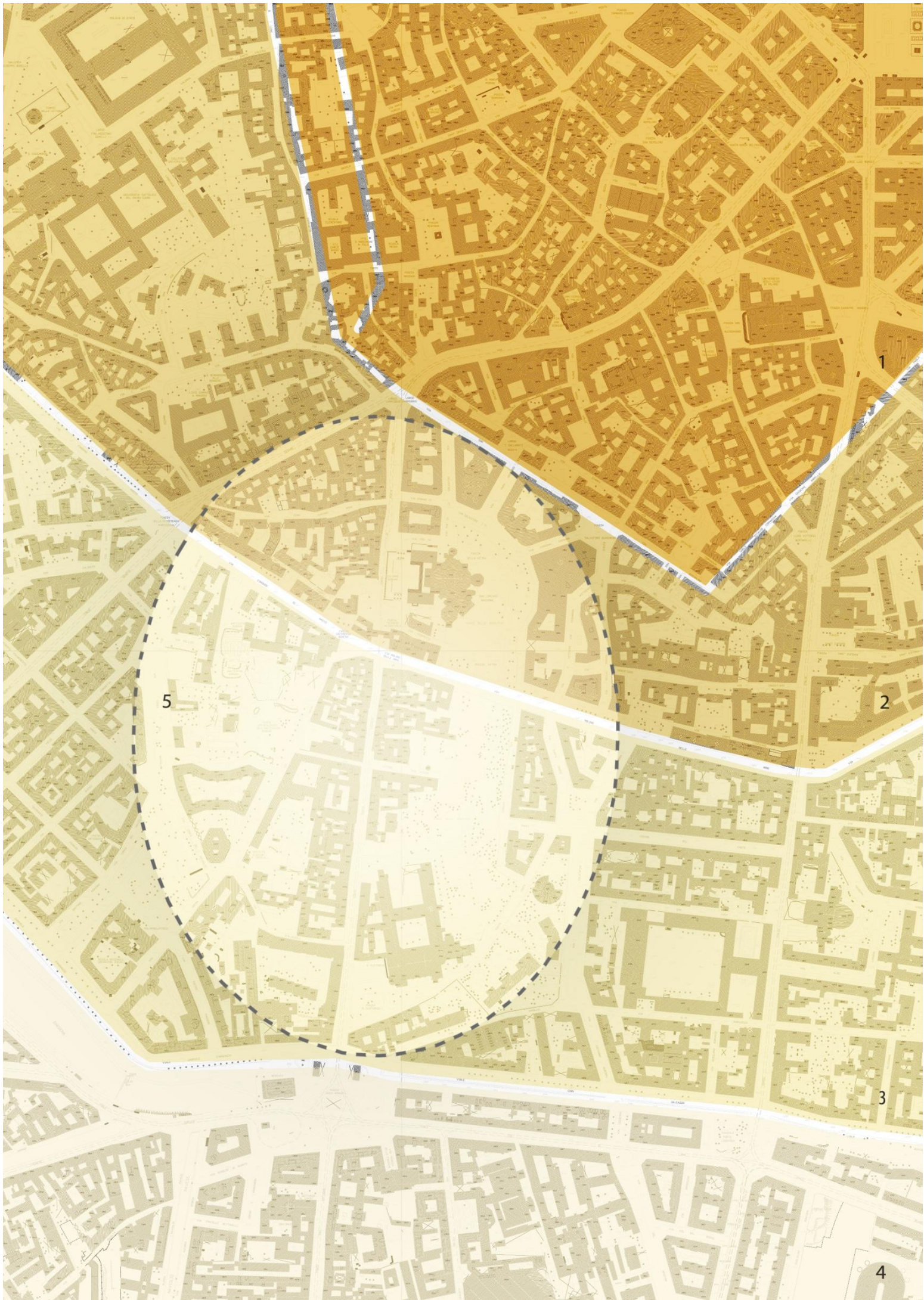


1PM 2

Área de expansão da cidade de Milão na época medieval, século XII, correspondente ao espaço limitado pelo desenho da *Cerchia dei Navigli* e das fortificações aquando das invasões germânicas lideradas por Frederico Barbarossa. O crescimento desta área da cidade fez-se de forma radial e irregular, tendo sido redefinido o sistema de saídas quando as muralhas foram completadas em 1171. É uma área com bastantes zonas de grande densidade construtiva e traçado orgânico. No entanto, esta característica não é tão constante como no PM 1, em grande parte devido à maior incidência das destruições da Segunda Guerra Mundial neste local, o que gerou projectos de reconstrução algo desligados do contexto pré-existente.

1PM 3

Área da cidade marcada pela sua contenção entre duas muralhas, a *Cerchia dei Navigli*, 1171, e as muralhas espanholas, de 1560. Durante séculos, esta zona da cidade era chamada de *I Corpi Santi*, sendo marcada pela existência de edifícios de cariz religioso e cemitérios. Estas características ainda hoje marcam a paisagem urbana. Esta área teve, durante séculos, um estatuto diferenciado quer do campo quer da cidade, constituindo-se como um *fringe belt*. Chegou a espalhar-se até cerca de sete quilómetros para fora dos limites da *Cerchia dei Navigli* na sua face Sul. O facto de se tratar de uma zona cujo desenvolvimento se deu entre as duas fortificações fez com que fossem determinantes as marcações das vias de ligação entre as portas das duas muralhas.



5

1

2

3

4

1PM 4

Única área da cidade onde existem actualmente *Navigli*, como a *Darsena*. Devido à sua localização no exterior das últimas muralhas construídas em Milão, as vias que partem das portas de saída desmultiplicam-se em vários eixos de expansão com direcções distintas. O desenvolvimento das linhas ferroviárias irá definir a distribuição do edificado e das vias nas suas proximidades, condicionando as estradas e densificando a habitação nesta área. A lógica da malha urbana está directamente relacionada com este factor na zona da *Porta Genova*, a cerca de 700 metros a Oeste da *Piazza XXIV Maggio*.

1PM 5

Área da cidade chamada de "*Cittadella*", com a definição dos seus limites a diferir de autor para autor mas consensualmente situada na zona da *Porta Ticinese*. Esta área, cujo desenvolvimento se iniciou como uma expansão da *Cerchia dei Navigli*, chegou a ser muralhada. Acaba por possuir uma identidade própria em relação à cidade de Milão apesar de se situar dentro dela, sendo referida por alguns autores como uma "cidade dentro da cidade", isto devido aos serviços e dinâmicas de que dispunha em termos de trocas comerciais. Também os monumentos religiosos lhe permitiam afirmar-se como uma área não só de passagem para o centro como também de destino final de muitos comerciantes, viajantes e peregrinos. Este aspecto reflecte-se nos monumentos contidos na área, tais como a Basílica de *San Lorenzo*, a *Cripta di Santa Maria della Vittoria* e o Mosteiro de *Sant'Eustorgio*. Para além destes, destacam-se ainda a *Porta Ticinese*, as colunas romanas e as ruínas do anfiteatro romano. Toda a área é marcada pelo trespassar do eixo de expansão do *Corso di Porta Ticinese*, que evidencia o facto de a *Cittadella* atravessar todas as quatro áreas anteriormente referidas. Outro aspecto distintivo que a caracteriza, hoje em dia, é a existência de áreas verdes em relação às zonas que a rodeiam, nomeadamente a extensão de 500 metros entre a Basílica de *San Lorenzo* e o Mosteiro de *Sant'Eustorgio*.

02.2.2 Os Quarteirões

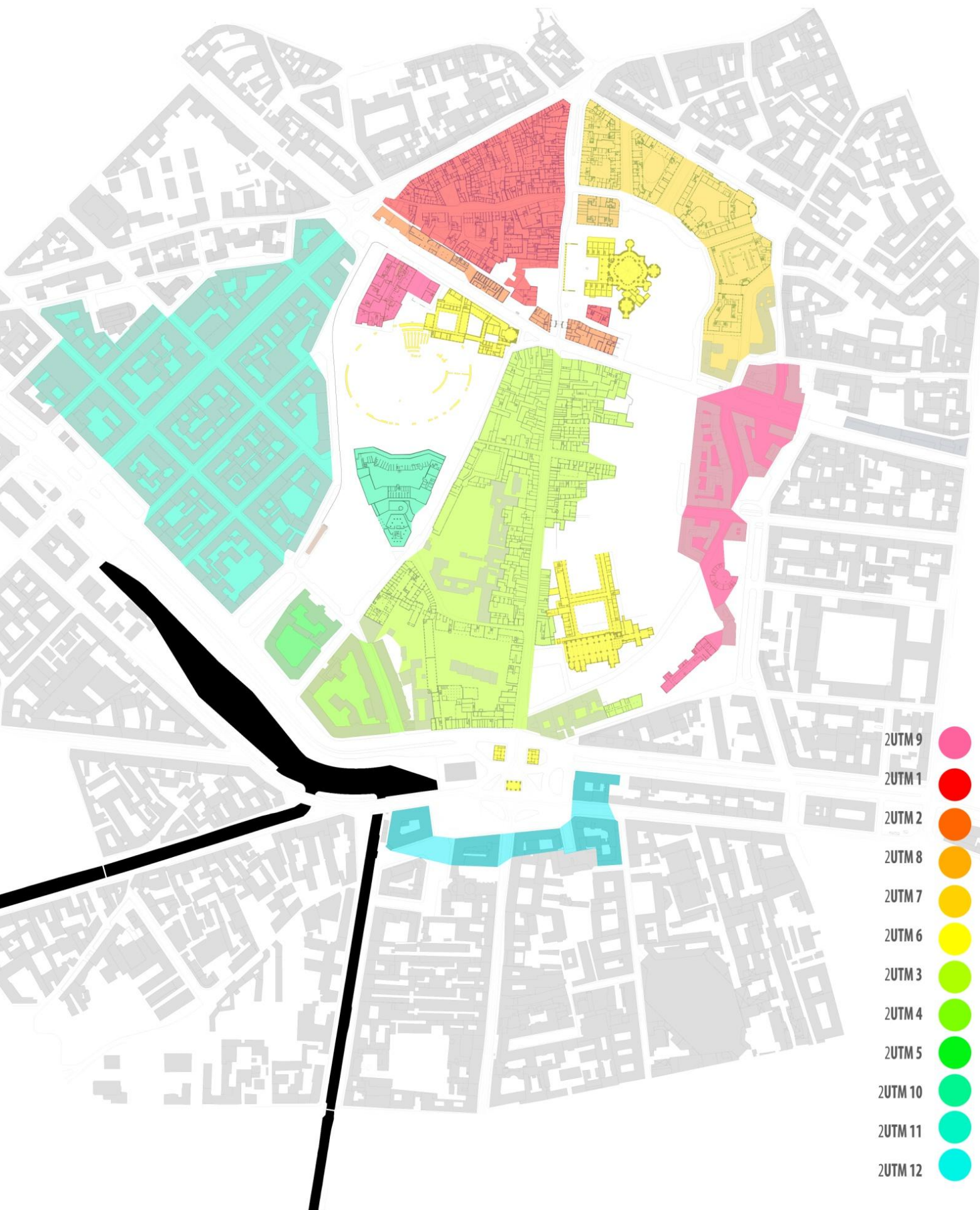
Numa escala de observação intermédia, a área de intervenção é analisada segundo a definição dos quarteirões e dos arruamentos, tendo em conta a sua disposição em planta e os aspectos relativos à forma e dimensão, tendo também em conta, tal como referem Larkham e Morton (2011)¹⁵ que “... as delimitações reflectem a origem, o desenvolvimento e a modificação das formas urbanas estudadas...”. Definem-se assim as diferentes Unidades Tipo-Morfológicas (UTM). Esta análise destaca, acima de tudo, a forma enquanto forma. Tal como Kubler (1962)¹⁶ afirma, é de lamentar o progressivo descurar da pureza da observação directa da forma ao longo da evolução do pensamento criador em detrimento da constante atribuição de significados e simbolismos.

“... enquanto os estudos do sentido receberam toda a nossa atenção, uma outra definição de arte – a arte como sistema de relações formais – foi por isso mesmo negligenciada. Esta definição, no entanto, é mais importante que o sentido, da mesma forma que a expressão oral é mais importante que a escrita, porque a precede...”

Neste sentido, a observação da cidade através de uma objectividade formal é uma ferramenta importante para a definição das Unidades Tipo-Morfológicas, em que se dispensa a mesma atenção a todos os aspectos do lugar, procurando uma descrição directa dos elementos que o compõem. Esta análise orienta-se segundo os princípios da metodologia de observação da forma desligada do significado em que cada unidade se distingue pelo seu “... modo específico de relacionar o edificado e o espaço público...”, apresentada por Costa (2006)¹⁷ na sua análise a várias zonas de Lisboa, tais como as áreas circundantes do Instituto Superior Técnico, os bairros do Restelo e de Campo de Ourique ou das zonas históricas próximas do Castelo de S. Jorge e na definição das suas UTM com “... um critério isento de considerações estilísticas ou ideológicas.”

Larkham e Morton (2011) demonstram que análises da morfologia urbana precisas, feitas com o auxílio de cálculos e medições minuciosas, não fornecem necessariamente melhores soluções e resultados do que uma abordagem mais intuitiva. Assim, a seguinte análise pautará por estas premissas. Para a zona que engloba a área de intervenção, definiram-se as seguintes unidades morfológicas relevantes:

Imagem 050 – Unidades Tipo-Morfológicas da Área de Intervenção.



2UTM 1

A composição do tecido urbano desta unidade tipo-morfológica caracteriza-se pela sua grande densidade construtiva. Os quarteirões quea constituem são particularmente grandes chegando a haver alguns com 260 metros de frente para a rua. A sua organização global é orgânica e irregular, mas estrutura-se segundo um padrão bastante específico em que o parcelamento dos quarteirões, de subdivisão heterogénea, origina lotes góticos. Os arruamentos desta UTM são estreitos e também orgânicos. A parte Sul desta unidade foi alvo de inúmeras intervenções após as destruições da Segunda Guerra Mundial. Os usos predominantes nesta UTM são a habitação e comércio ao nível do piso térreo.

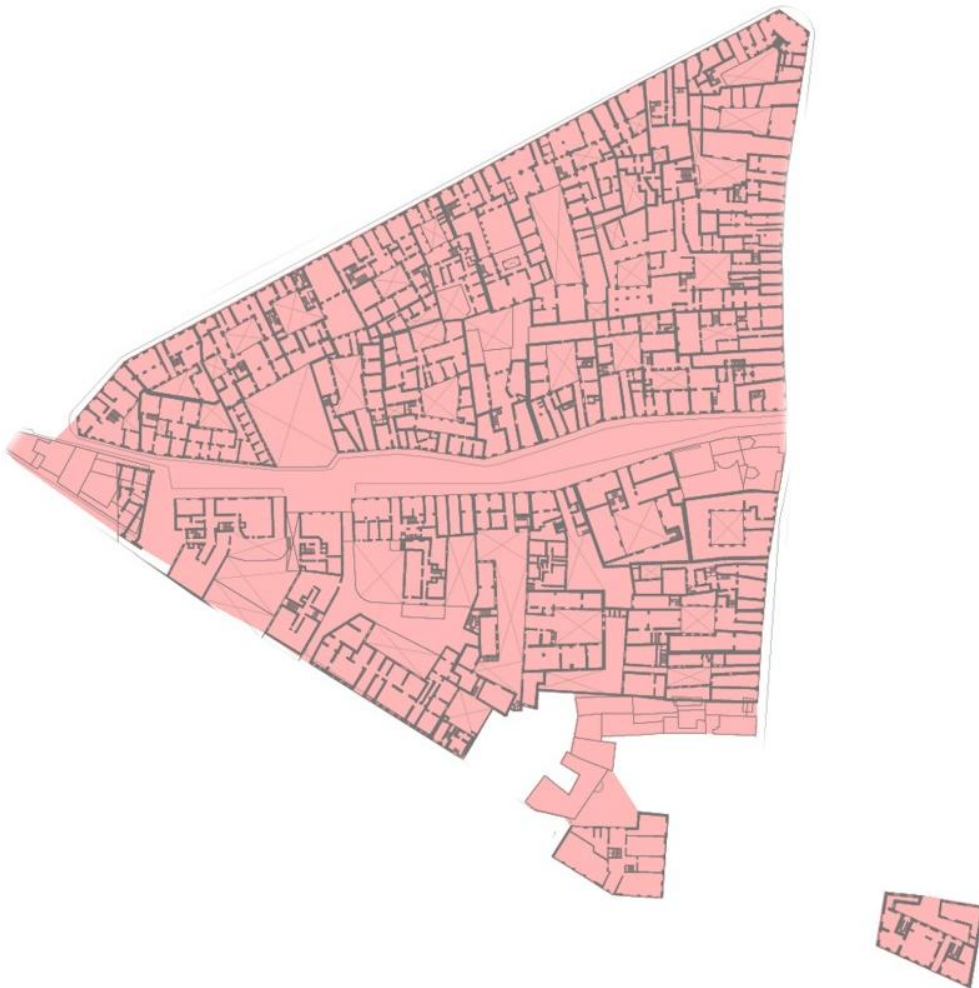


Imagem 051 – *Borgo delle Colonne*, Parma, 1767.

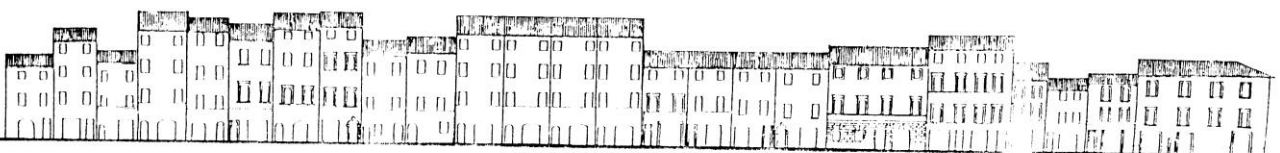
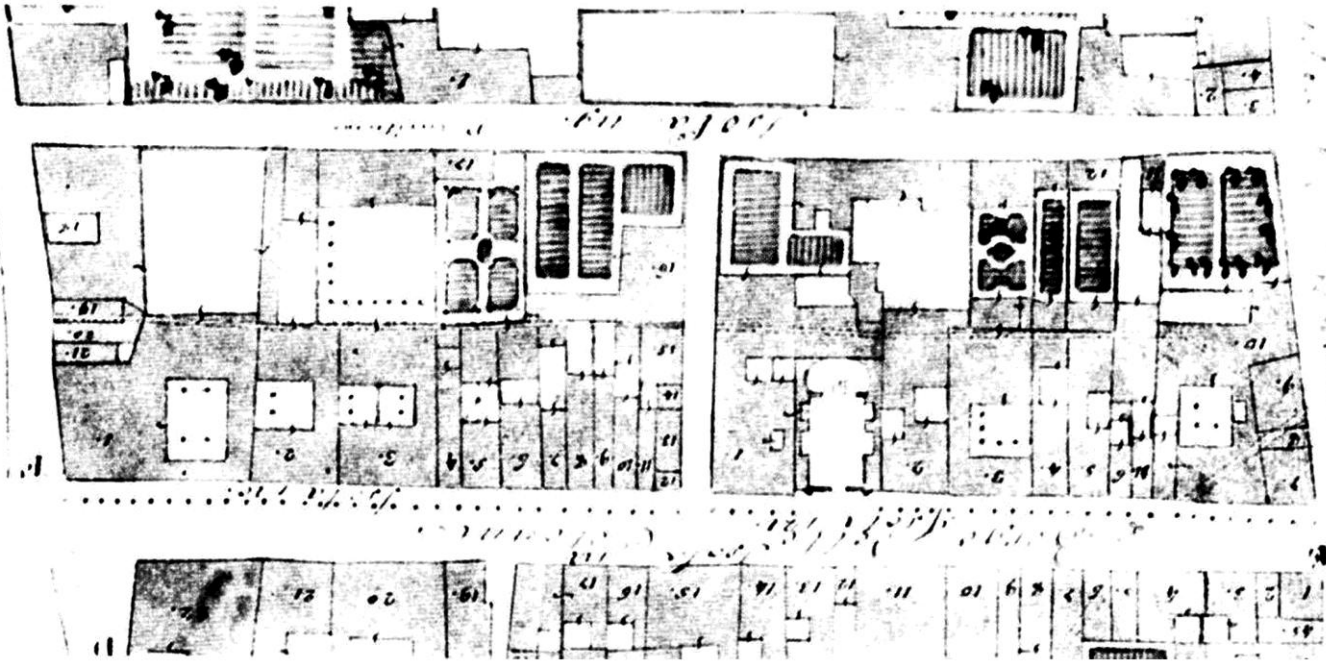
Imagem 052 – Gianfranco Caniggia, planta e alçados de um quarteirão gótico em Firenze.

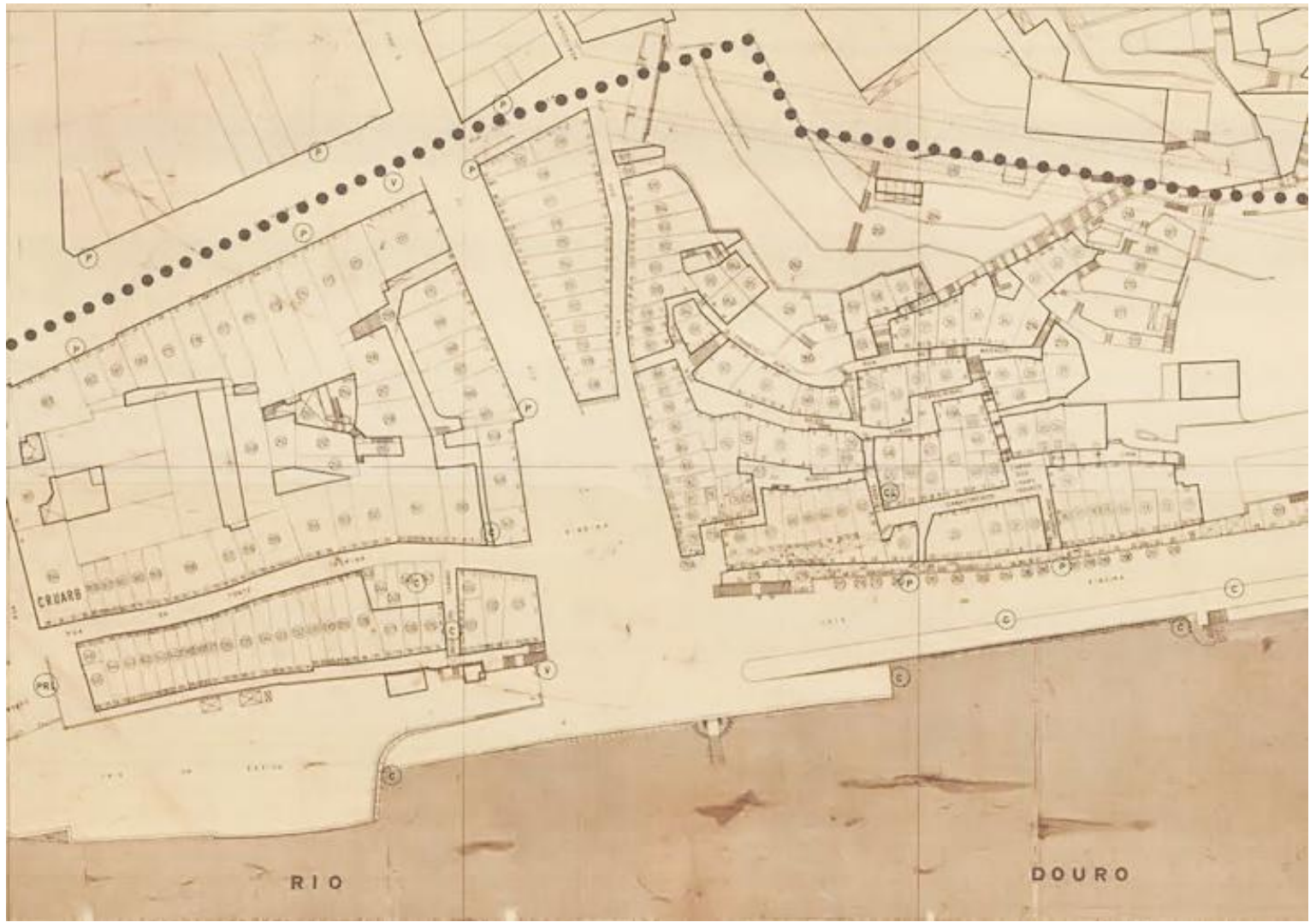
Imagem 053 – Exemplos de casa gótica na Ribeira do Porto.

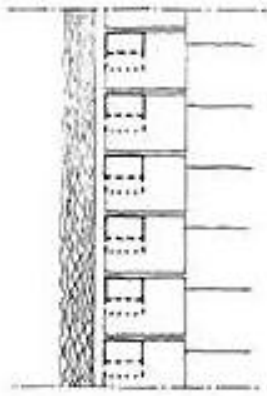
Imagem 054 – Exemplos de casa gótica no Porto.

Imagem 055 – Paolo Maretto, *sviluppo della casa veneziana*.

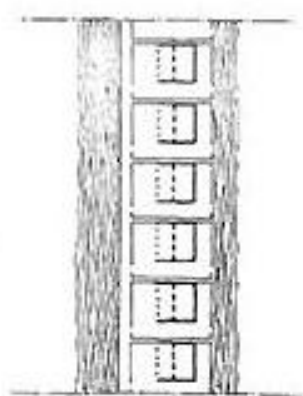
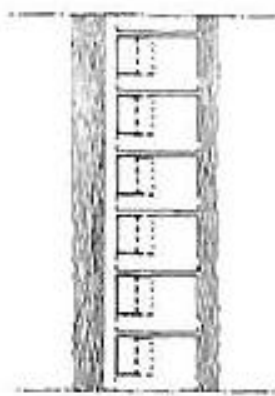
Imagem 056 – Foto da zona da UTM 1.



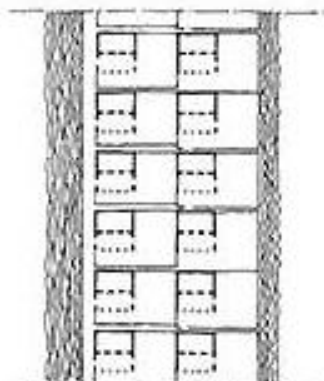




FESSUTO TRA FONDAMENTA E ALTRE DOMUS
(UNICO ACCESSO)



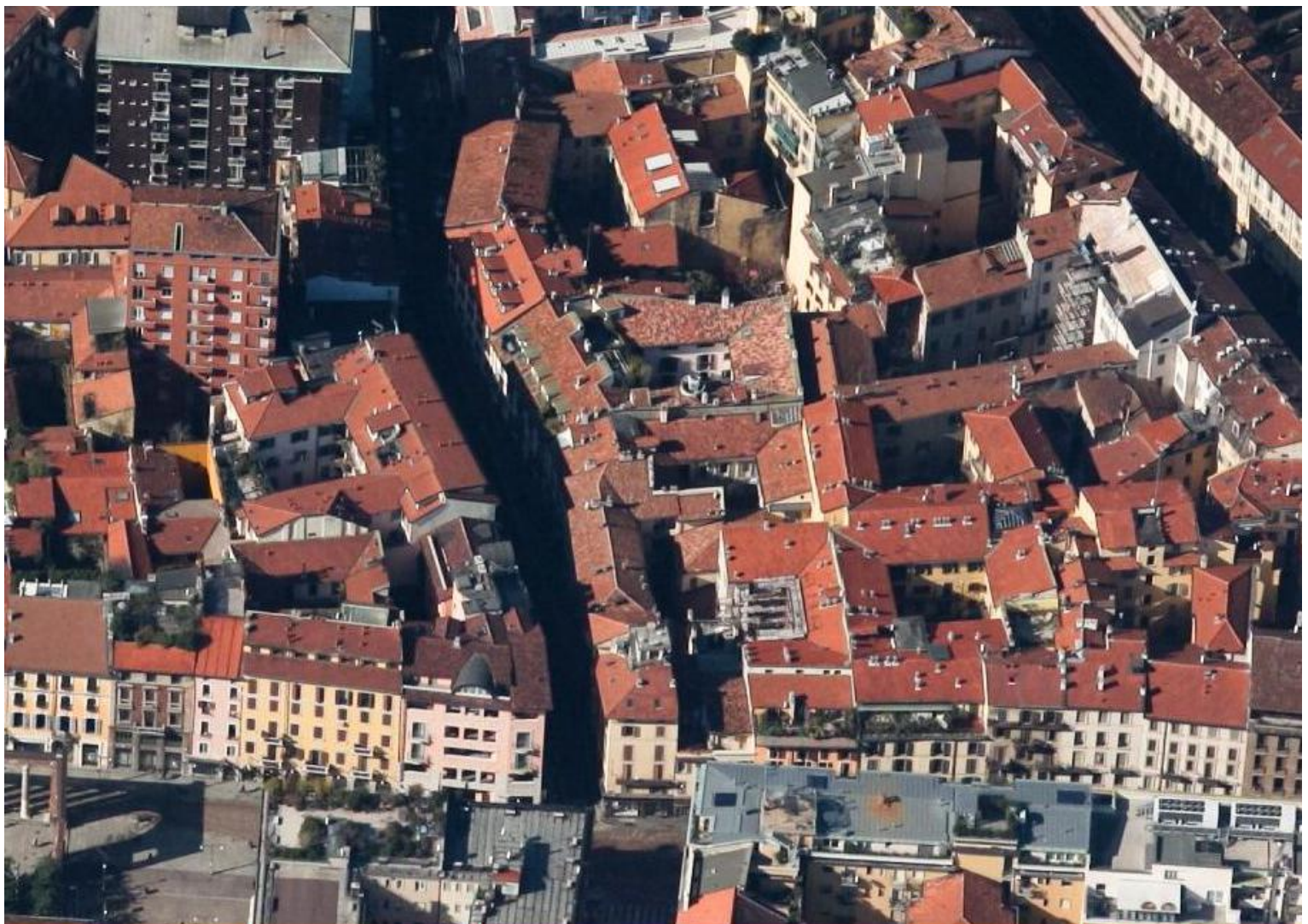
GRUDBOCCA I QUANTIFICAZIONI SEGNARI DI "CASE A CORTI"
DERIVATE DA UNA FRONTALE.



INCREMENTO CON DOMUS CON ACCESSO
DA ANDETTO



GRUDBOCCA I QUANTIFICAZIONI LINEARI DI "CORTI" DIVERSE
LIZZATE.



2UTM 2

Esta unidade tipo-morfológica desenvolve-se longitudinalmente em relação à actual *Via Edmondo de Amicis*, ou seja, segue a antiga *Cerchia dei Navigli*, onde surgiu uma tipologia muito específica desta parte da cidade: a *Sciostra*. Na altura em que o fosso se torna navegável (com o facto de ser reduzida a sua largura e aprofundado o *l'invaso*) vai ser deixada a descoberto uma estreita faixa de terreno livre entre as muralhas e a água. A unidade caracterizada por ter uma disposição longitudinal e estreita, sem interior de quarteirão.

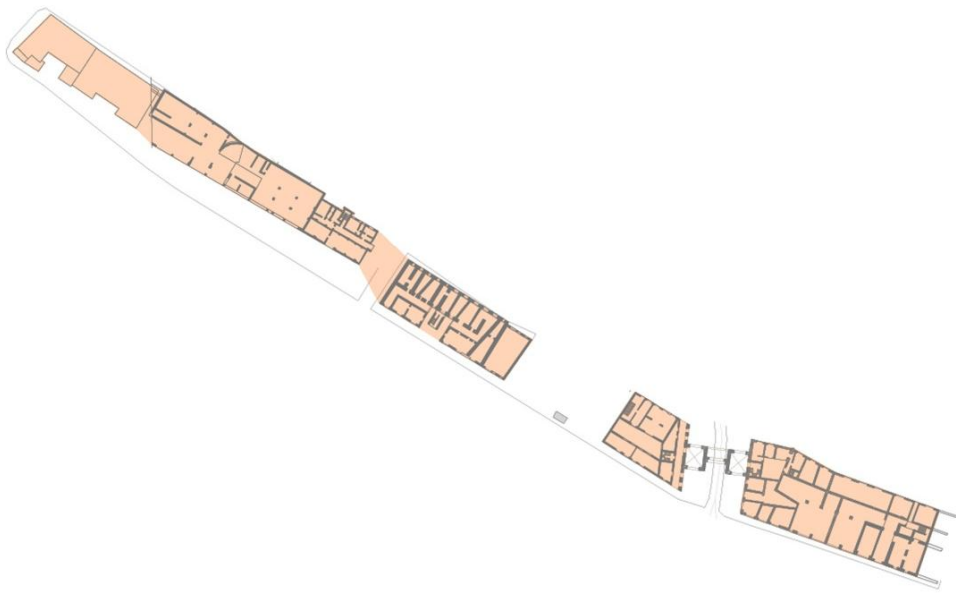


Imagem 057 – Foto histórica de uma *Sciostra* na actual *Via Edmondo de Amicis*.



2UTM 3

Esta unidade, que ocupa uma grande área da *Cittadella*, desenvolve-se em continuidade com a via *Corso di Porta Ticinese* e é caracterizada por um parcelamento acentuado originando lotes pequenos com uma elevada percentagem de ocupação. Toda a zona é prolífera em actividades e funções que se desenvolvem ao longo desta rua, com maior foco para a habitação. É de referir que esta UTM foi alvo de muitas alterações depois dos bombardeamentos na Segunda Guerra Mundial, muitas das quais têm em consideração a linguagem histórica do local, tendo os novos edifícios tido intenções de regenerar as vivências e formalizações do pré-guerra.



Imagem 058 – Foto da zona da UTM 3.



2UTM 4

Unidade morfológica em proximidade com a UTM 3 mas significativamente contrastante quer pela maior altura do edificado, quer pelas maiores dimensões dos lotes, quer também pela própria tipologia.

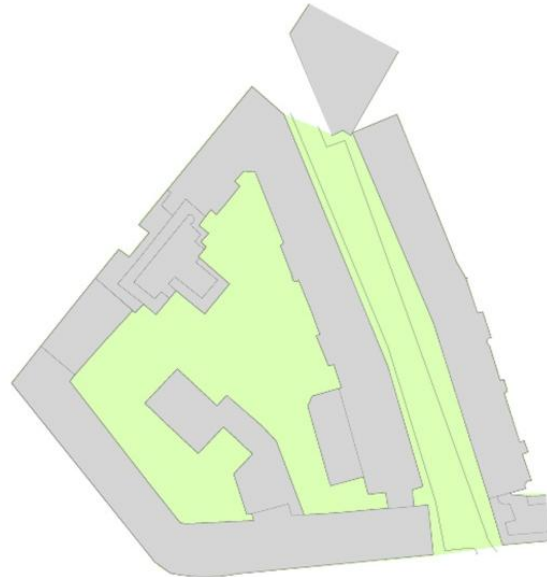


Imagem 059 – Foto da zona da UTM 4.



2UTM 5

Quarteirão próximo da UTM 4 mas com uma forma de implantação do edificado no lote distinta. Com um parcelamento pouco acentuado, esta unidade apresenta uma tentativa de integração num estilo semelhante aos modelos arquitectónicos do passado, de fachada regular mas com variações de altura, nomeadamente entre os três e os cinco pisos.

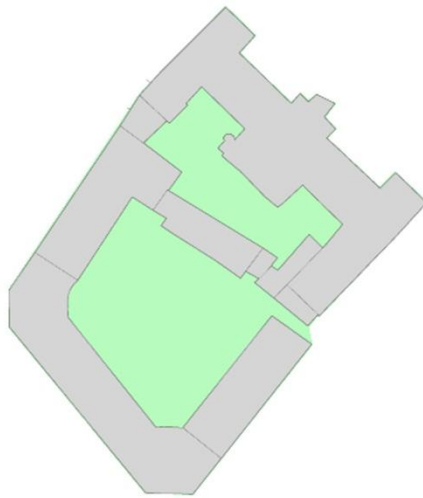


Imagem 060 – Foto da zona da UTM 5.



2UTM 6

Apesar de ser encarada como unidade morfológica, é na realidade um conjunto de seis monumentos que se destacam enquanto exceções marcantes junto às restantes unidades de conjunto, tal como Aldo Rossi (1966)¹⁸ caracteriza a cidade através da existência de malhas repetidas ocasionalmente intercaladas por pontos de exceção.

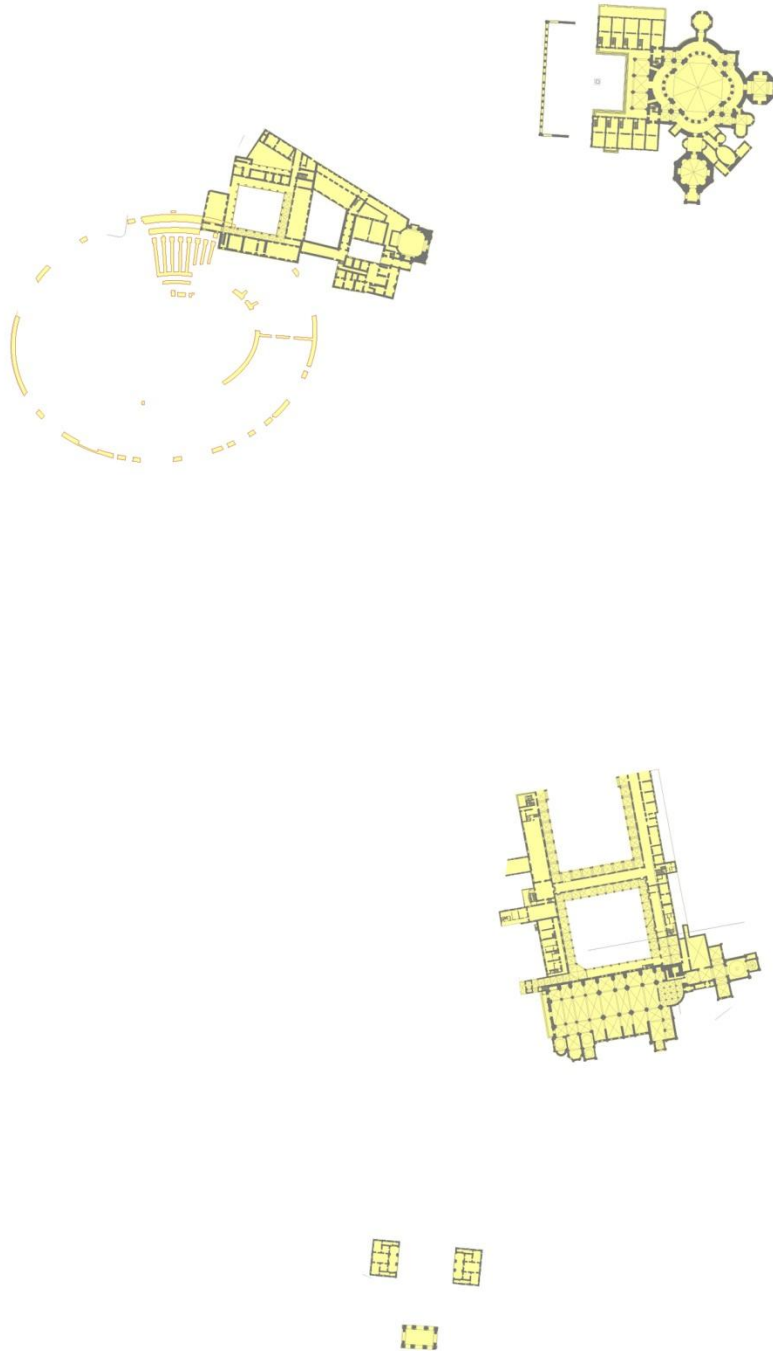


Imagem 061 – Colunas de *San Lorenzo*.

Imagem 062 – *Cripta di Santa Maria della Vittoria*.



BASÍLICA DE SAN LORENZO – A basílica de *San Lorenzo* foi construída numa colina artificial a cerca de 200 metros a Sul da *Porta Ticinensis*, tendo sido consagrada no ano 370. Desde a data inicial da sua construção, a basílica sofreu até aos dias de hoje várias reconstruções e acrescentos, tais como as sucessivas capelas circundantes do corpo central, sendo a última erigida já no século XVII. A cúpula inicial do corpo principal foi por várias vezes destruída até às obras de reconstrução definitivas que culminaram na obra hoje visível, terminadas em 1619. Uma característica notável deste edifício no contexto urbano é o facto de, ao longo de quase toda a sua existência, existir uma grande densidade de construção nas suas proximidades, chegando mesmo estes edifícios a acoplarem-se às paredes exteriores da basílica. Inclusivamente, a grande praça hoje visível em frente à entrada principal não existia até 1934, ano em que foram demolidas todas estas habitações para dar lugar ao espaço vazio que hoje envolve a basílica.

Imagem 063 – Basílica de *San Lorenzo*.



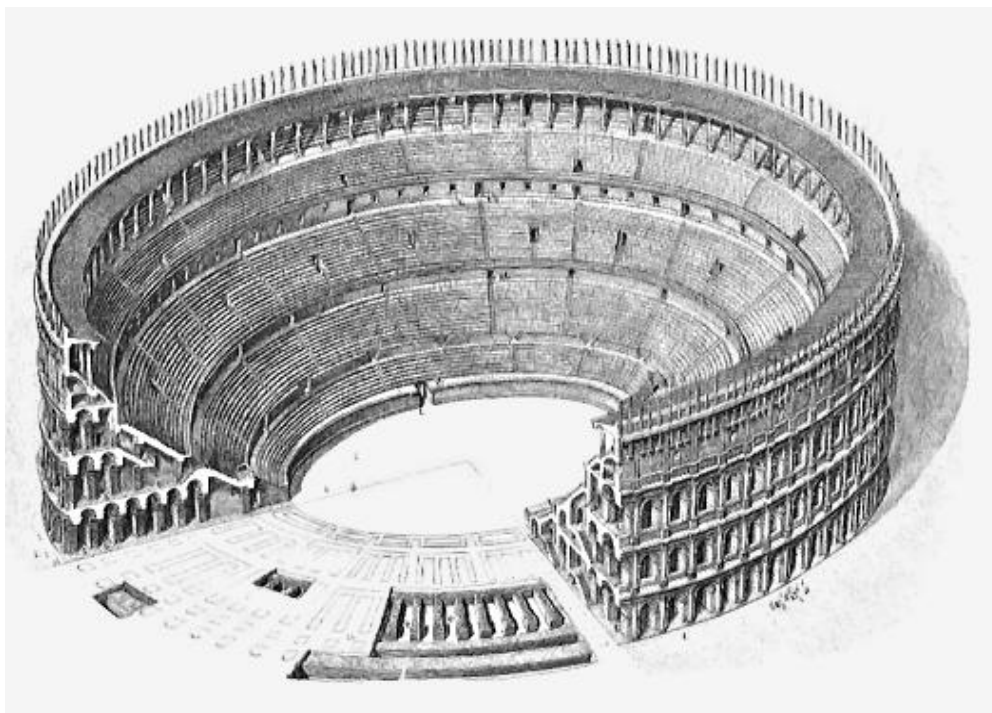
Imagem 064 – Mosteiro de *Sant'Eustorgio*.

Imagem 065 – Mosteiro de *Sant'Eustorgio*.



ANFITEATRO ROMANO – O anfiteatro romano de Milão foi construído numa zona exterior aos muros entre os séculos II e III, a cerca de 350 metros da *Porta Ticinensis*, o actual *Carrobbio*. Porém, após a conversão do Império Romano ao Cristianismo, o edifício assistiu a um progressivo abandono, tendo inclusivamente servido como fonte de materiais para a construção da basílica de San Lorenzo e dos edifícios nas suas proximidades, sendo definitivamente demolido como consequência de invasões bárbaras na região. O anfiteatro, de planta elipsoidal, possuía 155 metros de comprimento e 125 metros de largura, o que atesta a sua importância no contexto das edificações destinadas a jogos na antiguidade clássica. No entanto, actualmente são apenas visíveis vestígios das fundações correspondentes a cerca de 90 m², na zona que foi outrora destinada às bancadas do complexo. O restante terreno da implantação inicial do anfiteatro está actualmente ocupado por vários outros elementos, tais como parte da *Cripta di Santa Maria della Vittoria*, um parque urbano e alguns edifícios habitacionais, existindo também um pequeno museu arqueológico destinado a preservar outros vestígios resultantes das escavações arqueológicas levadas a cabo em meados do século XX.

Imagem 066 – Anfiteatro Romano de Milão.



PORTA MARENGO – O monumento erigido na actual *Piazza XXIV Maggio*, inicialmente baptizado de *Porta Marengo*, foi finalizado em 1815 segundo o projecto de Luigi Cagnola para uma obra comemorativa da vitória de Napoleão Bonaparte na batalha de Marengo, que marcou a entrada de Milão nos mapas do seu Império. O monumento é composto por três volumes distintos, com o protagonismo a recair para o volume central. Projectado em estilo Neoclássico, tem 21 metros de altura e possui duas fileiras de quatro colunas jónicas, sendo que as laterais formam arcos entre elas, consequência da conceptualização do monumento como uma metáfora relativa a uma ponte. Os dois volumes menores, simétricos, foram projectados como edifícios de serviço e portagem ao que seria a entrada na cidade através daquela porta dos bastiões espanhóis. É uma obra que exprime a continuidade entre o interior e o exterior, um elemento que liga em vez de separar e essa ligação era feita em ponte. Porém, esse carácter de ponte é hoje apenas conceptual, visto os canais fluviais ainda existentes se cingirem apenas à Darsena e aos *Navigli Grande e Pavese*. Todo o espaço onde o monumento está inserido, a *Piazza XXIV Maggio*, é uma superfície sem interrupções onde o tráfego rodoviário prevalece.

Imagem 067 – Monumento na *Piazza XXIV Maggio*.



2UTM 7

Unidade tipo-morfológica constituída por quarteirões altos em que a implantação do edificado no lote assume grandes áreas, com logradouros dentro de cada quarteirão e uma média de seis pisos de altura. Os quarteirões são entendidos como um só edifício, de fachada contínua e em unidade de estilo. Os usos afectos a esta unidade estendem-se para além da habitação, incluindo escritórios, estacionamento e outros serviços. Apesar de existir uma tentativa de integração num estilo reminiscente aos modelos arquitectónicos do passado, a sua escala e grandes dimensões acabam por contrariar essa intenção.

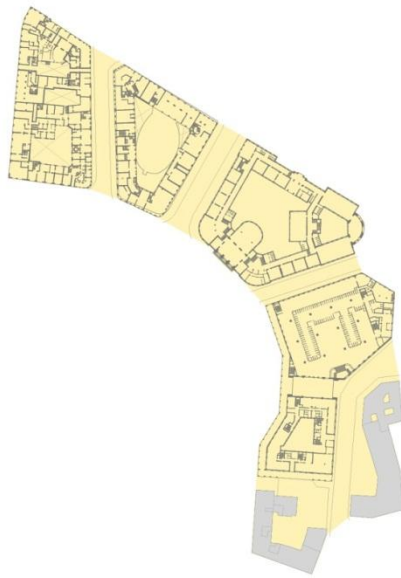


Imagem 068 – Foto da zona da UTM 7.

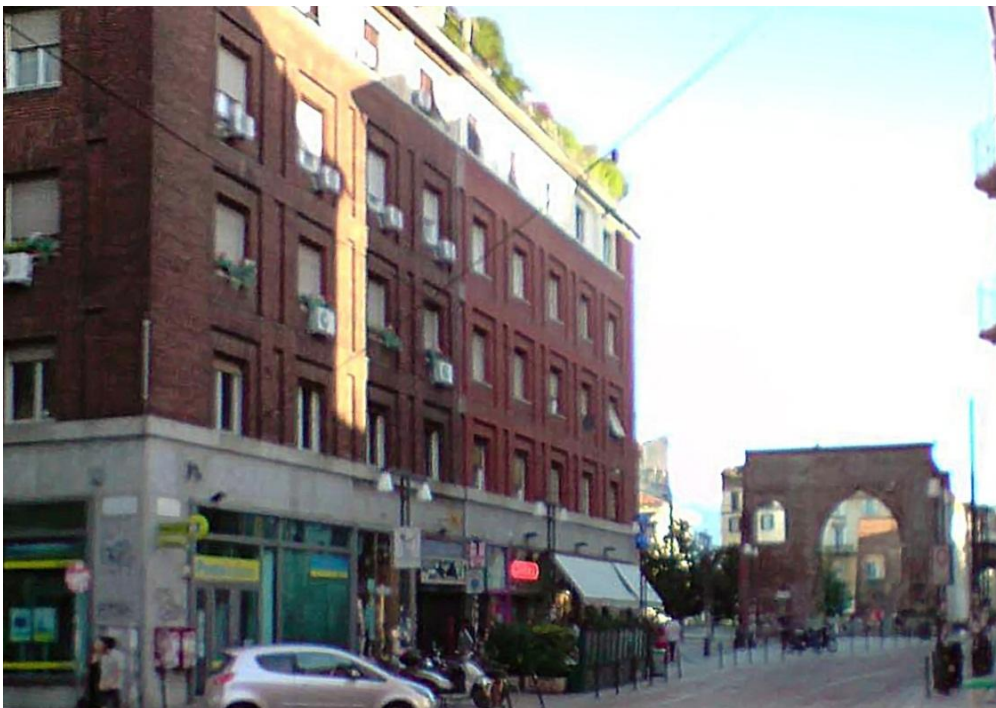


2UTM 8

Unidade morfológica em proximidade com a anteriormente descrita, com proporções semelhantes mas que difere na medida em que o quarteirão tem um parcelamento mais acentuado.



Imagem 069 – Foto da zona da UTM 8.



2UTM 9

Conjunto pouco característico de edificações que não se integram em nenhuma das unidades anteriormente referidas. O tecido urbano desta unidade morfológica não expressa nenhuma lógica aparente de organização, sendo que apesar de tudo ainda transparecem no tecido urbano as marcações viárias com séculos de existência.

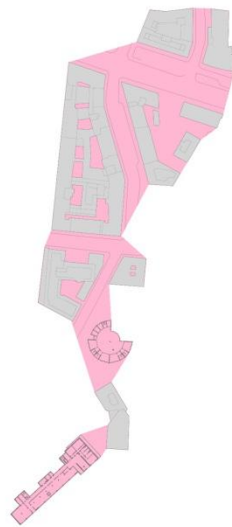
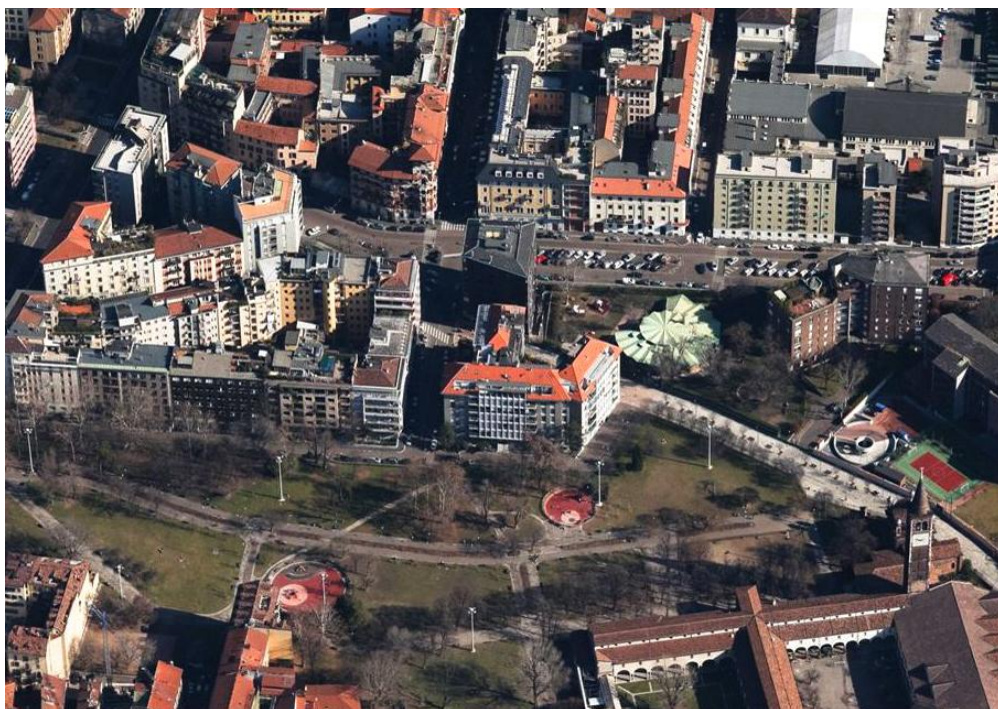


Imagem 070 – Foto aérea da zona da UTM 9.



2UTM 10

Unidade morfológica constituída por um conjunto de volumes habitacionais de oito pisos de altura, com uma formalização descontextualizada a nível de proporções e estilo, afirmando-se como uma presença monolítica contrastante com o terreno de implantação do anfiteatro romano e com os edifícios modestos da UTM 3.

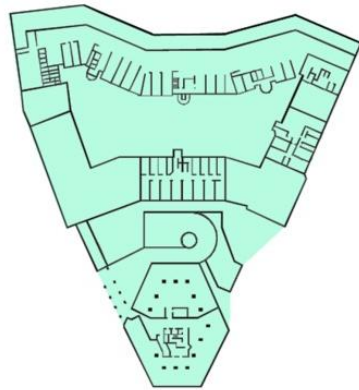


Imagem 071 – Foto da zona da UTM 10.



2UTM 11

Grande unidade tipo-morfológica caracterizada por uma malha urbana muito específica e ordenada ortogonalmente, com uma elevada percentagem de ocupação no lote, com um parcelamento regular e uma área de ocupação densa que ainda assim permite a presença de diversos logradouros. O edificado tem uma média de cinco pisos de altura e a função predominante é a habitacional, não excluindo usos de outra natureza.

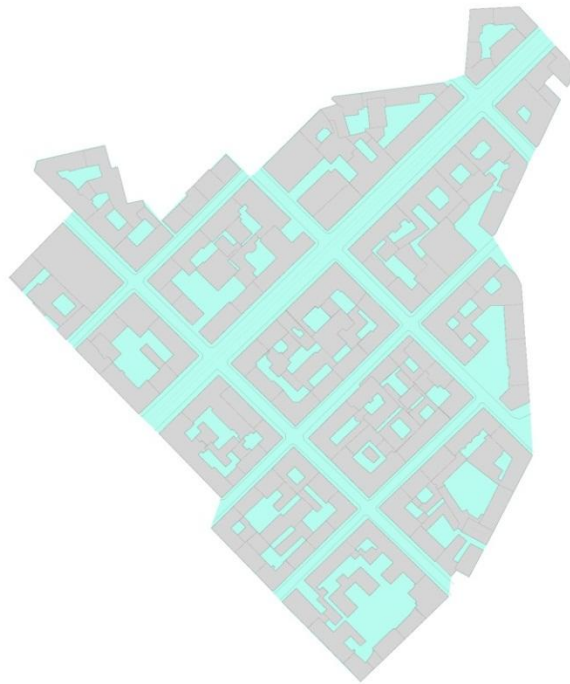


Imagem 072 – Foto aérea da zona da UTM 11.



2UTM 12

Conjunto com edificado de construção imponente, de altura e fachada regulares, com métrica uniforme e *loggias* no piso térreo. A sua formalização, no seguimento da corrente de pensamento milanesa, transparece a intenção de reproduzir os modelos arquitectónicos invocativos do passado.

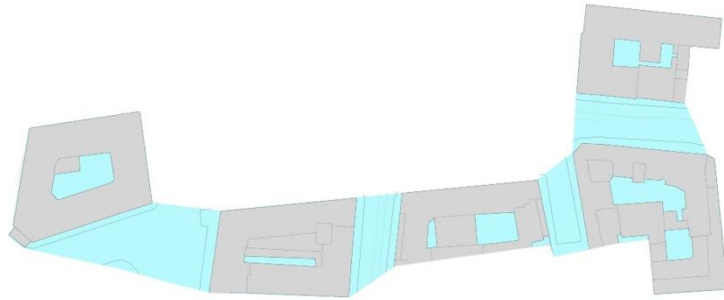


Imagem 073 – Foto da zona da UTM 12.



02.3 Análise das tipologias relevantes

No seguimento da análise da Área de Intervenção, com a intenção de criar bases de apoio sólidas a uma futura proposta arquitectónica, foi desenvolvida na disciplina de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* uma investigação mais aprofundada das tipologias do lote gótico e do mercado urbano, que representam momentos relevantes nas formas urbanas na cidade.

02.3.1 O Lote Gótico

Os Lotes Góticos presentes na Área de Intervenção localizam-se no quarteirão correspondente à Unidade Tipo-Morfológica 1, identificada no subcapítulo 02.2.2. Estes exemplos de lotes possuem uma relevância considerável não só pelo seu legado arquitectónico específico, de eminente identificação com o contexto histórico e urbano de Milão, como também devido ao facto de ser uma tipologia escassa no âmbito da arquitectura vernacular europeia.

O Lote Gótico apresenta um perímetro rectangular bastante alongado, gerando a abertura de pequenos pátios e logradouros no seu interior como medida essencial para garantir a salubridade dos espaços. Esta configuração expressa-se na frente urbana através de fachadas bastante estreitas, algo justificável pelo contexto social e urbano no qual a origem da tipologia se insere, sendo que a rua era encarada como um mero ponto de troca e circulação. A largura das fachadas varia entre os cinco e os sete metros, enquanto o desenvolvimento para o interior do quarteirão, em grande profundidade, apresenta distâncias que variam entre sete a nove vezes a largura do lote.

Imagem 074 – Quarteirão composto por lotes góticos na Área de Intervenção.



Devido à exiguidade acentuada dos lotes, o sistema estrutural vertical do edificado limita-se às paredes de empena, em pedra, enquanto os restantes elementos estruturais de suporte aos pisos são de madeira. A subdivisão interior está marcada pela demarcação dos logradouros, sendo que a segmentação das divisões se organiza em sucessão longitudinal. A distribuição vertical localiza-se no ponto de transição geométrica entre o edificado coberto e o logradouro ou até mesmo inserido no mesmo. As escadas desenvolvem-se normalmente ao longo de apenas um lance, solução adoptada de forma a poupar espaço necessário para a abertura de quartos e salas.

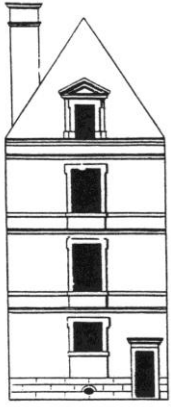
Imagem 075 – Le Muet, exemplos de lotes góticos, 1623.

Imagem 076 – Paolo Chiolini, distribuição dos edifícios antigos.

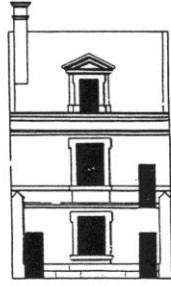
Imagem 077 – Casa no *Borgo delle Colonne*, Parma, 1763.

Imagem 078 – Paolo Maretto, desenvolvimento da casa veneziana.

Imagem 079 – Planta de uma casa no *Borgo delle Colonne*, Parma.



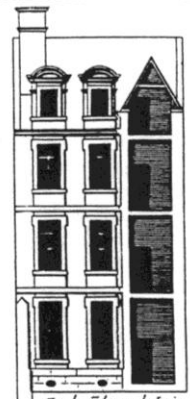
La face de Logis de devant.



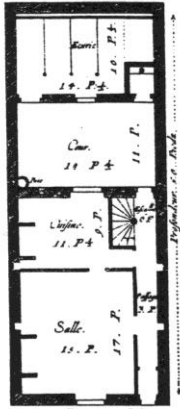
La face du petit corps de Logis à derrière.



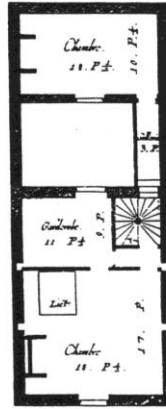
Face de Logis de derrière.



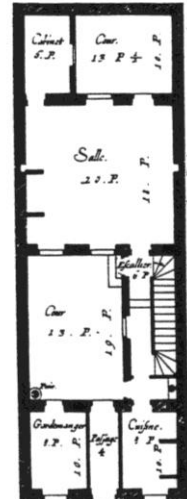
Face du petit corps de Logis du côté de la Cour.



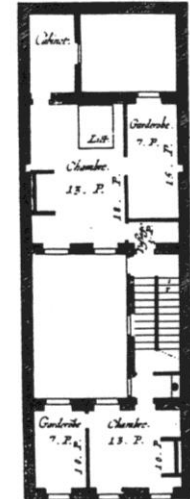
Plan du premier étage.



Plan du second étage.



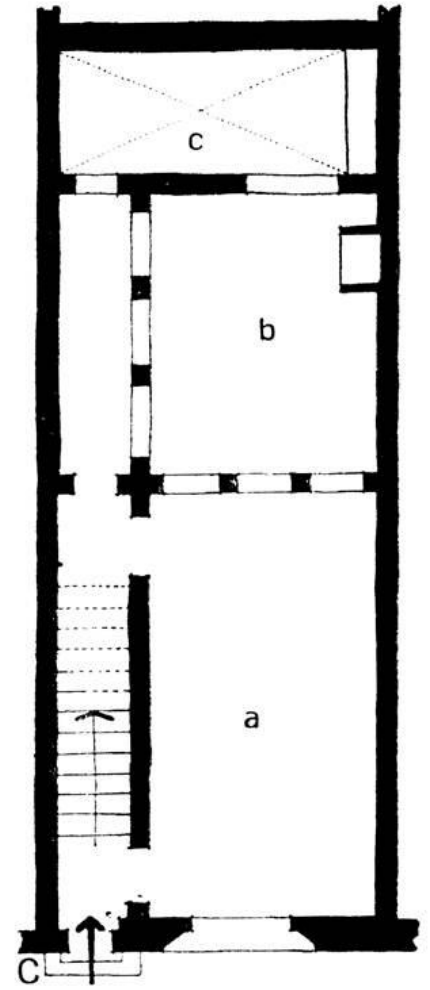
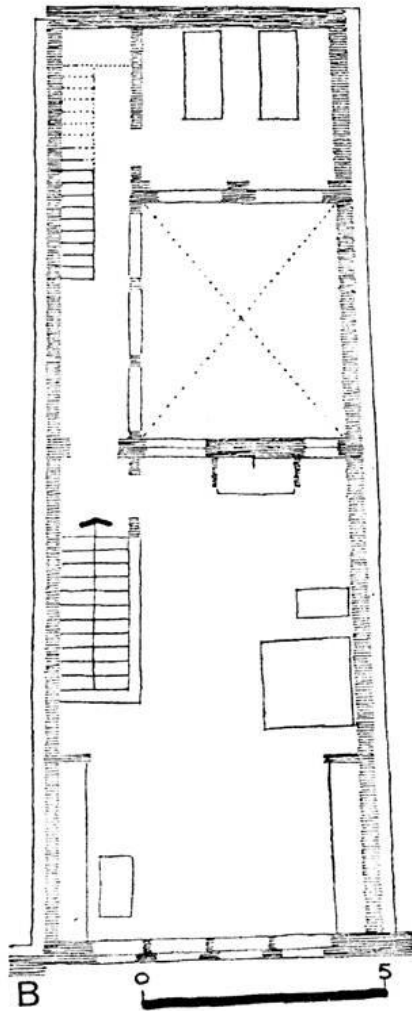
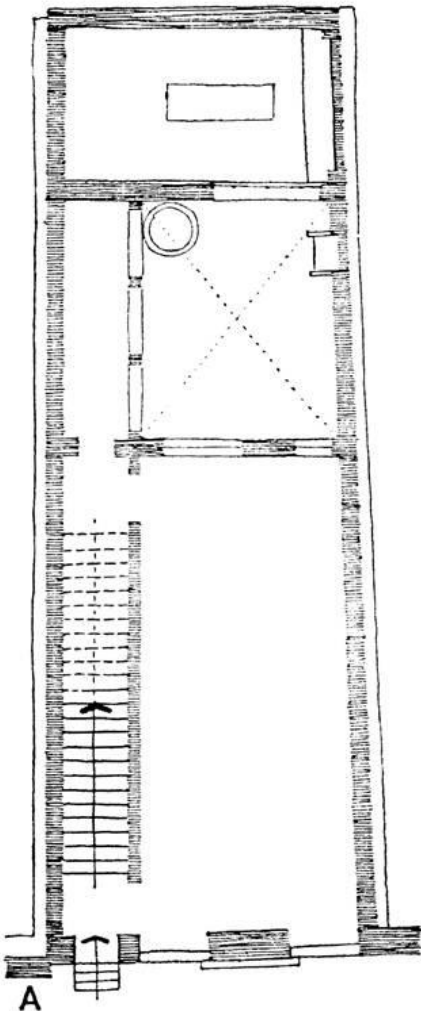
Plan du premier étage.

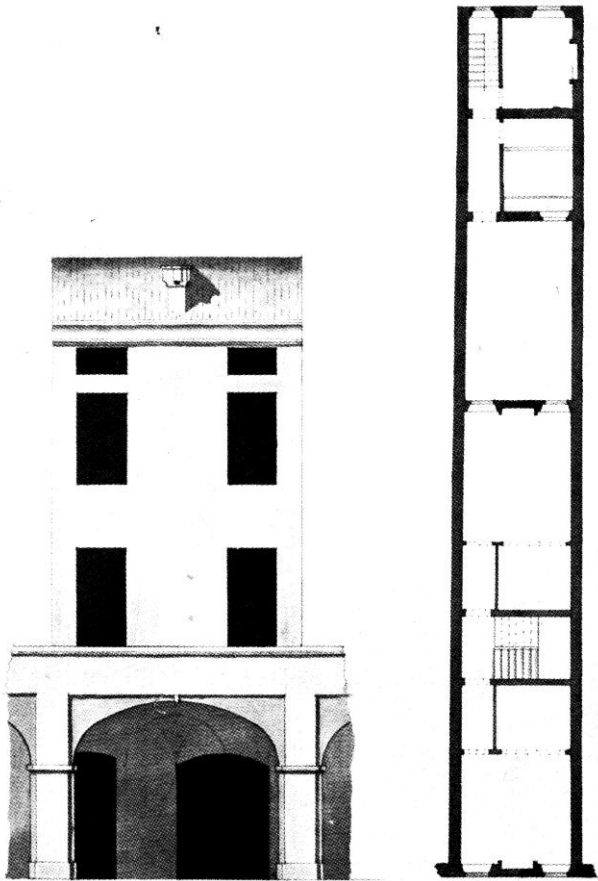


Plan du second étage.

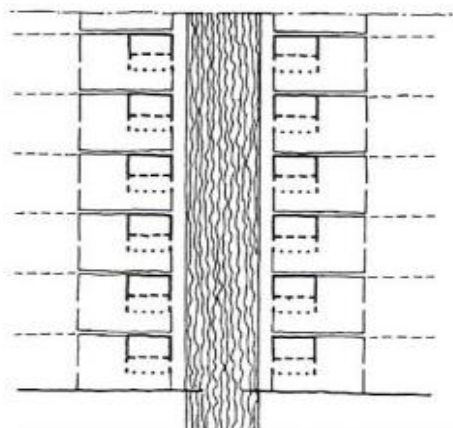
1 2 3 4 Toise.

1 2 3 4 Toise.

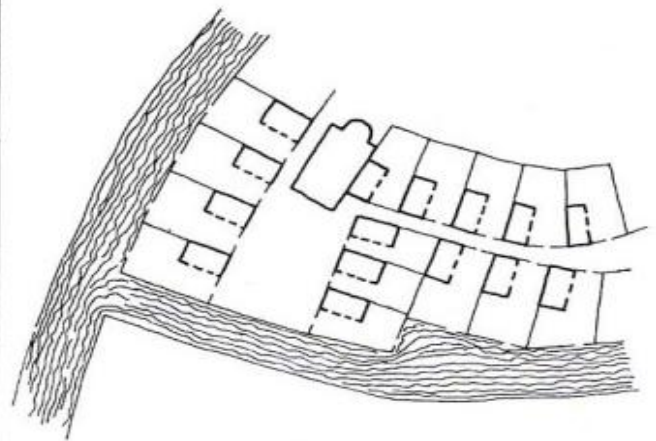




0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



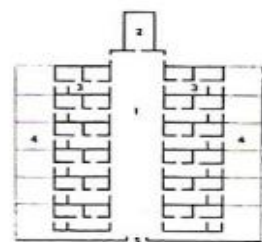
TESSUTO SU CANALE A DOPPIA FONDAMENTA
(TESSUTO DA BORGO LINEARE)



TESSUTO SU CAMPO E CHIESA

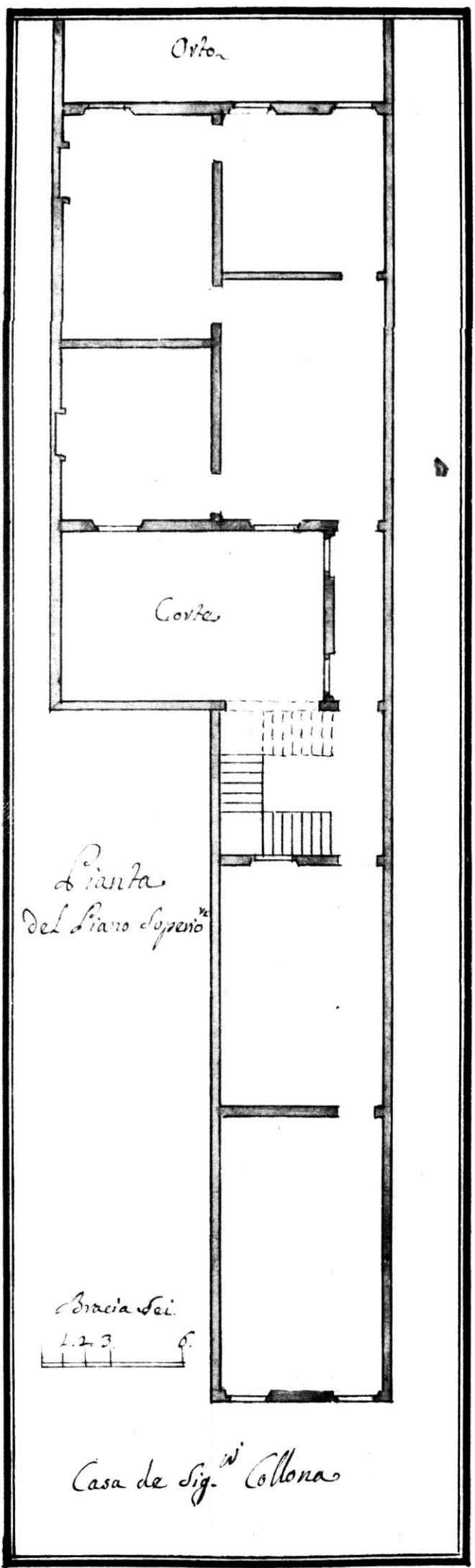
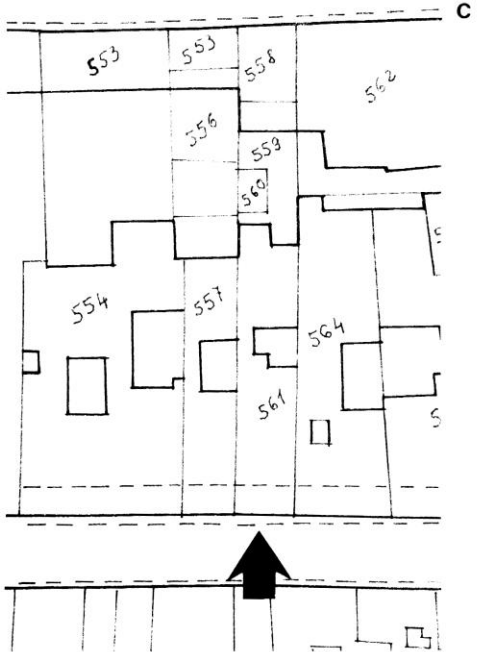
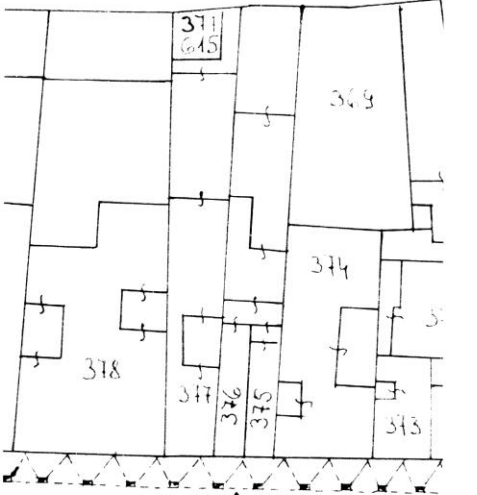
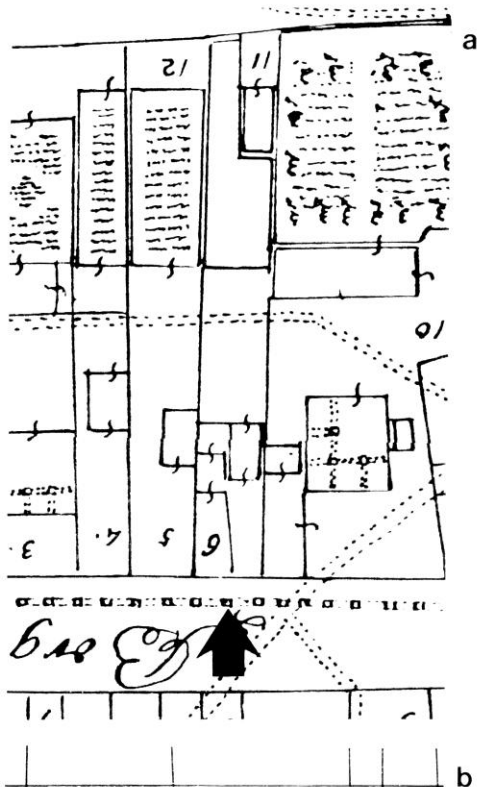


ULTERIORE ESPANSIONE SU PERCORSI TANGENZIALI



Ca' Lardo. Schema complesso: 1. Corte; 2. Chiesa; 3. Col. 4. Utri; 5. Accesso dalla via.

MEMORIA DEI "NUCLEI QUADRATI"
Padova, Pianificazione del XVI sec.
(da: AA.VV., La città di Padova, Roma, 1970)



02.3.2 O Mercado Urbano

Actualmente, o mercado existente na *Piazza XXIV Maggio* localiza-se a Oeste do monumento de Luigi Cagnola, no culminar da Darsena. De planta rectangular, com um piso e com um valor arquitectónico pouco significativo, o edifício é um tema recorrente nas discussões relativas à reorganização da praça, tendo já sido lançados alguns concursos pela Câmara Municipal de Milão com o propósito de o substituir por uma nova obra que valorize e se relacione melhor com o espaço envolvente. Devido à importância da função mercantil neste local, verificada ao longo dos séculos, a temática do mercado urbano é de fulcral influência na definição da renovação da *Piazza XXIV Maggio*. Neste sentido, serão alvo de atenção as possibilidades existentes no âmbito da tipologia de mercado urbano estudados nas sessões de *Laboratorio di Progettazione Architettonica*.

O mercado é um espaço de trocas. Trocas não só comerciais como também culturais e sociais. A presença de comércio no meio urbano, desde sempre, marcou a cidade, assumindo desde há muito um papel preponderante na definição dos espaços e ambiências do espaço público, acessível a toda a população e conseqüentemente funcionando como factor agregador. Na actualidade, grande percentagem das actividades que se desenrolam na cidade estão relacionadas com a comercialização de bens, com a troca. Esse peso acarreta responsabilidades, aumentando a importância da articulação dos espaços de uso comercial com diversas outras valências. A própria função mercantil aplicada a um edifício pode causar dificuldade na definição da tipologia, sobretudo devido à natural e quase ilimitada variedade dos potenciais bens a ser adquiridos pelos consumidores de uma cidade. Deve então o mercado possuir a habilidade de albergar e conjugar eficazmente todas as funções a que se propõe à partida e que lhe são inerentes enquanto edifício de carácter público, que transparece a imagem da sua comunidade para o exterior.

Do arquitecto espera-se, enquanto atento observador desta mecânica, que encare o desafio de criar soluções que respondam a todos os factores e exigências desta tipologia, com a importância que ela tem na engrenagem urbana.

Imagem 080 – O mercado do *Ticinese* inserido no seu contexto actual.



Estando esta tipologia enquadrada nos elementos de relevo na estrutura urbana, foi proposto na aula de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* o estudo de seis tipos de mercado, tendo em vista um melhor entendimento sobre como, em diversos locais, culturas e tempos foram encontradas soluções para a sua erecção: o *Mercato a Corte*, o *Mercato a Portico*, o *Mercato ad Aula*, o *Mercato a Strada Urbana*, o *Mercato a Strada Porticata* e o *Mercato a Galleria*.¹⁹

MERCATO A CORTE – Este tipo de mercado é encarado como um mercado de estada ao ar livre, constituído por um edifício com um espaço central aberto, definido pelos volumes edificados cheios que o rodeiam. Este espaço central permite o desenvolvimento da actividade mercantil tal como acontece numa típica praça urbana (Imagem 081).

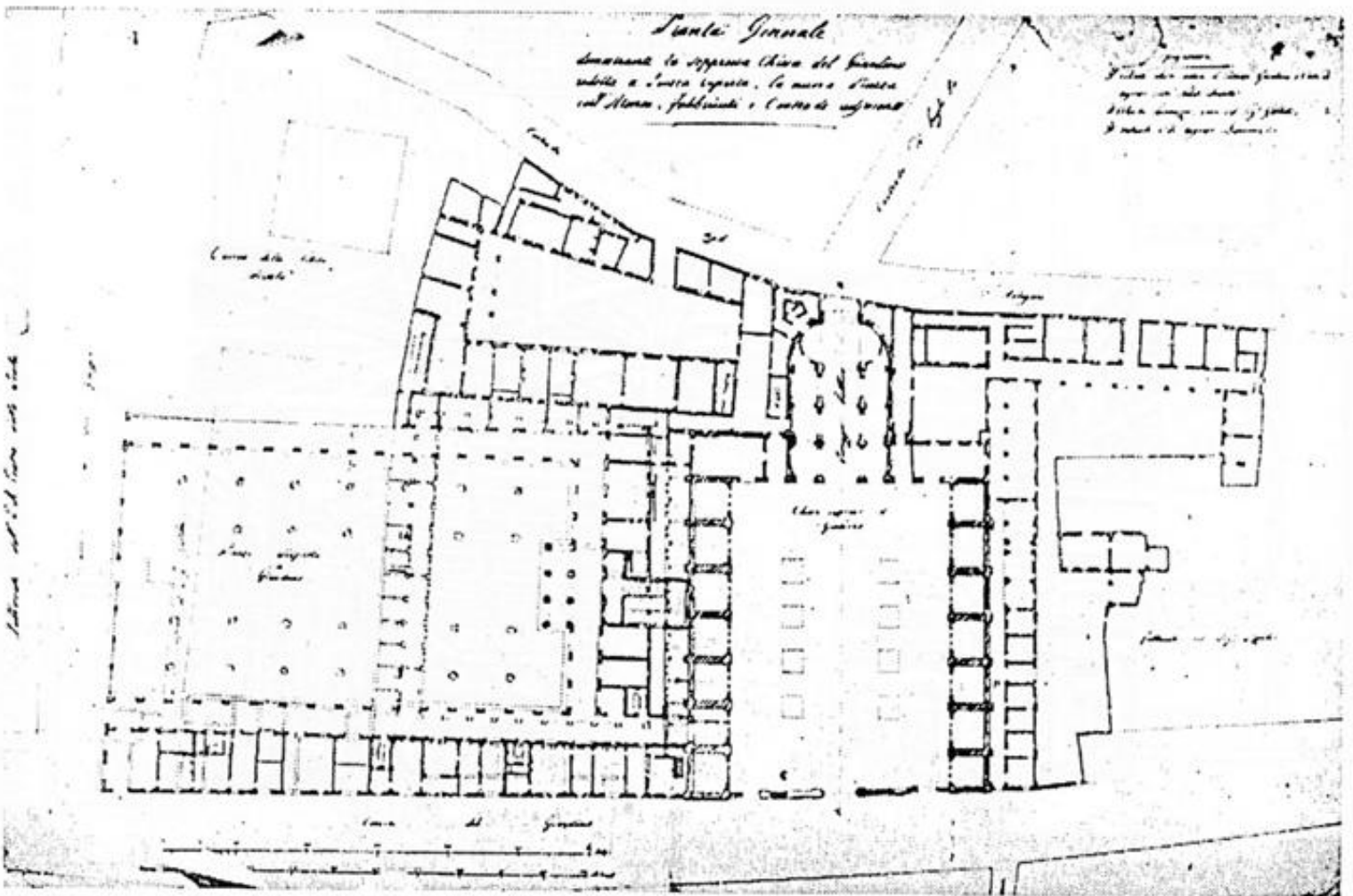
MERCATO A PORTICO – O mercado possui apenas um piso, definido por uma cobertura longitudinal, que pode tomar várias formas e é suportada por colunas ou pilares. O mercado pode ser aberto dos seus dois lados ou apenas de um, funcionando com uma dinâmica de grande abertura em relação à cidade (Imagem 082).

MERCATO AD AULA – Este mercado, um lugar de estada fechado, é constituído por uma estrutura edificada que define um espaço limitado e coberto, normalmente de grandes dimensões. A continuidade espacial não é interrompida por elementos de sustentação e a cobertura assume uma presença marcante, sendo um elemento de potencial interesse para o arquitecto explorar (Imagem 083).

MERCATO A STRADA URBANA – Este tipo de mercado organiza-se através da disposição de várias lojas fixas de pequenas dimensões dispostas em sequência, geralmente ao longo de percursos urbanos significativos, sendo assim lugares destinados a serem percorridos ao ar livre, com uma relação directa com a rua (Imagem 084).

MERCATO A STRADA PORTICATA – Constituído por uma sequência de espaços comerciais ao longo de percursos urbanos flanqueados por pórticos, este mercado ergue-se como uma estrutura edificada linear com colunatas no piso térreo, aberto para o exterior. Essa estrutura no piso térreo suporta os pisos superiores, cuja organização interior é também linear, com um corredor distribuidor (Imagem 085).

Imagem 081 – Projecto para um *Mercato a Corte* em Milão, Luigi Canonica, 1819.



MERCATO A GALLERIA – O mercado em questão é uma estrutura edificada geralmente desenvolvida no sentido longitudinal, onde constam um ou mais percursos internos, que também se podem desenvolver em níveis diferentes. Estes percursos internos podem ser articulados em continuidade com os espaços urbanos através de aberturas nas extremidades do complexo (Imagem 086).

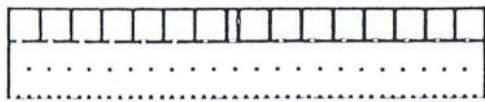
Imagem 082 – Exemplos de *Mercati a Portico* na Grécia.

Imagem 083 – Exemplos de *Mercati ad Aula* na Turquia.

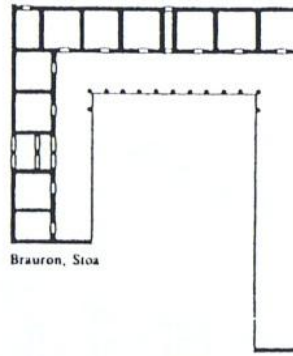
Imagem 084 – *Ponte Vecchio*, em Firenze. Exemplo de *Mercato a Strada Urbana*.

Imagem 085 – *Le Fabbriche nuove a Rialto*, Veneza. Exemplo de *Mercato a Strada Porticata*.

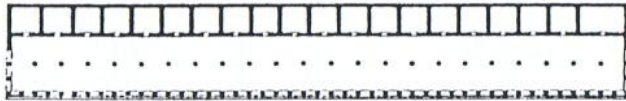
Imagem 086 – Exemplo de *Mercato a Galleria* em Edirne, na Turquia.



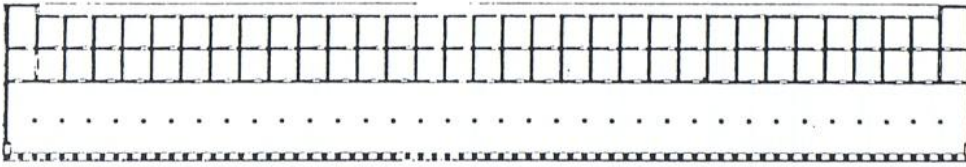
Athens, South Stoa I



Brauron, Stoa



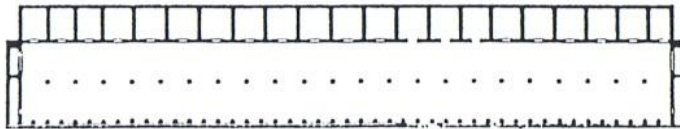
Sikyon, Stoa by Bouleuterion



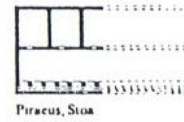
Corinth, South Stoa



Kameiros, Stoa



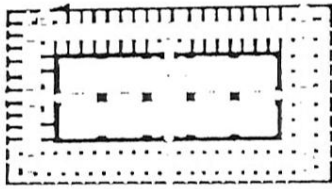
Athens, Stoa of Attalos



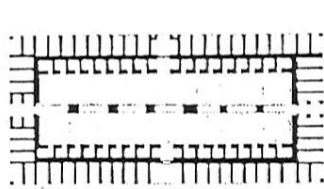
Piraeus, Stoa



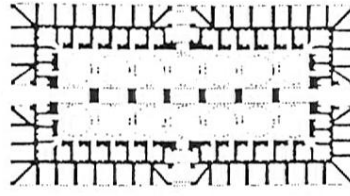
Figure 24 Stoa with rooms; 1:1000



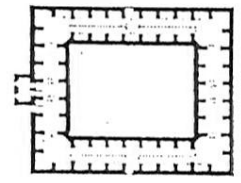
1



2



3

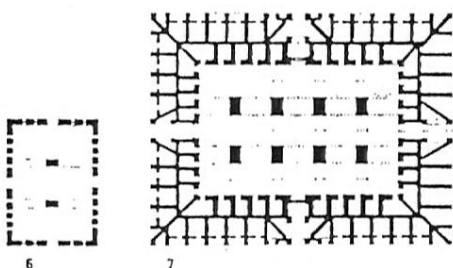


5

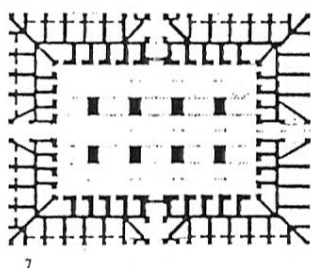
1 Ankara Mahmut Paşa Bedesten
2 Bursa Bedesten
3 Edirne Bedesten

5 Erzurum Rüstem Paşa Bedesten
6 Gelibolu Bedesten
7 İstanbul Eski Bedesten

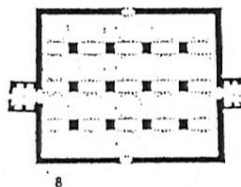
8 Sandal Bedesten
9 Tokat Bedesten
10 Wezirköprü Bedesten



6



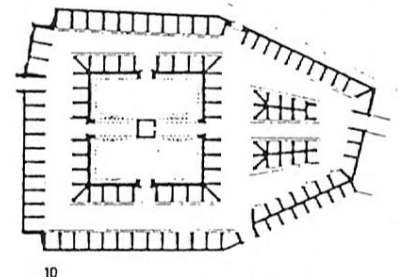
7



8

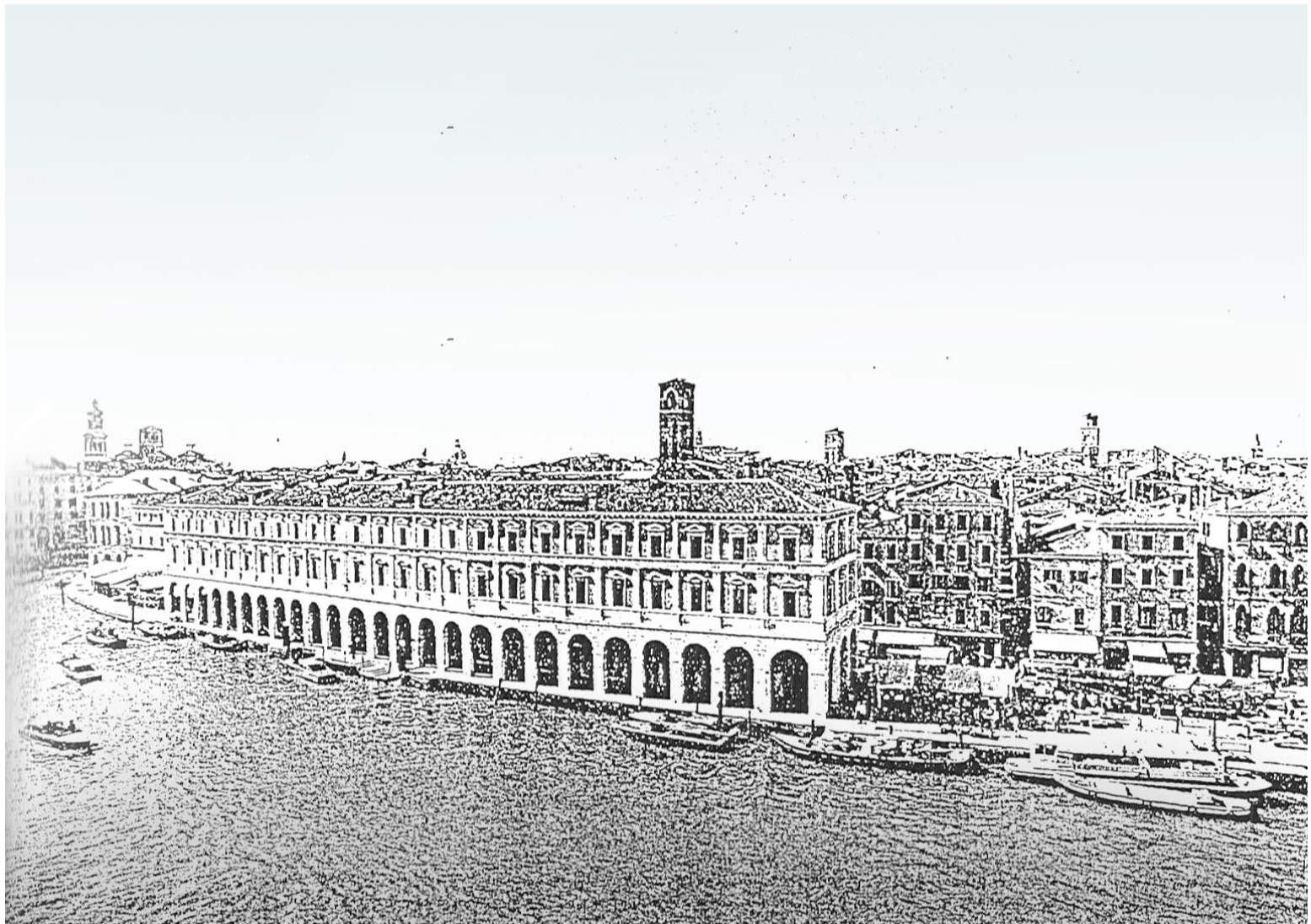
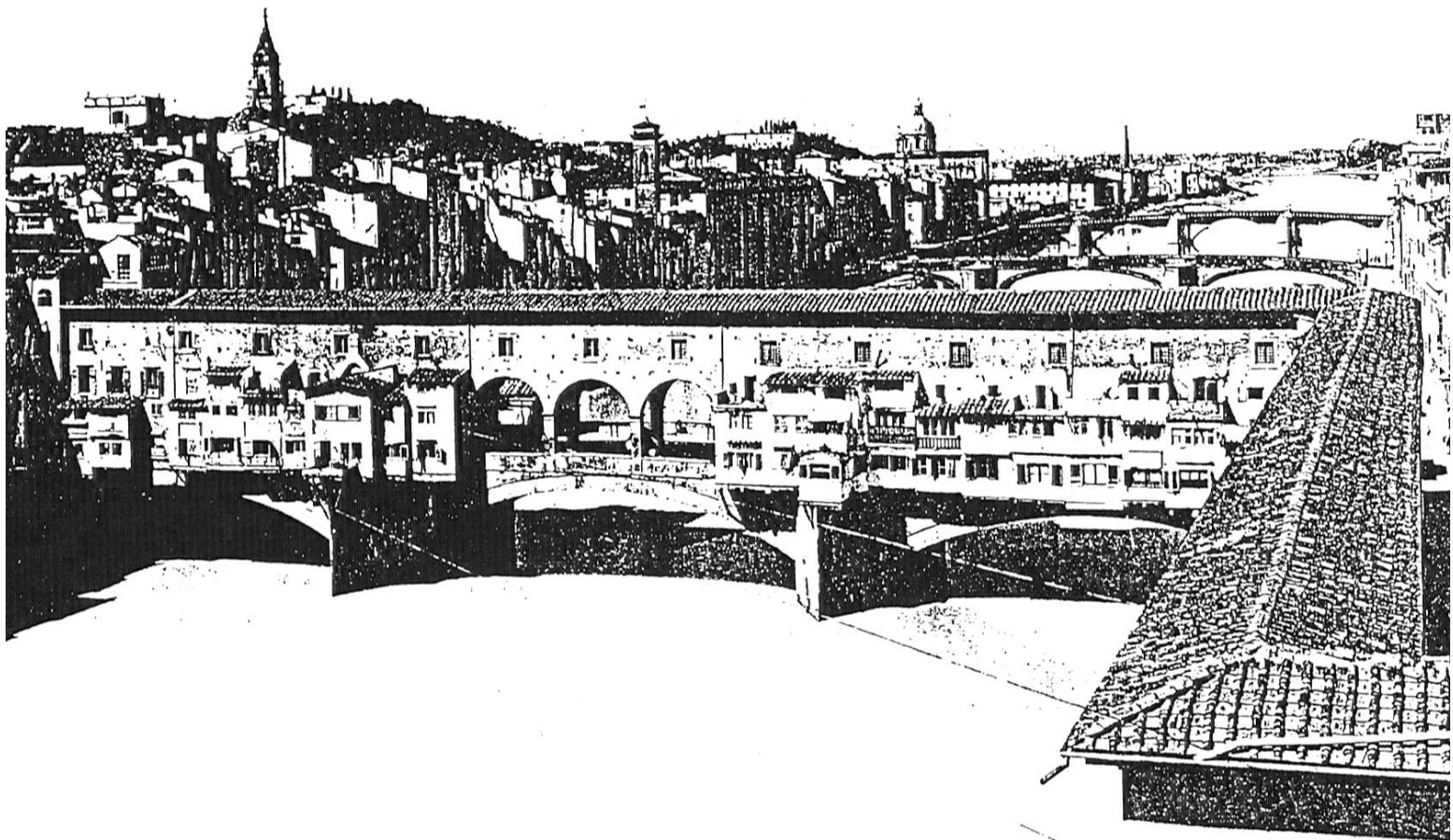


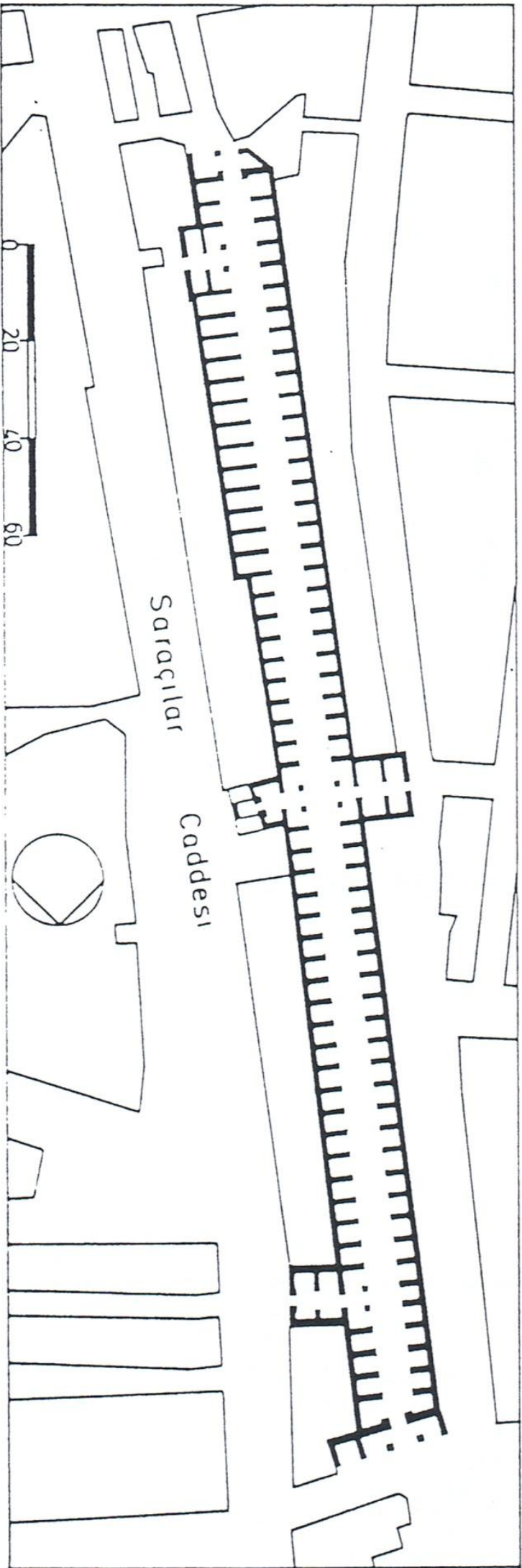
9



10







02.4 Problemas e Desafios

A zona da *Porta Ticinese* localiza-se numa área valiosa de Milão ainda debilitada e com necessidade de intervenção, cuja resolução dos problemas em muito contribuiria para uma melhor vivência da cidade.

No panorama actual de Milão, são visíveis sintomas de degradação em certos pontos do centro histórico, mais concretamente na zona da *Porta Ticinese*, que permanece marcada por um número considerável de vazios urbanos (Imagem 087). Estes vazios e algumas ruínas, situam-se em frente à Basílica de *San Lorenzo* (construída cerca de mil anos antes da catedral *Duomo di Milano*, a basílica é referida pelo professor Daniele Vitale: “*secondo me, la basilica di San Lorenzo è l’edificio più bello di Milano*”) e ao longo da rua *Corso di Porta Ticinese*, perto do Mosteiro de *Sant’Eustorgio*.

Hoje em dia, verifica-se uma perda da coerência compositiva, da consistência e da continuidade do desenho dos volumes edificados deste eixo, visível no tecido do quarteirão histórico a Oeste da Basílica de *San Lorenzo*. São marcantes as interrupções e desfigurações das fachadas quer neste local, quer mais a Sul, nos quarteirões junto ao Mosteiro. É vital cuidar deste património de modo a impedir a degradação do local. A actuação neste local deverá orientar-se como uma consolidação urbana através do potencial que estes espaços residuais representam no sentido de fixar novas actividades e regenerar as vivências de tempos passados (Imagens 088, 089 e 090).

Outro desafio é o aproveitamento das ruínas do Anfiteatro Romano e de todo o espaço onde estão inseridas. O local compõe grande parte da frente da rua *Via Arena* e ocupa 10% da área total da *Cittadella*, o que atesta a importância de uma resolução que o integre no resto do tecido urbano, valorizando não só o conjunto envolvente mas também os próprios vestígios arqueológicos do anfiteatro de valor inestimável, remetentes para uma época marcante no panorama histórico mundial (Imagem 091).

Imagem 087 – Planta esquemática dos vazios urbanos na Área de Intervenção.


Imagem 088 – Colunas de *San Lorenzo* após a Segunda Guerra Mundial.


Imagem 089 – Zona de *San Lorenzo Maggiore* após a Segunda Guerra Mundial.

Imagem 090 – Ruínas ainda visíveis actualmente.

Imagem 091 – Implantação do Anfiteatro romano na cidade actual.

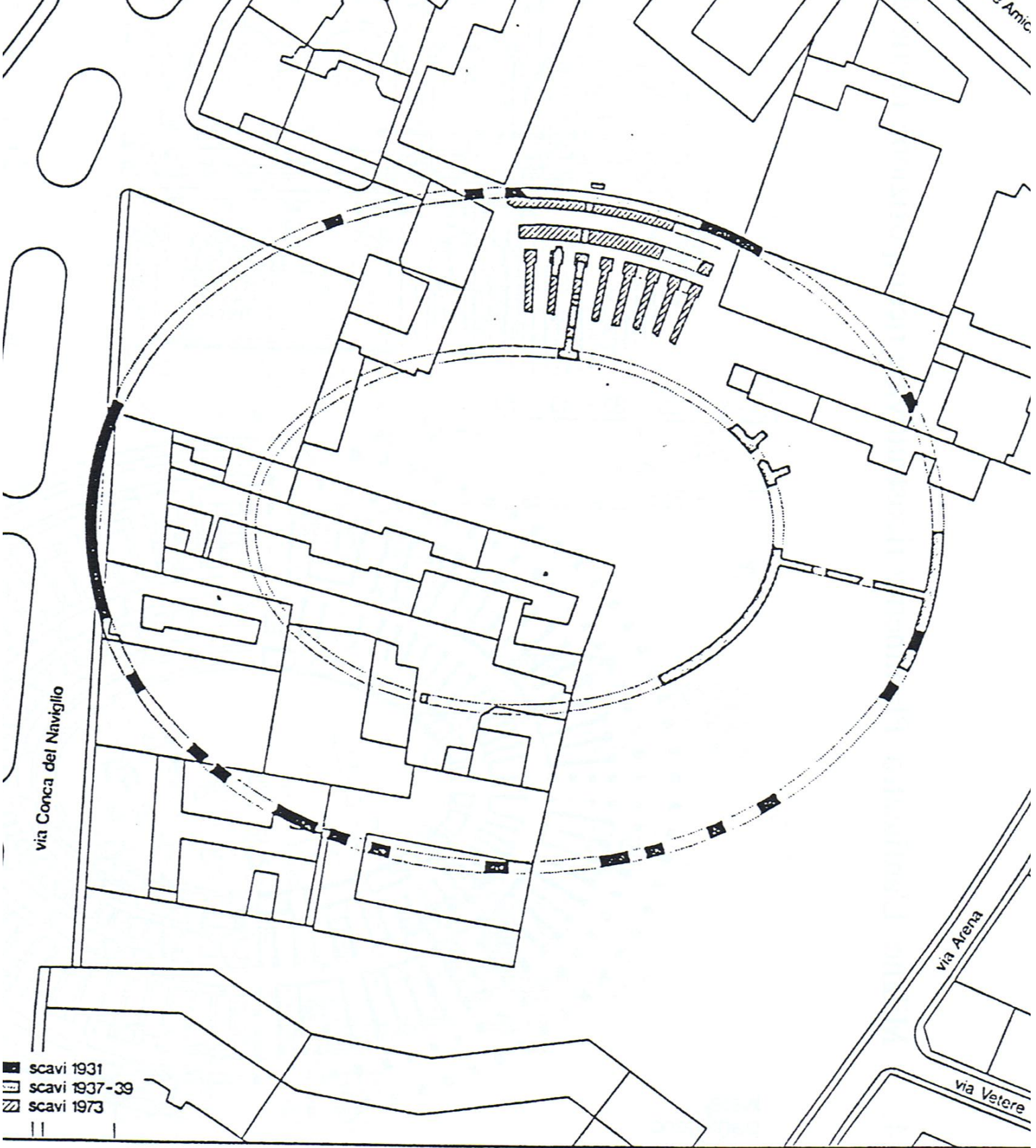
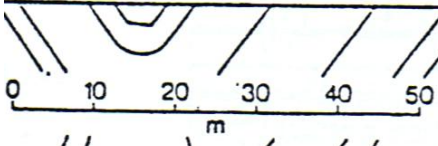


 Zonas de vazios urbanos da área de intervenção que tornam a malha urbana descontinua, interrompendo a continuidade das fachadas de rua e que se encontram ainda por resolver

 Zonas de vazios urbanos da área de intervenção que foram colmatados através da criação de espaços verdes e de lazer







- scavi 1931
- ▨ scavi 1937-39
- ▩ scavi 1973

Há ainda que referir que as questões relativas aos *Navigli* não estão resolvidas em Milão, tendo-se sucedido concursos e propostas até ao momento inconsequentes. Nestas propostas, um dos focos de preocupação de maior relevância é a Darsena (Imagem 092), cujas águas estão praticamente estagnadas devido às várias modificações e coberturas que os canais foram sofrendo ao longo dos séculos. A própria forma que a Darsena deve tomar é um constante alvo de discussão pública. A sua importância deriva da sua localização, ao lado da *Piazza XXIV Maggio*, e do facto de ser um local onde são visíveis as ruínas dos bastiões espanhóis do século XVI que durante quase 400 anos marcaram a paisagem urbana. Houve a intenção da Câmara Municipal em construir um parque de estacionamento subterrâneo precisamente no local onde se situa este *naviglio* mas a contestação por parte da comunidade impediu que tal fosse realizado.

Para além do desafio de potenciar os canais fluviais existentes, possivelmente tornando-os navegáveis, também a praça referida surge como um problema. Basta uma breve observação ao local para perceber que o carácter de estadia está ausente. Trata-se na verdade de um amplo plano de circulação rodoviária, que impossibilita qualquer percurso pedonal fluente e contínuo. Esta área é interceptada por vias rodoviárias e linhas de eléctrico que apresentam intensos fluxos de tráfego. A convergência de automóveis, motas, eléctricos, autocarros e bicicletas deixa pouca liberdade e vontade a um momento de contemplação (Imagem 093).

Esta praça sempre foi marcada pela existência de um mercado, sendo que antes do século XX e do advento dos veículos motorizados a sua importância na dinâmica quotidiana era maior. Actualmente existe um mercado coberto de planta rectangular precisamente entre o centro da praça e o final da Darsena. Devido ao carácter de constante mutação desta zona, mais concretamente da formalização dos *navigli*, a Câmara Municipal lançou um concurso para um projecto de reformulação do mercado, completando um tridente de desafios inseridos numa área comum: integrar a Darsena, a *Piazza XXIV Maggio* e o mercado numa linguagem coerente e potenciadora da vivência da cidade numa escala específica, que é a do Homem (Imagem 094).

Imagem 092 – Águas estagnadas na Darsena.

Imagem 093 – Ambiente caótico na *Piazza XXIV Maggio*.

Imagem 094 – O mercado do *Ticinense*, na sua actual condição.



03 O PROJECTO

03.1 A Estratégia

Após a análise da área da *Cittadella*, procedeu-se à definição das estratégias de intervenção, tendo em consideração que o projecto foi desenvolvido na disciplina *Laboratorio di Progettazione Architettonica*. Com o decorrer das sessões, foi sempre salientada a importância do lugar, de uma escala de cidade ao alcance da vista do Homem no local em detrimento de ideais de planeamento muito afastados e abstractos, sendo defendidas intervenções incisivas e com preocupações a nível da escala do bairro ou da rua, intervindo a partir das memórias dispersas no tecido urbano. É necessário absorver o conhecimento local e descontínuo, as narrativas marginais que compõem a cidade, criando um elo imaginário transversal a toda a história daquele local e valorizando a sua memória e o seu carácter. A estratégia a ter nos tecidos históricos com uma multiplicidade de memórias e significados não pode ser homogénea, considerando-se que cada local específico deverá ser receptor de uma estratégia específica que tem em conta a morfologia do edificado e a sua história.

“Tal como a cidade na sua totalidade, também o centro histórico é uma cidade assimétrica que só poderá ser substituída pela pluralidade significativa a que se expõe” (COSTA, 2006).²⁰

Assim, considera-se à partida uma sistematização das áreas de tecido urbano pertencente a esta zona através de uma intervenção focada em pontos específicos, os quais vão ser definidos de acordo com a sua localização, importância histórica e influência nas vivências que actualmente se verificam. Esses pontos estratégicos são os seguintes:

- 1 – Vazio urbano do conjunto de lotes góticos em frente à basílica de *San Lorenzo*;
- 2 – Ruínas do Anfiteatro Romano e espaço circundante;
- 3 – Lote a Norte do Mosteiro de *Sant'Eustorgio*, no *Corso di Porta Ticinese*;
- 4 – *Piazza XXIV Maggio*, Darsena e áreas circundantes.

1 – Esta área é, actualmente, das que melhor ilustra os vazios urbanos provocados pelos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. A consolidação do tecido histórico enveredará por uma intervenção cujo princípio passa pela continuidade tipológica com o edificado histórico envolvente, neste caso o lote gótico previamente descrito neste trabalho.

2 – Tratando-se de uma extensa área desaproveitada, a estratégia de intervenção passaria por explorar os benefícios que as ruínas do Anfiteatro poderiam dar ao local. Partindo do princípio que estes elementos arqueológicos são dignos de todo o respeito por parte dos cidadãos, presenciaram-se discussões e ponderações nas sessões de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* acerca do conceito da criação de um jardim arqueológico no centro de uma cidade histórica enquanto solução para este local específico.

Imagem 095 – Área de Intervenção com os pontos estratégicos considerados.



1

2

3

4

3 – Tal como no primeiro foco de intervenção, a continuidade é um tema com peso nas decisões programáticas. Assim, foi atribuída importância à sequência da cortina de fachadas dos quarteirões, que actualmente se encontra interrompida, procedendo-se a uma recomposição da forma e da coerência compositiva históricas do *Corso di Porta Ticinese*.

4 – A *Piazza XXIV Maggio* apresenta um desafio muito complexo pois, para além da praça, existe ainda a intenção de reformular o mercado e valorizar a Darsena. A sistematização da praça passa, para além da resolução dos conflitos causados pela elevada intensidade de tráfego, pela valorização do monumento de Luigi Cagnola revitalizando o seu significado de ponte. É equacionada também a demolição do mercado actual e a sua reconstrução tendo em vista a valorização não só da função mercantil como também da própria Darsena, cuja formalização é alvo de ligeiras alterações, e da praça, articulando estes três elementos de forma a sintonizar todo o local com a escala humana.

Propuseram os docentes de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* a resolução destas quatro situações por parte dos alunos ao longo do ano lectivo. No entanto, devido aos constrangimentos naturais de tempo e à expectável capacidade de trabalho individual, apenas se desenvolveram as propostas dos locais 1 e 4 no âmbito de avaliação da disciplina.

Imagem 096 – Primeiro ponto de intervenção.
Imagem 097 – Quarto ponto de intervenção.



03.2 Primeiro Ponto de Intervenção – Descrição e Justificação do Projecto

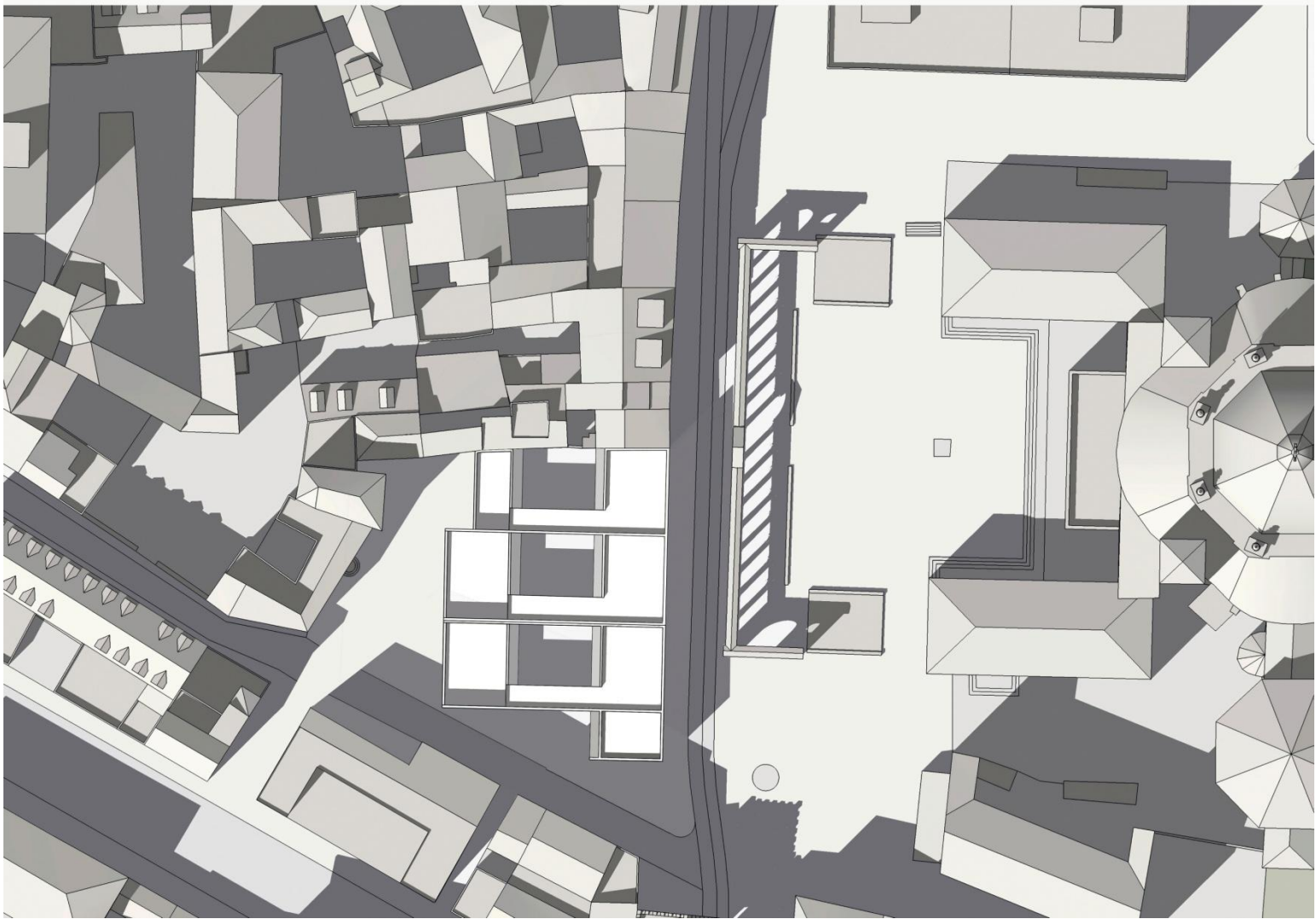
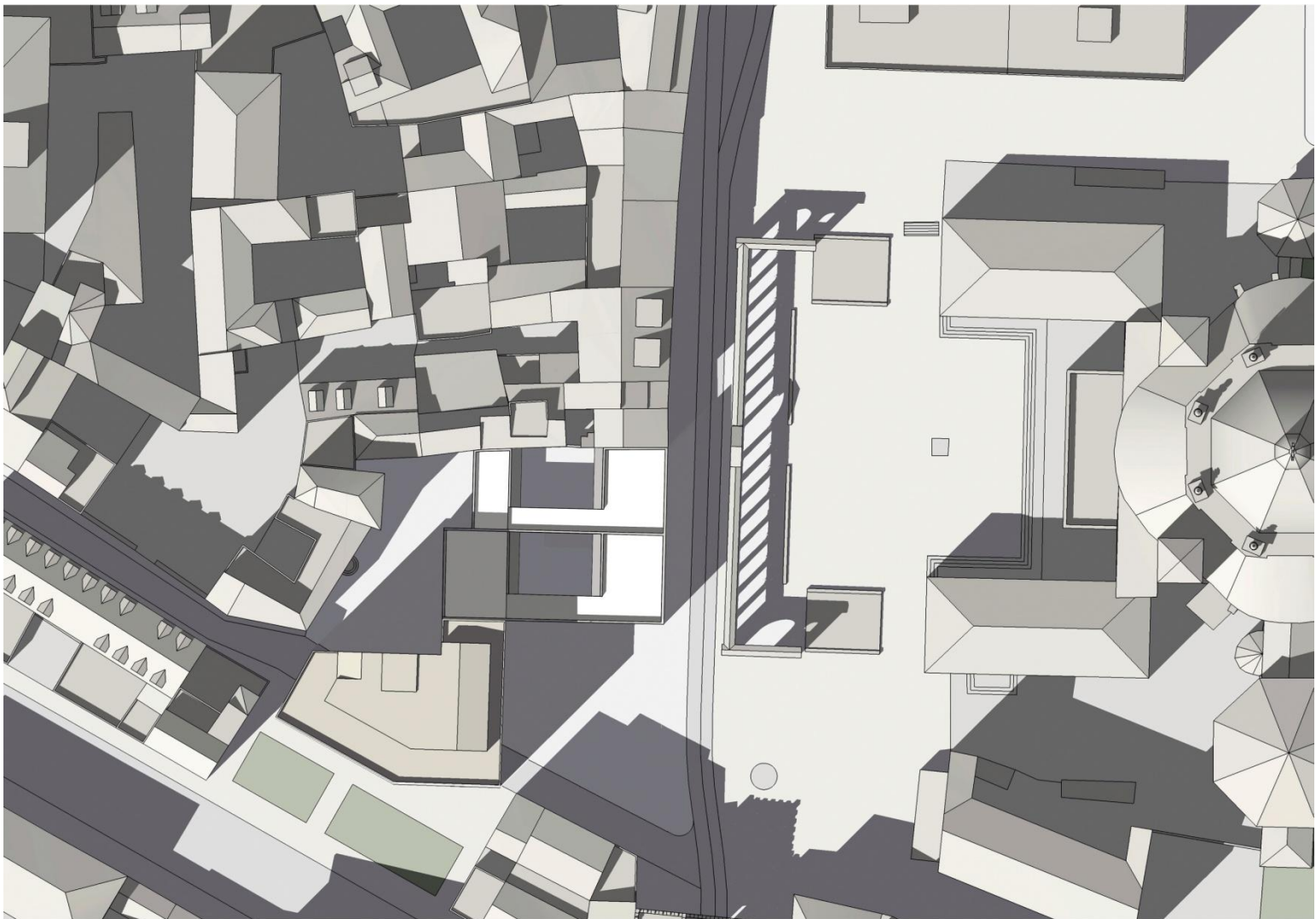
HABITAÇÃO COLECTIVA – A primeira proposta, que se irá desenrolar neste local imediatamente a Norte da *Porta Ticinese*, centra-se num programa de habitação colectiva, sendo tido em conta todo o contexto das pequenas casas da envolvente, de enquadramento historicamente modesto. O tema de casa *para o povo* vai ser tido em conta. Logo, as tipologias encontradas são T1, T2 e T3, sendo que as de maior dimensão serão posicionadas nos locais mais nobres.

BASÍLICA – Encarando frontalmente o majestoso edifício da Basílica de *San Lorenzo* e estando rodeada por um novelo de formas e ideias do passado, a Área de Intervenção recebe indicações do que precisa, ou do que poderia ser, de todo o tecido que a envolve. A tarefa mais árdua é a de compreender essas geometrias e ideias e seleccionar com respeito quais as que acreditamos serem as mais significativas. Dentro de um contexto com esta presença histórica tão sólida e com uma densidade habitacional elevada, o vazio existente no quarteirão gótico vai ser preenchido segundo uma continuidade tipológica.

DUAS FASES DE PROJECTO – Um dos factores que condicionou o desenvolvimento do projecto é o facto de serem consideradas duas fases distintas de construção, devido à área em questão ser constituída por dois lotes distintos. De salientar a presença de um edifício no segundo lote que, introduzido recentemente, está descontextualizado e não faz jus à riqueza do local, inserindo-se de forma a infligir constrangimentos de passagem e de desafogo visual. Esta presença que desvaloriza o local é então uma peça intrusiva e portanto considerada neste projecto como um elemento não fixo e com probabilidade de ser eliminado. Porém, a possibilidade de demolição do mesmo seria um processo difícil de levar a cabo. É com esta perspectiva sobre o local que o projecto se desenvolverá por duas fases, devido à factual dificuldade em intervir no segundo lote. Na primeira fase de construção será projectada a habitação para o primeiro lote. Porém, será apenas com a segunda fase que o presente projecto se concretiza enquanto requalificação sólida deste lugar.

Imagem 098 – Primeira fase – planta de cobertura.

Imagem 099 – Segunda fase – planta de cobertura.



CONTINUIDADE DA FRENTE URBANA – Inerente ao facto de estarmos perante um caso de vazios urbanos está a necessidade de colmatar a quebra na continuidade da frente urbana. O quarteirão em questão é conformado no lado Este e no lado Sudoeste por algumas das mais antigas estradas de Milão. Assim, o projecto vai procurar a recomposição das fachadas destas importantes vias. Uma – o *Corso di Porta Ticinese* – sempre se caracterizou por guiar as pessoas para dentro e para fora da cidade. A outra – a *Cerchia dei Navigli*, actual *Via Edmondo de Amicis* – sempre assegurou a distribuição em torno do centro de Milão. O projecto procura assim valorizar a consistência dos volumes edificados. No piso térreo vão ser definidos espaços comerciais. As actividades comerciais e artesanais estão fortemente enraizadas no local e costumavam adaptar-se aos pisos térreos destes edifícios estreitos, sendo que nas zonas mais profundas estavam tipicamente as oficinas.

RELAÇÃO COM A *PORTA TICINESE* – O projecto pautará pelo seu carácter de integração ao invés da imposição. A *Porta Ticinese* possui um grande peso na toponímia da zona, emprestando o seu nome a muitos estabelecimentos, moradas e jardins. Tal como este monumento, também a basílica, as colunas romanas e o próprio conjunto urbano de lotes góticos são elementos marcantes e definidores da identidade da zona, facto que encaminha as decisões projectuais a seguirem ideais de integração expressos, por exemplo, na escala do edificado. Neste sentido, o edifício considera como modelo a seguir as tipologias relevantes que o circundam, não se elevando a cotas superiores aos mesmos.

Imagem 100 – Primeira fase – alçado Nascente.

Imagem 101 – Primeira fase – planta do piso térreo.





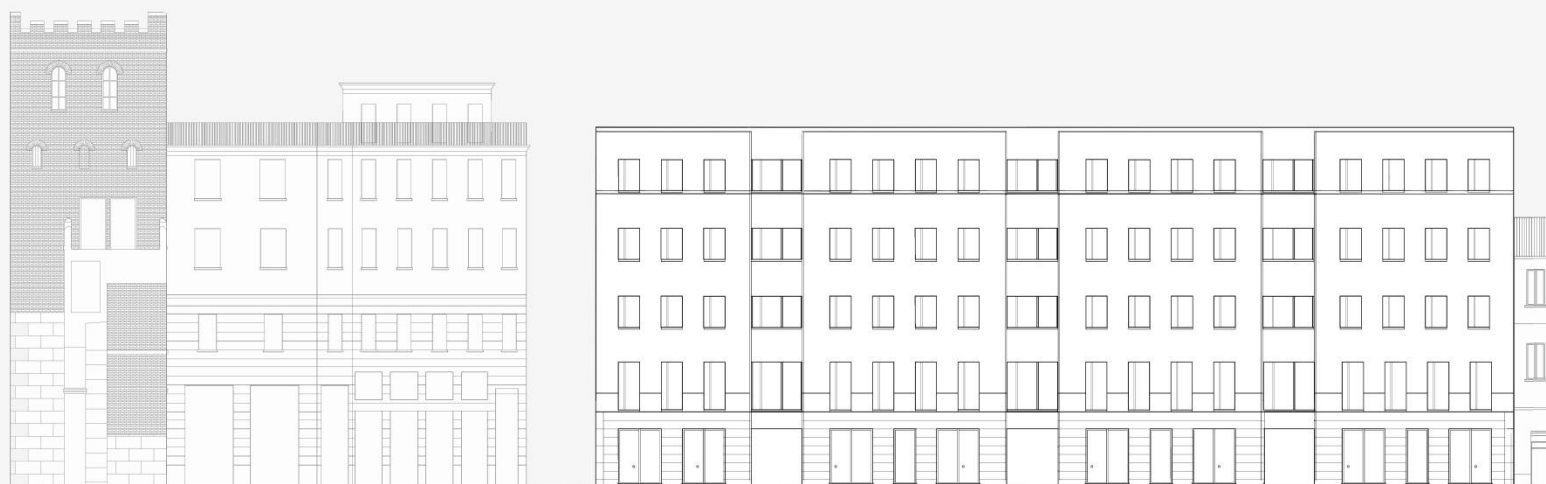
Este factor permite que, na leitura da frente de rua, a *Porta Ticinese* mantenha um lugar de destaque através das suas dimensões, entre outros aspectos.

SEGUNDA FASE – Na segunda fase é assegurada a continuidade da zona de habitação frontal à basílica com a introdução de um novo lote. Este lote segue o mesmo modelo dos anteriores, desenvolvendo-se em profundidade. No entanto, possui uma maior dimensão no corpo junto à frente de rua, com a intenção de prolongar ainda mais a fachada. Todavia, este prolongamento da frente urbana não é feito de modo a fechar o perímetro total do quarteirão. Existe a intenção de voltar a abrir a antiga estrada de serviço às *Sciostre*, que foi interrompida pelo aparecimento do edifício intrusivo já mencionado. As *Sciostre*, que tinham um importante papel comercial com os fluxos dos antigos canais, dispunham-se paralelamente à *Cerchia dei Navigli* e esta estrada que lhes servia será também paralela ao antigo curso de água, atravessando assim o quarteirão em questão. Deste modo, é dada continuidade à *Via dei Fabbri* de forma a estabelecer a sua natural ligação com a *Via Pioppette*.

Para esta zona Sul do quarteirão, de frente para a *Cerchia dei Navigli*, procurou-se uma leitura num sentido unitário, separatista, assumindo a conservação e atribuição das devidas diferenças de carácter e tipologia típicas das *Sciostre* em relação aos lotes góticos e contrariando a interpretação da *Cerchia* como simples estrada urbana.

Imagem 102 – Segunda fase – alçado Nascente.

Imagem 103 – Segunda fase – planta do piso térreo.





METRICA DO LOTE GÓTICO – A geometria do edificado vai estabelecer uma continuidade tipológica com o lote gótico, desenvolvendo lotes em profundidade para o interior do quarteirão e mantendo-se sempre estreita, sendo essencial a presença de logradouros para garantir a salubridade dos espaços. Comparando as pré-existências com o projecto, podem-se observar paralelismos relativos às áreas de ocupação e às áreas totais do lote. Sobre a percentagem de ocupação dos mesmos, esta está condicionada pela legislação em vigor. Num lote de 575 m², a percentagem de ocupação verificável no projecto é de 48%, ao passo que num lote pré-existente de 875 m² essa percentagem é de 68%. No entanto, se for considerada apenas a área de implantação da construção, a percentagem de ocupação muda para os 73%, aproximando-se dos valores tipicamente verificados nos lotes góticos pré-existentes.

Após a observação das medidas reais que se verificaram nos lotes góticos do mesmo quarteirão no que toca às distâncias entre paredes-mestras e largura dos logradouros, foi possível discernir que a distância modelo a ser adoptada no projecto seria a de cinco metros e sete metros no que respeita à largura dos volumes. Esta particularidade está directamente visível no presente projecto através do seccionamento das fachadas, que por sua vez está directamente relacionada com a geometria das estruturas, que se desenham segundo estas dimensões.

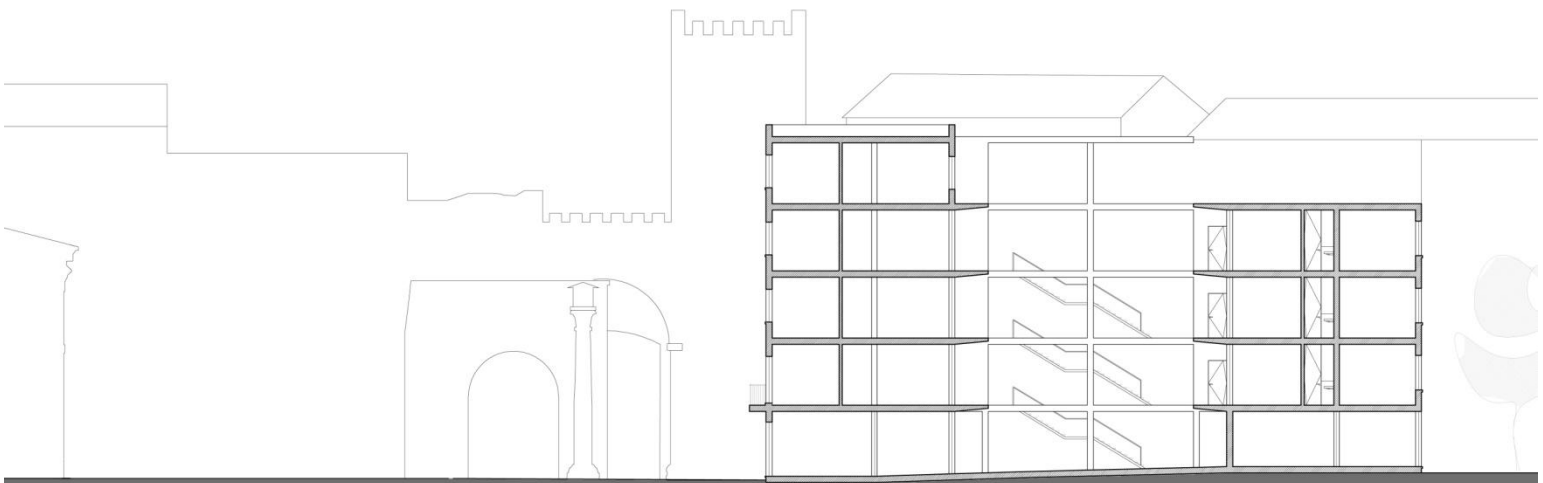
A dimensão da profundidade dos logradouros nesta área da cidade ronda os dez metros e, visto que a legislação italiana da *Comune di Milano* também prevê uma distância mínima de dez metros num logradouro para que sejam satisfeitas as necessidades mínimas – no caso de se verificar uma frente com janelas *versus* outra frente com janelas – vai ser exactamente essa a medida adoptada. Os lotes vão definir-se com uma profundidade total de trinta metros, distribuídos por dez metros de habitação, dez metros de logradouro e outros dez metros de habitação. O corpo adjacente à frente de rua nove metros de profundidade mais um metro de varanda virada para o logradouro. As mesmas medidas são aplicadas no corpo posterior apesar de este acolher tipologias mais pequenas (T1 e T2).

Imagem 104 – Primeira fase – planta do piso-tipo.

Imagem 105 – Primeira fase – corte transversal.



PLANTA DO PISO TIPO - 1ª FASE



CORTE TRANSVERSAL - 1ª FASE

No entanto, devido à necessidade de assegurar uma distância mínima de dez metros relativamente a outras construções com janelas na fachada, existe uma excepção nesta métrica, o volume a Norte, adjacente aos edifícios pré-existentes, cuja área de implantação é menor.

AMBIENTE DO LOGRADOURO – A cada lote do presente projecto corresponde um logradouro interior. Este logradouro é conformado por dois corpos do edificado, sendo o primeiro corpo constituído por cinco pisos e acostado ao *Corso di Porta Ticinese*, e o corpo posterior com apenas quatro pisos, a uma distância de dez metros do primeiro. Esta diferença de alturas justifica-se com a intenção de apresentar a frente urbana do edifício enquadrada com o edificado da envolvente, também este com uma média de cinco pisos de altura, procurando inclusivamente aproveitar ao máximo a oportunidade do edificado contemplar directamente as Colunas Romanas e a Basílica. A altura inferior do corpo posterior vai permitir uma maior entrada de luz para o logradouro e uma maior facilidade na ventilação do mesmo. Lateralmente, o logradouro é conformado pelas paredes divisórias entre lotes, que não apresentam aberturas.

As relações entre os espaços interiores e exteriores vão fazer um paralelismo com aquilo que se verifica na tipologia do lote gótico, com as escadas de distribuição colocadas na zona do logradouro, atribuindo-lhe um papel semi-público e tornando-o numa zona de recepção primária para quem acede ao edifício.

As frentes de edificado que se viram para o logradouro assumem uma geometria desenhada pela estrutura em forma de grelha, gerando um espaço de estada mais privado entre o edifício e o pátio, acessível pelos quartos.

Imagem 106 – Segunda fase – planta do piso-tipo.

Imagem 107 – Segunda fase – corte transversal.

Imagem 108 – Primeira fase – alçado posterior, planta de cobertura e alçado frontal.

Imagem 109 – Segunda fase – alçado posterior, planta de cobertura e alçado frontal.

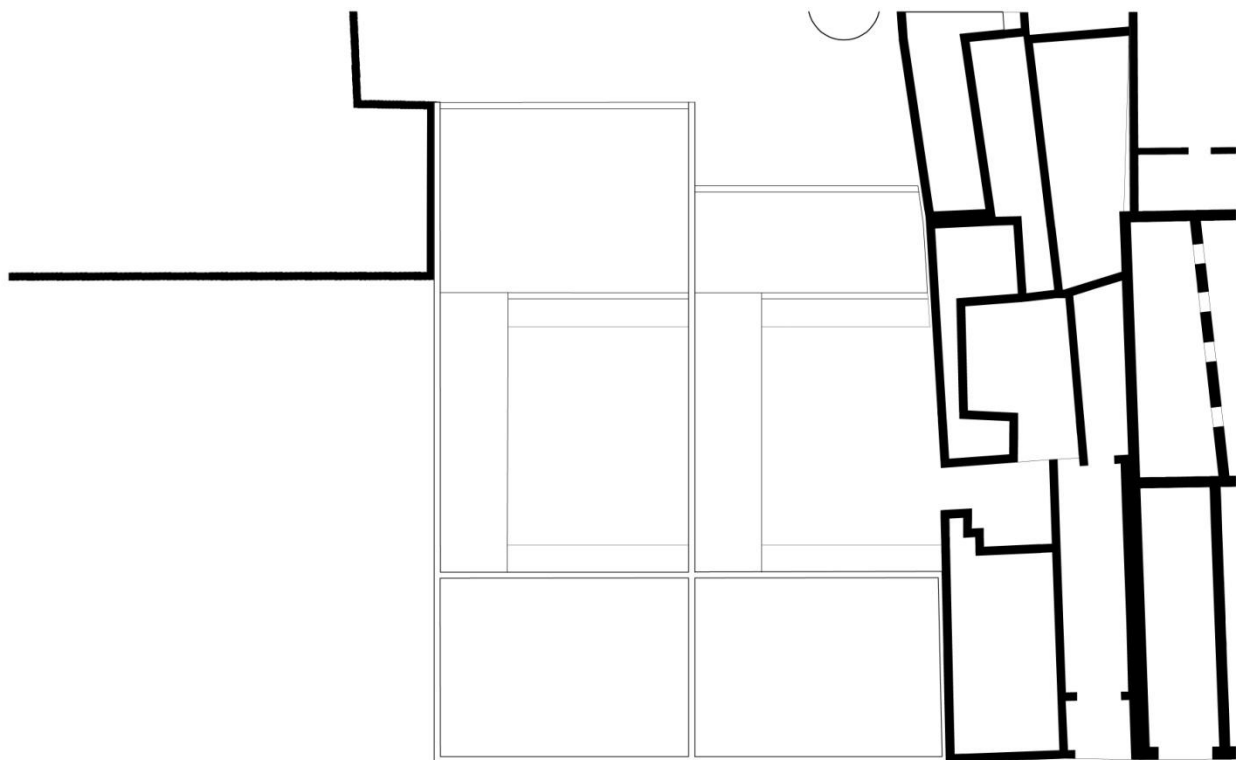
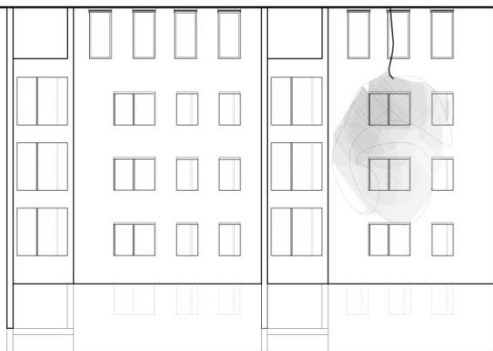


PLANTA DO PISO TIPO - 2ª FASE



CORTE TRANSVERSAL - 2ª FASE

ALÇADO POSTERIOR - 1ª FASE

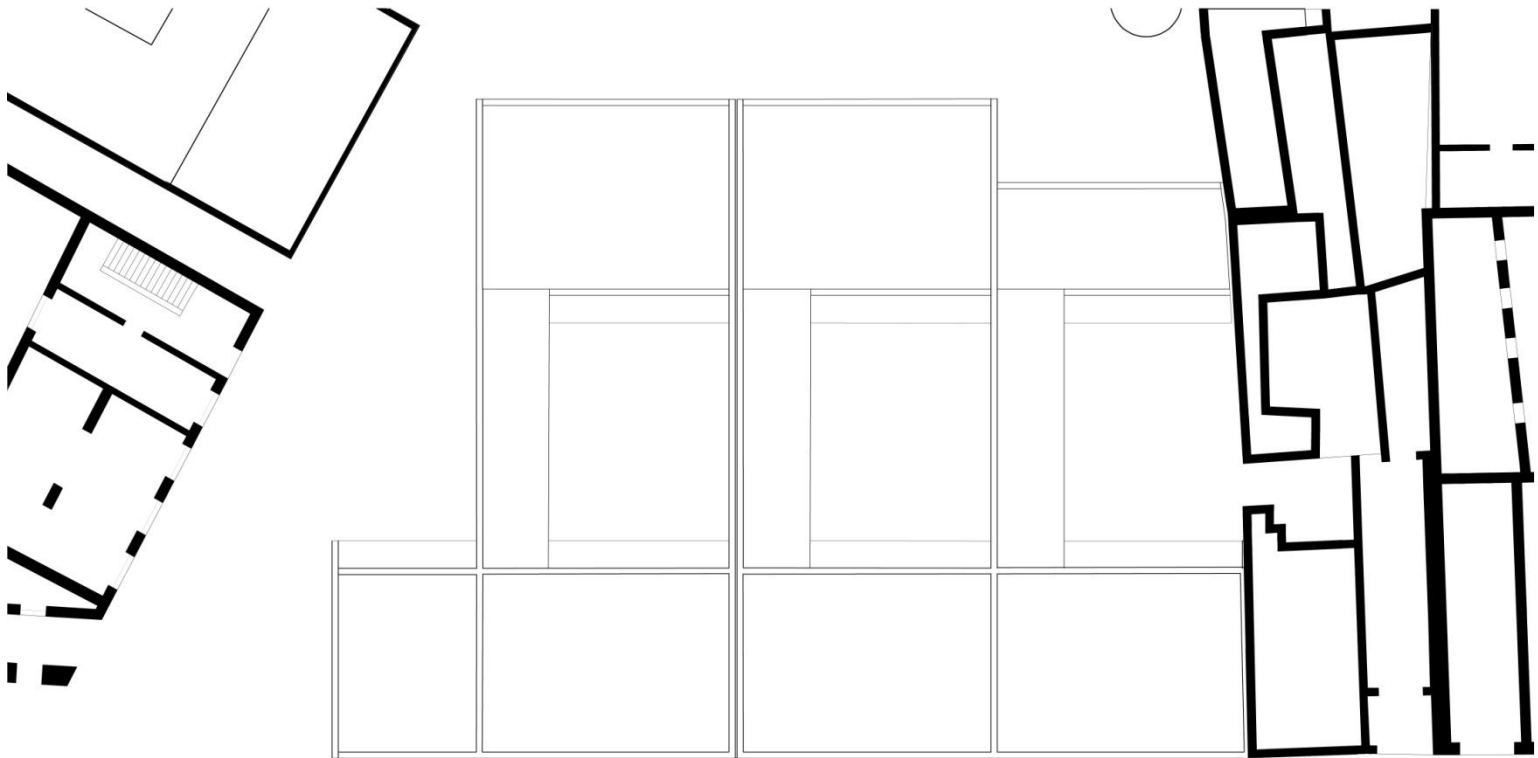
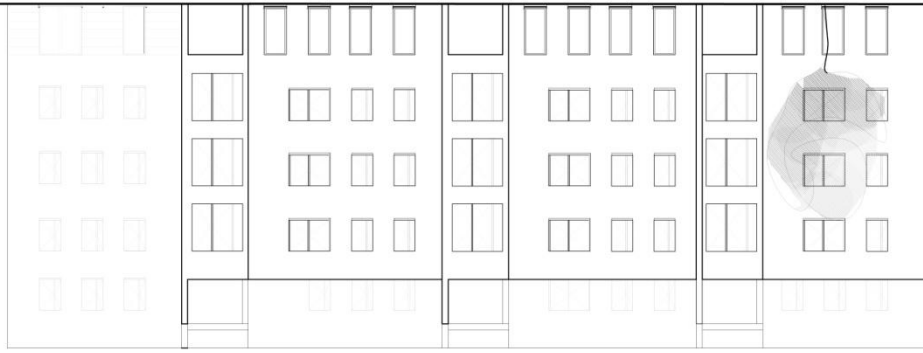


PLANTA COBERTURA - 1ª FASE

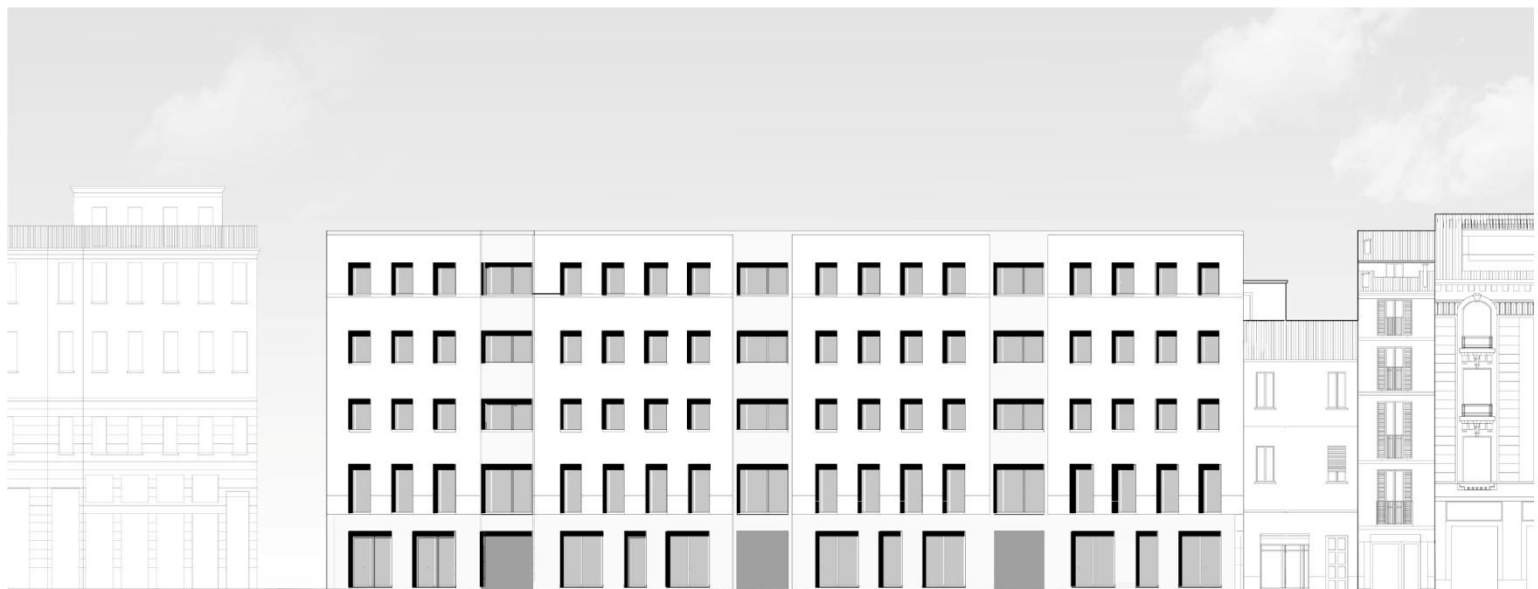


ALÇADO FRONTAL - 1ª FASE

ALÇADO POSTERIOR - 2ª FASE



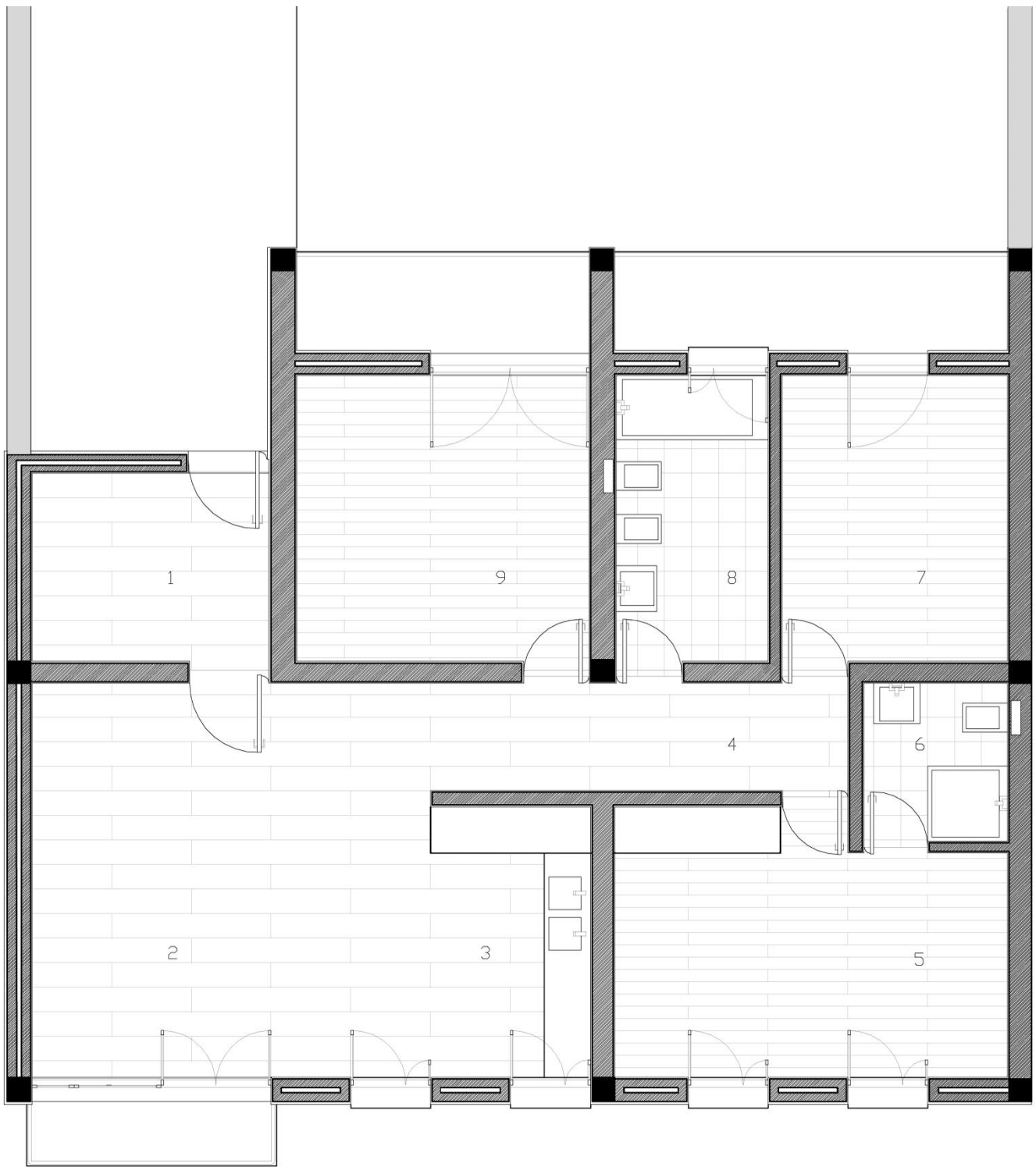
PLANTA COBERTURA - 2ª FASE



ALÇADO FRONTAL - 2ª FASE

OS APARTAMENTOS – Como já foi referido, as tipologias idealizadas foram T1, T2 e T3, no seguimento da intenção de projectar casas económicas de acordo com o contexto da área urbana em que se inserem. Porém, todas as divisões dos apartamentos possuem áreas generosas. No caso das tipologias T3, a distribuição interior é assegurada por um corredor central paralelo à fachada e contíguo à sala, ambos acessíveis através de um *hall*. Partindo deste ponto, todas as outras divisões são imediatamente acessíveis, com a suíte a ser a única divisão para além da sala a estar orientada para Nascente, com vista para a Basílica. As restantes divisões, dois quartos e uma instalação sanitária, estão orientadas para o logradouro, sendo que dos quartos é possível aceder às varandas interiores. O maior espaço comum da casa está reservado para a sala que, em continuidade absoluta com a cozinha, possui três aberturas para o exterior, uma das quais uma varanda.

Imagem 110 – Planta de apartamento T3.



1 HALL 7,10m²

2 SALA 20,10m²

3 COZINHA 10,77m²

4 CORREDOR 13,50m²

5 SUITE 15,30 m²

6 I.S. 3,55m²

7 QUARTO 10,10m²

8 I.S. 7,00m²

9 QUARTO 13,00m²

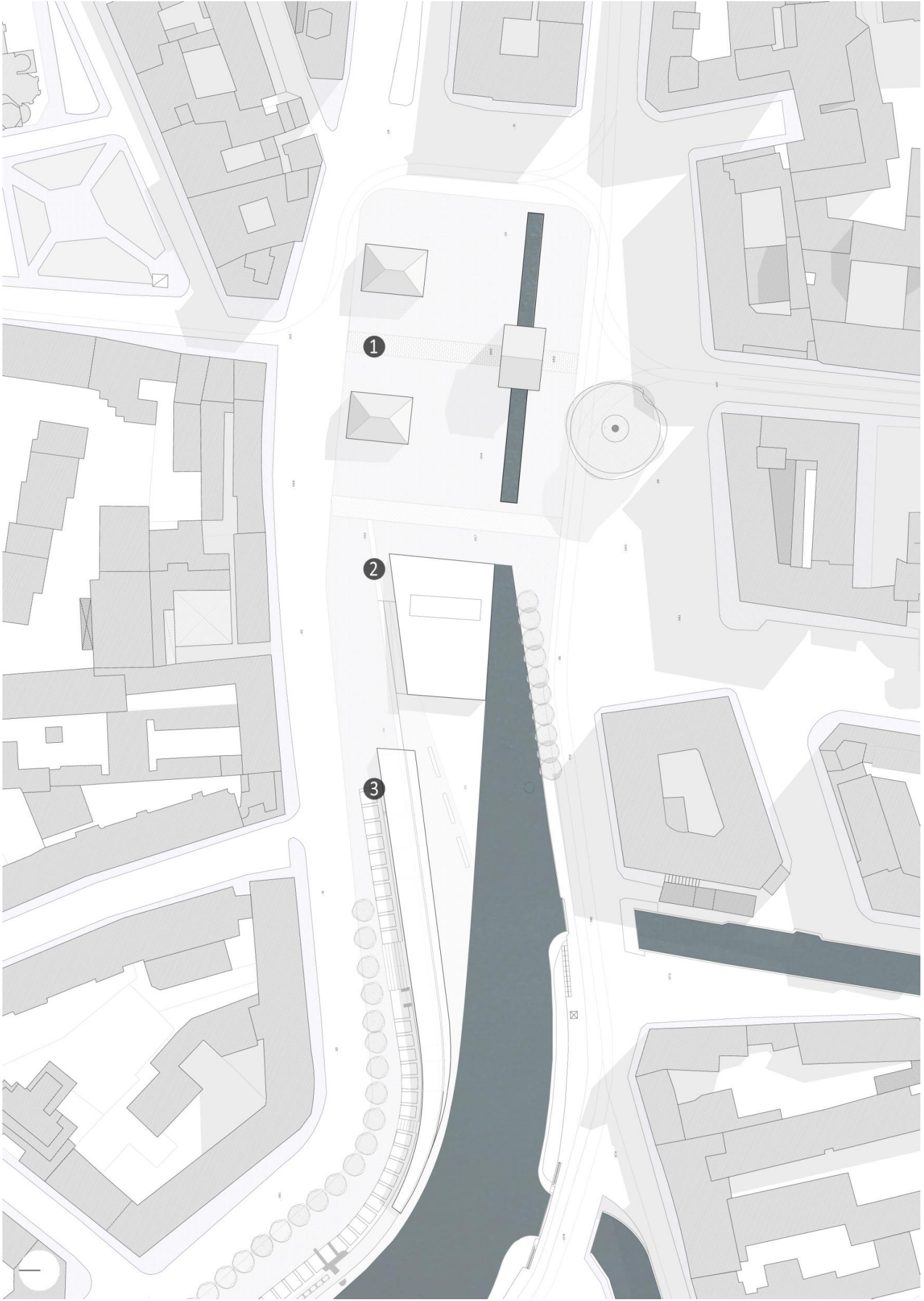
03.3 Quarto Ponto de Intervenção – Descrição e Justificação do Projecto

Neste último ponto de intervenção, passou-se por uma primeira etapa de identificação e individualização cartográfica das diversas estruturas urbanas existentes, bastante marcadas pelo longo processo de formação da cidade no período pós-industrial. Esta intensidade deveu-se não só à proximidade do *Corso di Porta Ticinese* como também à expansão ferroviária, após 1840, que introduziu lógicas diferentes no tecido urbano.

A DARSENA E O TICINELLO – Tendo os percursos fluviais sofrido inúmeras modificações e transformações ao longo dos anos, é natural a consequência da estagnação da Darsena devido à progressiva negligência em relação aos *Navigli* que asseguravam o seu caudal. A própria formalização da Darsena sofreu uma contínua redefinição de acordo com as transformações da cidade. Hoje, o rio Olona já não corre naquela direcção, o rio Ticinello já não escoa e os *Navigli Grande e Pavese* não chegam para garantir um fluxo considerável no local. Porém, esta área sempre presenciou este intenso entrecruzar de sistemas hidráulicos, pelo que surge a premissa de zelar pelo vínculo do lugar com a Darsena. Assim, tendo como objectivo estabilizar o constante processo de transformação pelo qual a Darsena tem passado ao longo dos séculos, procurou-se valorizá-la ao máximo através de intervenções não só nas suas margens como também nas suas águas. O Ticinello é reaberto e a formalização da Darsena é uma vez mais alvo de uma transformação, eliminando a concavidade actualmente existente na margem Norte e alongando ligeiramente o seu percurso em direcção ao renovado Ticinello, permitindo assim um maior escoamento e evitando locais passíveis de estagnação das águas. Com este redesenhar da margem Norte da Darsena, gera-se um novo espaço público com o objectivo de recriar uma zona de proximidade com a mesma, numa referência ao porto que aquele local já foi. Este projecto propõe a criação de uma plataforma pública que abre directamente para a Darsena, proporcionando a fixação de vários equipamentos inseridos nas vertentes de lazer, comércio e cultura.

Imagem 111 – Planta geral do projecto:

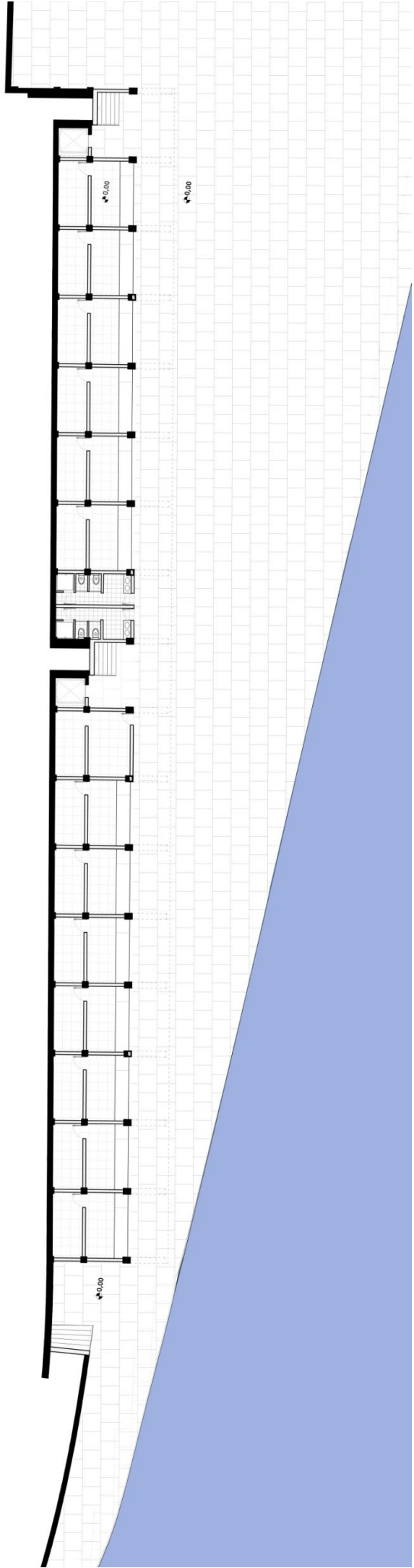
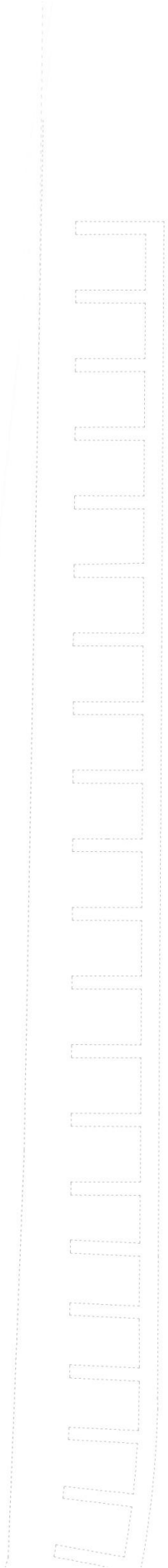
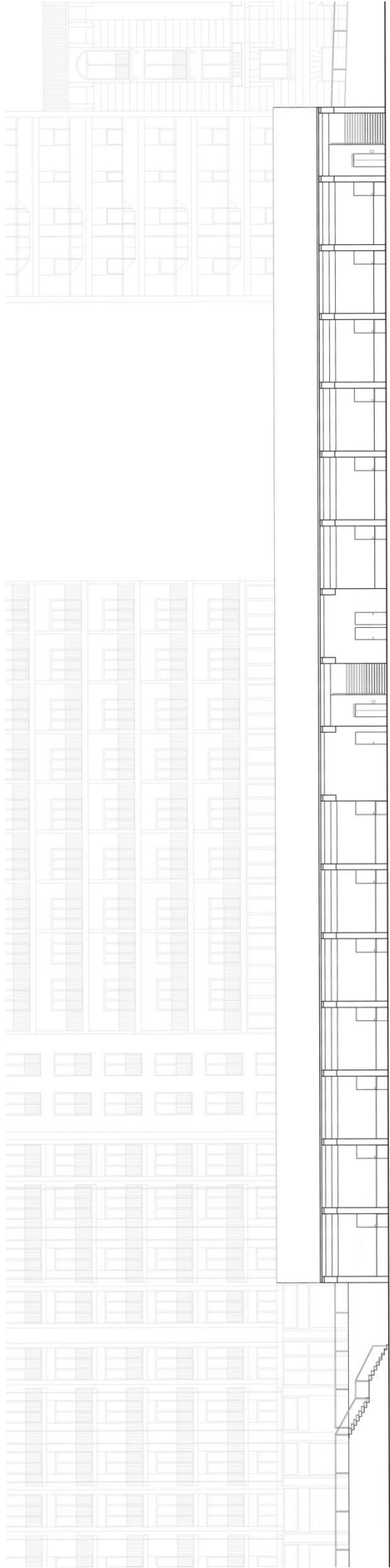
- 1 *Piazza XXIV Maggio*
- 2 Centro cívico
- 3 Mercado



MONUMENTO-PONTE – Para além das consequências que o redesenho da Darsena e a reabertura do Ticinello geram, é de referir que esta última acção revitaliza o conceito original do monumento de Luigi Cagnola, considerando-o com todo o seu significado e imponentia. O rasgar de um canal ao longo de toda a *Piazza XXIV Maggio*, o Ticinello, cria a necessidade de atravessamento para quem queira aceder a um ou outro lado dos antigos bastiões espanhóis. Assim, o monumento torna-se efectivamente numa ponte, articulando-se três elementos de grande vigor: o monumento, o canal, e o espaço público pedonal.

CONSOLIDAÇÃO DA PRAÇA – O espaço actualmente chamado *Piazza XXIV Maggio* é, na realidade, um complexo nó rodoviário, adornado com algumas bolsas de estacionamento e interceptado por várias passadeiras. Qualquer tentativa de estada, contemplação e fruição pedonal do local é imediatamente gorada pela intensidade visual e sonora dos veículos. Afigurou-se como essencial o desenho de uma grande praça, na verdadeira acepção da palavra, clarificando o seu espaço de uma forma directa. Com o objectivo de articular a Darsena e a praça, o espaço pedonal ganhou uma grande preponderância na sua vivência, unindo os três volumes do monumento ao canal e relegando toda a circulação automóvel para o extremo Este. A praça não impõe uma lógica totalizadora e unitária de arquitectura, reconhecendo as diversas lógicas de cidade que convergem para o local e o conformam. Assentando na dualidade, a praça exprime-se enquanto elemento de centralidade mas mantém o carácter de passagem através da formalização de ponte, acentuada pela pavimentação que evidencia o eixo gerado pelo *Corso di Porta Ticinese*. A clareza e centralidade da praça e a sua articulação com a Darsena, objectivos a perseguir, não podem no entanto ser lesadas pela introdução do mercado. Este, com o objectivo de se integrar na articulação conseguida entre a Darsena e a praça, dispõe-se num local onde não interfere com essa relação, ou seja, ao longo da margem Norte da Darsena, aproveitando o novo espaço gerado pela redefinição da mesma.

Imagem 112 – Alçado Sul e planta ao nível da plataforma da Darsena.

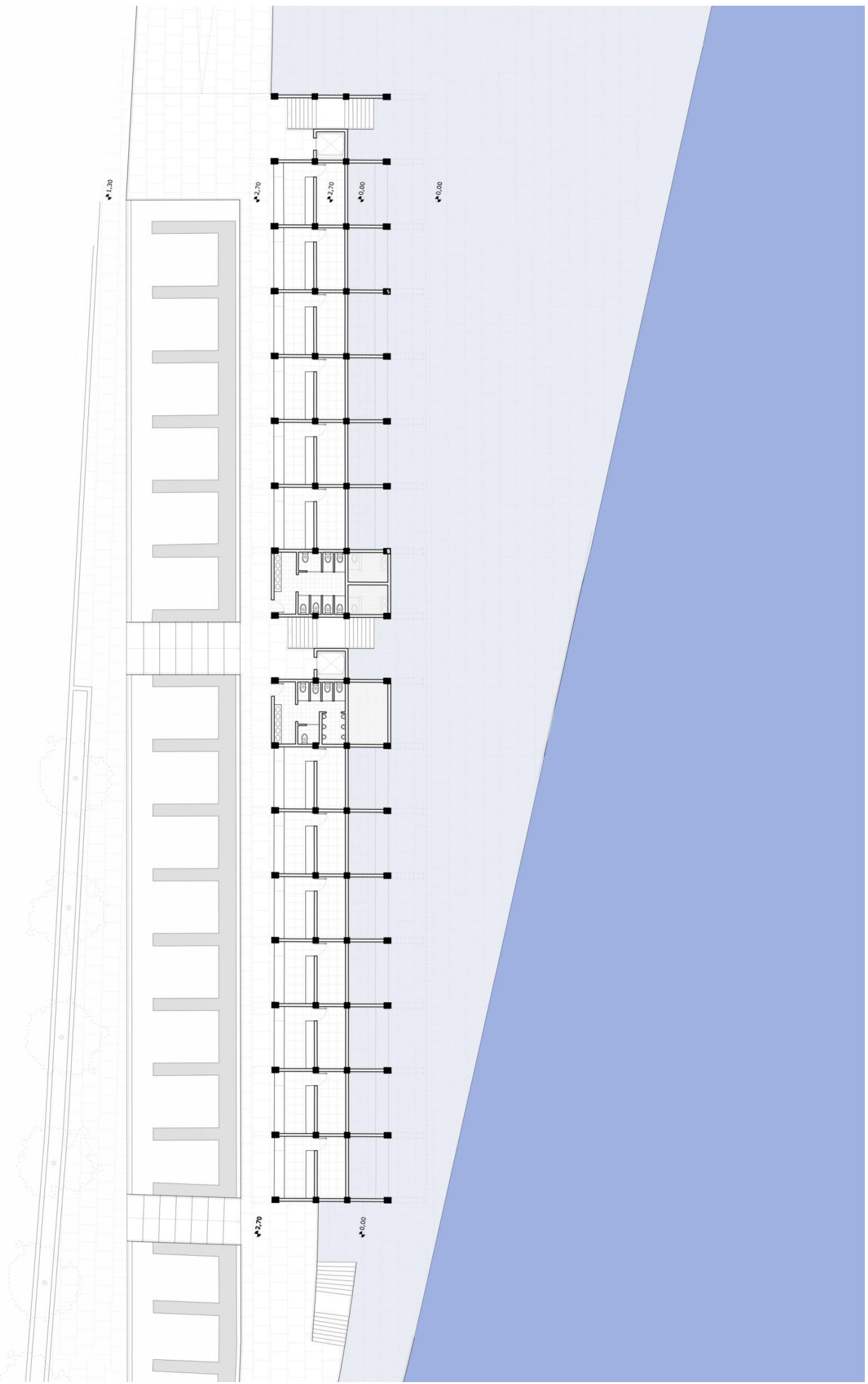


O MERCADO – O mercado, edifício público, está em sinergia com a vida da cidade, recriando as principais formas de organização urbana a uma escala menor. Observando com cuidado e interesse as lógicas construtivas da cidade, o presente projecto foi desenhado de forma a simultaneamente reconhecer o valor da envolvente enquanto se assume como uma peça própria no seio da mesma. O mercado mantém a vincada característica do local enquanto praça de actividades de comércio e troca, não só pelo facto de esta ser uma vocação historicamente comprovada da área como também por respeito aos comerciantes que actualmente têm o seu lugar de actividade na *Piazza XXIV Maggio*.

A TIPOLOGIA – Mercados de diversas tipologias foram tidos em consideração, isto tendo em conta como a forma e organização espacial num programa deste tipo assume o papel fundamental no projecto. Tal como foi referido no capítulo anterior, as tipologias de mercado urbano abordadas nas sessões de *Laboratorio di Progettazione Architettonica* foram seis: o *Mercato a Corte*, o *Mercato a Portico*, o *Mercato ad Aula*, o *Mercato a Strada Urbana*, o *Mercato a Strada Porticata* e o *Mercato a Galleria*. De acordo com o contexto em causa, as tipologias do *Mercato a Strada Urbana* e do *Mercato a Strada Porticata* foram imediatamente desconsideradas. No sentido de procurar uma leitura clara da *Piazza*, conseguida com o novo desenho, pavimentação e introdução de um edifício que fecha o seu perímetro, não se erguerá o mercado directamente na mesma, mas sim num ponto onde assegure a articulação entre a praça e a Darsena. Neste sentido, foi assumida uma opção de desenvolvimento longitudinal e, pretendendo-se que este mercado esteja em profundo diálogo com o canal Darsena, apresenta-se a tipologia do *Mercato a Portico* como a solução ideal, garantindo uma grande permeabilidade para o exterior.

Esta tipologia, conjugada com o espaço no qual se insere, é entendida como um lugar de estada, visto o organismo arquitectónico ser composto apenas por elementos simples e essenciais, tais como a estrutura vertical e a cobertura. É precisamente este o carácter intencionado para a margem Norte desta nova Darsena.

Imagem 113 – Planta do piso superior do mercado.



↕ 1.40

↕ 1.30

↕ 2.70

↕ 2.70

↕ 0.00

↕ 0.00

↕ 2.70

↕ 0.00

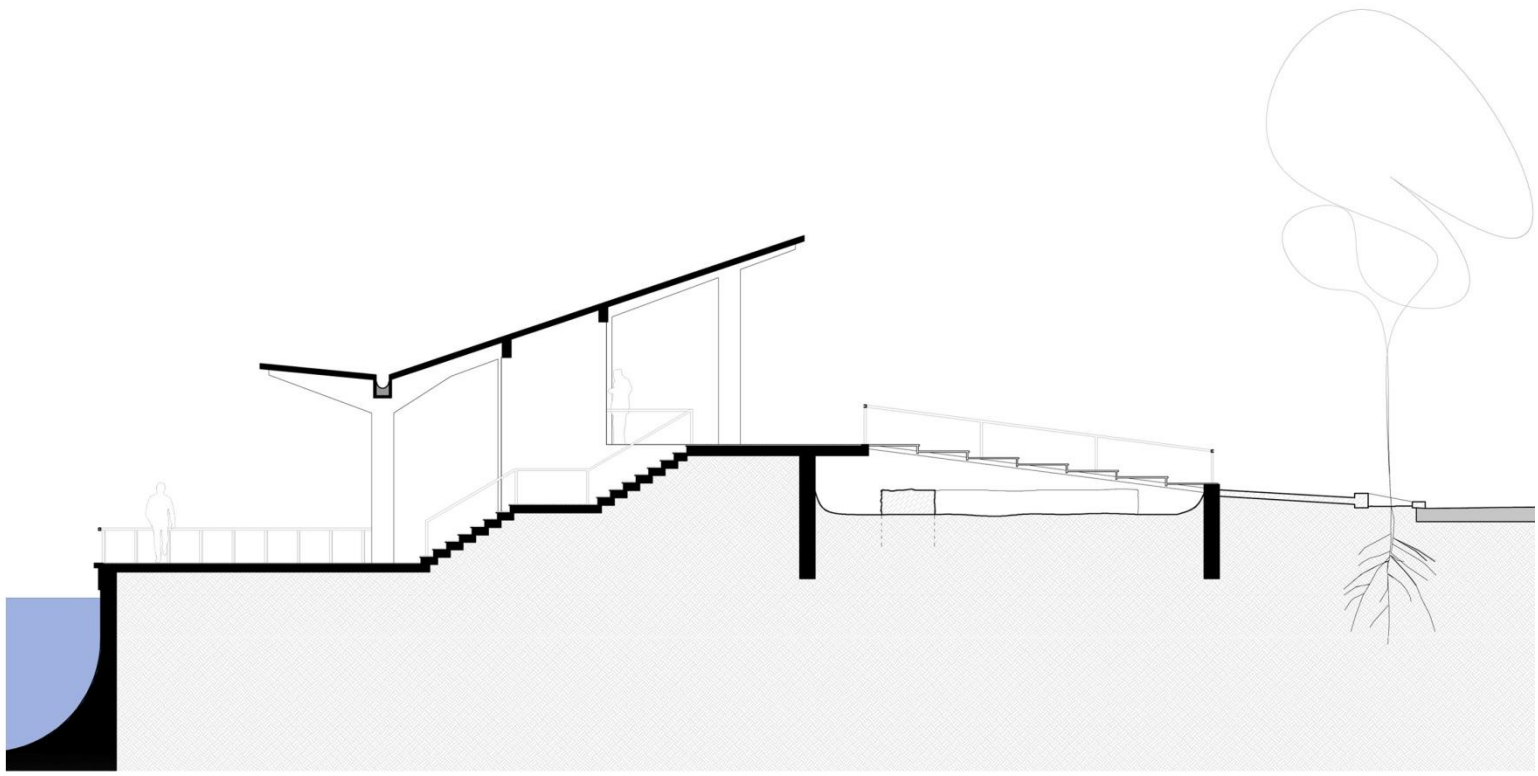
Assim permite-se às pessoas, quer as que se encontrem em simples actividades de passeio quer as que se encontrem a usufruir dos serviços do mercado, presenciar em simultâneo um dos elementos mais sublimes com que uma cidade nos pode presentear – a água.

O RITMO E DESENVOLVIMENTO A DOIS NÍVEIS – Assumindo o mercado um papel condutor desde a *Piazza XXIV Maggio* até à margem da Darsena, apresenta-se imediatamente a problemática relativa ao facto se tratar de um projecto que deve gerir duas cotas distintas: o actual nível da praça, de 115,7 metros acima do nível médio das águas do mar e o nível da plataforma da Darsena, de 113 metros. Optou-se por um desenvolvimento do mercado a dois níveis diferentes de modo a tirar o maior partido do espaço em comprimento, deixando a área da plataforma livre para um usufruto pedonal desafogado. O corpo do mercado, apesar da tipologia porticada gerar caracteristicamente um corpo arquitectónico independente de qualquer outro edificado, vai assumir neste projecto uma simbiose forte com o local através da sua adaptação às diferentes cotas e do acompanhamento cuidadoso da margem da Darsena. É ainda relevante, para este aspecto da integração, o facto de o mercado se desenvolver na proximidade e em paralelo com a estrutura arqueológica a céu aberto dos antigos muros espanhóis do século XVI.

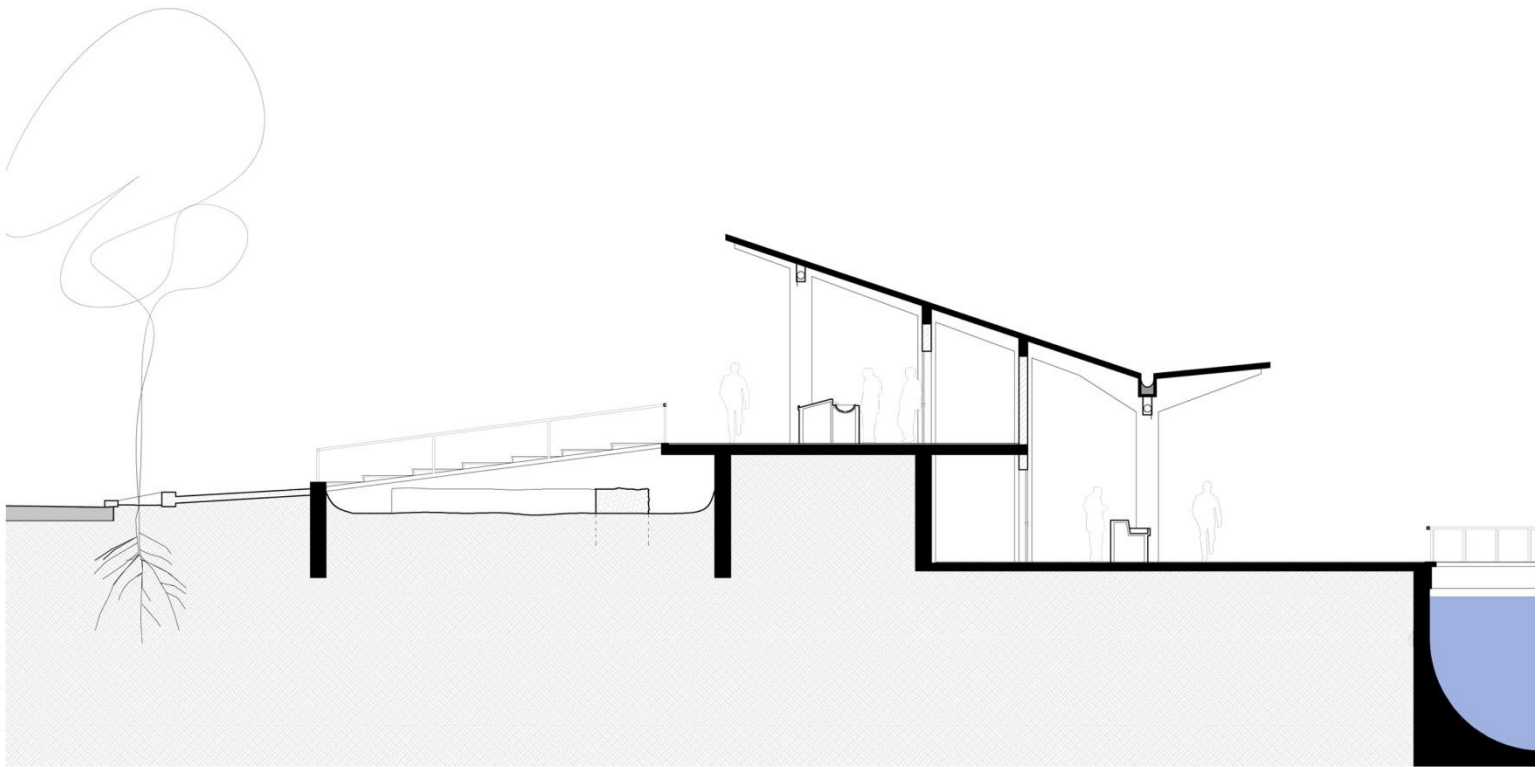
Imagem 114 – Alçado perspectivado do mercado.

Imagem 115 – Cortes transversais do mercado.





CORTE TRANVERSAL



CORTE TRANVERSAL



INFLUÊNCIAS – O mercado municipal de Santa Maria da Feira, da autoria do arquitecto portuense Fernando Távora, foi uma influência com bastante peso na formalização final do presente projecto. Apesar de se integrar na tipologia do *Mercato a Corte*, a estrutura apresenta um sistema de palas com função de travamento e sombreamento. Os suportes verticais do presente projecto, de tipologia porticada, vão tomar não só o papel de organização e articulação do espaço como também de definição geométrica e da imagem fundamental da arquitectura.

PROXIMIDADE COM ESTRUTURA ARQUEOLÓGICA – Existe uma proximidade com a estrutura arqueológica do sistema dos antigos muros espanhóis presente no local de projecto, verificando-se uma comunhão dos mesmos com o percurso pedonal. A métrica desta estrutura será também a geradora da métrica da segmentação do mercado, contribuindo ainda mais para a relação harmoniosa entre o novo e o antigo. O mercado funciona assim com um elo articulador entre a *Piazza*, a estrutura arqueológica, a plataforma e a própria Darsena.

04 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade, com todas as suas camadas, fluxos e ambientes é uma entidade cujo peso se sobrepõe ao de qualquer edifício em si inserido. O conjunto e o entrelaçar de todos os seus elementos reflectem a identidade de um povo, de uma comunidade feita de passado, presente e futuro. E essa identidade é indissociável do local, da região e em última análise do país. É esse aspecto fascinante que justifica o aprofundamento do estudo de uma metodologia de projecto baseada numa cultura que tem como base o respeito pelo passado e pela evolução em continuidade.

Tal como foi referido no início do presente Relatório, essa cultura é seguida no *Politecnico di Milano*, na disciplina de *Laboratorio di Progettazione Architettonica*, suportada pelos princípios de uma arquitectura por continuidade. Várias estratégias podem então ser adoptadas de forma a analisar cuidadosamente o local, não só relativamente à sua história como também à morfologia urbana e às tipologias preponderantes no local. Esta abordagem metodológica permite o desenvolvimento de um conhecimento intuitivo sobre o local, uma identificação que molda o processo de projecto às exigências da tradição e do peso histórico, o que facilita o desenvolvimento natural de um desenho intimamente relacionado com a

envolvente. Assim, segue-se na direcção oposta a um individualismo bastantes vezes presente em projectos urbanos que desconsideram a relevância das características intrínsecas do local de implantação e ignoram os modelos tipológicos solidificados ao longo das décadas precedentes.

No entanto, esta cultura pode ser observada sob um foco crítico. Muitas vezes os ideais enraizados no academismo geram uma secura nas novas obras, que deste modo nascem já antigas e não exprimem nenhum testemunho da sua época para as gerações vindouras. Tendencialmente, neste contexto teórico e prático, a arquitectura não é vista com uma arte, o que à partida sugere a inexistência de uma procura de originalidade, com pouca exploração de algo novo, correndo o risco de se limitar a reproduzir modelos pré-concebidos com poucas variantes, contrariamente ao que me foi inculcado nos quatro anos anteriores de estudo de arquitectura. Mas existe a possibilidade de criar algo específico que tenha sido concebido com o próprio lugar em consideração.

Porém é vital distinguir o estudo de modelos arquitectónicos antigos da sua reprodução. O acto de analisar e entender o funcionamento destes arquétipos é um passo importante na garantia de que um novo projecto é implementado com sucesso. No entanto, nada garante que ao seguir todos os preceitos de uma arquitectura por continuidade não surjam exemplares deselegantes e descontextualizados. É sempre necessário ter em conta o conjunto envolvente como elemento gerador pois na cidade tudo está ligado, como uma rede. Infelizmente existem muitos contextos em que os arquitectos agem na total independência uns em relação aos outros e em relação à própria cidade em que trabalham. Tomar decisões que optem por respeitar as tipologias das quais a cidade é feita tem um grande valor na constante renovação a que um tecido urbano está sujeito. É assim um grande desafio partir destas tipologias testadas, comprovadas e características de um determinado lugar e aplicá-las, trabalhando no sentido de lhes conferir elegância, qualidade e contemporaneidade.

Com a minha contínua presença nas sessões de *Laboratorio di Progettazione Architettonica*, familiarizei-me gradualmente com o respeito e o cuidado com que a cidade era tocada pelo lápis do arquitecto e do urbanista, ficando sensibilizada para os problemas específicos que afectam a porção de cidade sobre a qual nos debruçámos durante um ano.

No seguimento de toda esta mentalidade, está presente nos projectos desenvolvidos e apresentados neste Relatório a intenção de agir por continuidade. A Área de Intervenção tem a sua história e os seus traços. Partindo desta verdade, as intervenções procuram respeitar em absoluto toda a entidade envolvente nas suas características visíveis e invisíveis, adoptam formas familiares e recuperam valores de um passado presente na mentalidade colectiva da população, enquanto apresentam simultaneamente uma identidade própria.

Na intervenção que encara a Basílica de *San Lorenzo*, a cidade ganha solidez e definição que actualmente não possui devido às desfigurações causadas pela guerra. O ambiente urbano é melhorado, aliando-se este factor ao reforço da dinâmica de comércio presente no resto da zona, utilizando inclusivamente algumas reminiscências de elementos marcantes do passado tais como as *Sciostre* e as suas ruas de serviço. No seguimento do que o local afirma enquanto entidade viva e com memória, a tipologia utilizada resulta numa maior clareza e valoriza as colunas romanas e a Basílica através da sua discreta introdução em continuidade com a frente urbana, permitindo que o protagonismo recaia para os monumentos referidos. No entanto, o projecto não deixa de afirmar a sua contemporaneidade expressa, por exemplo, na sua regular métrica de implantação.

Na intervenção mais a Sul, na *Piazza XXIV Maggio*, a intensidade de tráfego é significativamente reduzida, exponenciando a qualidade do espaço público e potenciando a sua utilização enquanto local de usufruto pedonal. Este passo despoleta toda uma recuperação dos valores e funções históricas da praça, aliando o seu espaço ao novo mercado construído em acompanhamento da Darsena através da desmultiplicação de cotas. Esta articulação das diferentes cotas é a chave da devolução da Darsena à cidade, um canal histórico e de forte marcação na métrica urbana circundante. O mercado relaciona-se com a memória do lugar devido à secular e contínua presença desta função na *Piazza* enquanto afirma a sua implementação como uma solução nova e de formalização assumida, permitindo também a manutenção do espaço desocupado na plataforma redesenhada da Darsena.

Quando apoiadas por uma análise à história do local, à sua morfologia e às tipologias que o compõem, as decisões do processo de projecto tornam-se decorrentes desses mesmos factores, facilitando de certa forma a determinação das componentes estruturais. Durante o ano passado em Milão, pude constatar o volume de carga teórica que precede toda e qualquer

intervenção no tecido urbano. Com a minha progressiva integração nesta perspectiva, expandi os meus horizontes no que diz respeito a metodologias de projecto e ao modo como certos ideais, sobretudo em núcleos históricos, podem zelar pelo legado da cidade e dos mestres, anónimos e de renome, que precederam o tempo presente.

05 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – ARSLAN, Ermanno, 1982. *“Urbanistica di Milano romana. Dall’insediamento insubre alla capitale dell’impero”*, in *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, pp. 179-210.
- 2 – FRANGIONI, Luciana, 1983. *Milano e le sue strade*, Bolonha.
- 3 – CHIAPPA MAURI, Luisa, 1984. *I mulini ad acqua nel milanese (Secoli X-XV)*, Soc. Ed. Dante Alighieri. p. 294.
- 4 – FANTONI, Giuliana, 1990. *L’acqua a Milano. Uso e gestione nel basso medioevo (1385-1535)*, Bolonha.
- 5 – SCOTTI, Aurora, 1977. *“Per un profilo dell’architettura milanese (1535-1563)”*, in AA. VV., *Omaggio a Tiziano, la cultura Urbanistica milanese nell’età di Carlo V*, Milão.
- 6 – ANNONI, Ada, 1984. *“Tecnologie militari e tipologie fortificatorie”*, in AA. VV., *La Lombardia Spagnola*, Milão, pp. 39-46.

- 7 – BELTRAMI, Luca (coord.), 1897. *Relazione di Don Ferrante Gonzaga Governatore di Milano inviata all'Imperatore Carlo V nel 1552 in difesa della progettata cinta dei bastioni*, Tip. F. Pagnoni, Milão.
- 8 – AA. VV., 1982. *La città rituale – la città e lo stato di Milano nell'età dei Borromeo*, Milão.
- 9 – CASSISI, F. Rita, 1991. “Il restauro di Porta Ticinese Milano 1861-65” in GRIMOLDI, Alberto (coord.), *Omaggio a Camillo Boito*, Milão, pp. 97-109.
- 10 – BERUTO, Cesare, 1884. *Progetto del Piano Regolatore della città di Milano, Relazione all'onorevole Giunta municipale, 31 dicembre 1884*, Milão.
- 11 – Citação retirada de: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco Stanislao, 2007. *Laboratorio di Progettazione Architettonica 1, Lezione 12 Aprile 2007*, Politecnico di Milano.
- 12 – Citação retirada de: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco Stanislao, 2007. *Laboratorio di Progettazione Architettonica 1, Lezione 12 Aprile 2007*, Politecnico di Milano.
- 13 – BACON, Edmund N., 1967. *Design of Cities*, Penguin Books.
- 14 – CONZEN, M. R. G., 1960. *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis*, Publicação Institute of British Geographers.
- 15 – LARKHAM, Peter J.; MORTON, Nick, 2011. *Drawing lines on maps: morphological regions and planning practices in Urban Morphology* vol. 15 no. 2, pp. 133-151.
- 16 – KUBLER, George, 1962. *A Forma do Tempo*, Vega e Herdeiros do Autor 4ªed, p. 9.
- 17 – COSTA, António Ricardo da, 2006. *El sentido de la memoria en la ciudad heredada. Propuestas para la intervención planificada en áreas históricas de Lisboa*, Departamento de Urbanística e Ordenação do Território, Universidade de Sevilha, pp. 217-225.
- 18 – ROSSI, Aldo, 1966. *A Arquitectura da Cidade*, Edições Cosmos.
- 19 – Estudo guiado com auxílio de: CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 2000. *La città nell'architettura del mercato coperto*, Politecnico di Milano.

20 – COSTA, António Ricardo da, 2006. *El sentido de la memoria en la ciudad heredada. Propuestas para la intervención planificada en áreas históricas de Lisboa*, Departamento de Urbanística e Ordenação do Território, Universidade de Sevilha, pp. 217-225.

06 BIBLIOGRAFIA

CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 1996. *La città nel progetto di architettura*, Politecnico di Milano.

CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco, 2000. *La città nell'architettura del mercato coperto*, Politecnico di Milano.

FRANGIONI, Luciana, 1983. *Milano e le sue strade*, Bolonha.

CHIAPPA MAURI, Luisa, 1984. *I mulini ad acqua nel milanese (Secoli X-XV)*, Soc. Ed. Dante Alighieri.

FANTONI, Giuliana, 1990. *L'acqua a Milano. Uso e gestione nel basso medioevo (1385-1535)*, Bolonha.

SCOTTI, Aurora, 1977. "Per un profilo dell'architettura milanese (1535-1563)", in AA. VV., *Omaggio a Tiziano, la cultura Urbanistica milanese nell'età di Carlo V*, Milão.

ANNONI, Ada, 1984. "Tecnologie militari e tipologie fortificatorie", in AA. VV., *La Lombardia Spagnola*, Milão, pp. 39-46.

BELTRAMI, Luca (coord.), 1897. *Relazione di Don Ferrante Gonzaga Governatore di Milano inviata all'Imperatore Carlo V nel 1552 in difesa della progettata cinta dei bastioni*, Tip. F. Pagnoni, Milão.

AA. VV., 1982. *La città rituale – la città e lo stato di Milano nell'età dei Borromeo*, Milão.

CASSISI, F. Rita, 1991. "Il restauro di Porta Ticinese Milano 1861-65" in GRIMOLDI, Alberto (coord.), *Omaggio a Camillo Boito*, Milão, pp. 97-109.

BERUTO, Cesare, 1884. *Progetto del Piano Regolatore della città di Milano, Relazione all'onorevole Giunta municipale, 31 dicembre 1884*, Milão.

CISLAGHI, Giovanni; PRUSICKI, Marco Stanislao, 2007. *Laboratorio di Progettazione Architettonica 1, Lezione 12 Aprile 2007*, Politecnico di Milano.

BACON, Edmund N., 1967. *Design of Cities*, Penguin Books.

CONZEN, M. R. G., 1960. *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis*, Publicação Institute of British Geographers.

LARKHAM, Peter J.; MORTON, Nick, 2011. *Drawing lines on maps: morphological regions and planning practices* in *Urban Morphology* vol. 15 no. 2, pp. 133-151.

KUBLER, George, 1962. *A Forma do Tempo*, Vega e Herdeiros do Autor 4ªed.

COSTA, António Ricardo da, 2006. *El sentido de la memoria en la ciudad heredada. Propuestas para la intervención planificada en áreas históricas de Lisboa*, Departamento de Urbanística e Ordenação do Território, Universidade de Sevilha.

ROSSI, Aldo, 1966. *A Arquitectura da Cidade*, Edições Cosmos.

LE CORBUSIER, 1946. *Maniera di pensare l'urbanistica*, Editori Laterza, ed. 2009.

FOCILLON, Henri, 1943. *A vida das formas*, Edições 70, ed. 2001.

07 ANEXOS

LEGGI, NORME E PRESCRIZIONI PER IL MERCATO COMUNALE DI PORTA TICINESE

- Ordinanza del Ministero della Salute, 3 aprile 2002. *Requisiti igienico sanitari per il commercio dei prodotti alimentari sulle aree pubbliche.*
Art. 1, Campo di applicazione e definizioni. ...«b) mercato in sede propria: il mercato che ha un suo luogo esclusivo, destinato a tale uso nei documenti urbanistici, costruito appositamente per il commercio, con configurazioni edilizie specifiche e materiali adatti;»...

- Art. 2, Caratteristiche generali delle aree pubbliche. ...«2. Le aree pubbliche, di seguito denominate aree, destinati ai mercati di cui all'art. 1, comma 2, lettera b), dove si svolge quotidianamente il commercio dei prodotti alimentari devono avere i requisiti generali di cui al comma 1 e inoltre, in particolare, devono essere: a) appositamente delimitate o recintate, ove non lo impediscano vincoli di tipo architettonico, storico, artistico ed ambientale, ed avere sia una propria rete fognaria con esito finale idoneo secondo la normativa vigente sia una pavimentazione con strato di finitura compatto ed igienicamente corretto per l'uso al quale è destinato. Tale pavimentazione deve avere idonee pendenze che permettano il regolare e rapido deflusso delle acque meteoriche e di quelle di lavaggio, per consentire un'adeguata pulizia, ed essere dotata di apposite caditoie atte a trattenere il materiale grossolano.»...

- Ordinanza del 2 marzo 2000, pubblicata sulla *Gazzetta Ufficiale* della Repubblica Italiana n. 56 del 8 marzo 2000.

- D. lgs. n. 114 del 31 marzo 1998, *Riforma della disciplina relativa al settore del commercio a norma dell'art. 4, comma 4, della legge 15 marzo 1997, n. 59.*

- D. lgs. n. 155 del 31 marzo 1997, *Attuazione delle direttive 93/43/CEE concernente l'igiene dei prodotti alimentari.*

- D. lgs. n. 123 del 3 marzo 1993, *Attuazione della direttiva 83/397/CEE relativa al controllo ufficiale dei prodotti alimentari.*

- D.P.R. n. 327 del 26 marzo 1980, *Regolamento di esecuzione della legge n. 283 del 30 aprile 1962 e successive modificazioni, in materia di disciplina igienica della produzione e della vendita delle sostanze alimentari e delle bevande, art. 3, ultimo comma.*

- Legge n. 283 del 30 aprile 1962, *Disciplina igienica della produzione e della vendita delle sostanze alimentari e delle bevande.*

- Legge n. 112/1991 e relativo regolamento di esecuzione.

Titolo IV-Igiene degli alimenti e delle bevande, Cap. 4-Attività di commercio su aree pubbliche, 4.4.2. Area di commercio a posto fisso: *«Per i nuovi insediamenti l'area su cui si svolge il commercio a posto fisso viene individuata (...) sulla base dei seguenti requisiti: 1) essere ubicata in zone che non presentino pericoli di inquinamento dovuto a traffico, polvere, esalazioni dannose o maleodoranti per gli alimenti esposti. Non è consentito l'ingresso ad autoveicoli a motore estranei all'attività di vendita nell'area di mercato durante l'orario di vendita; durante carico e scarico i motori dovranno essere tenuti spenti; 2) prevedere spazi riservati alla sola vendita di sostanze alimentari; 3) essere dotata di un congruo numero di contenitori per i rifiuti solidi con coperchio a tenuta; 4) avere pavimentazione impermeabile ed essere collegata alla fognatura con apposita pendenza verso sistemi di raccolta onde evitare il ristagno d'acque meteoriche o di scarichi liquidi; 5) essere dotata di congruo numero di punti di erogazione di acqua potabile, anche con bocchette dell'acquedotto; 6) essere dotata di congruo numero di punti di erogazione di energia elettrica ai fini di eliminare i generatori. L'area deve essere pulita nelle ore immediatamente successive e i rifiuti solidi devono essere asportati in giornata. Indipendentemente dal fatto che detta area possa trovarsi in un complesso al coperto, devono essere previsti igienici separati per il personale in misura non inferiore a 1 ogni 25 punti vendita totali ed un ulteriore servizio igienico ogni ulteriori 15 punti vendita. Detti servizi devono rispondere ai requisiti di cui all'art. 4.2.10. Nel caso in cui le aree siano utilizzate permanentemente per la ristorazione, devono anche essere dotate di servizi igienici rapportati al flusso dell'utenza secondo quanto previsto dall'art. 4.5.6.1..*

Titolo IV-Igiene degli alimenti e delle bevande, Cap. 2-Stabilimenti e laboratori di produzione, preparazione e confezionamento e centri di preparazione pasti per la ristorazione collettiva, 4.2.10. Servizi igienici: *«I locali adibiti a servizi igienici e il locale antistante, dotato di porta a ritorno automatico priva di maniglia e con apertura verso l'esterno, debbono avere pavimenti e pareti, fino ad altezza massima di m. 2 in materiale impermeabile, facilmente lavabile e disinfettabile. I gabinetti dovranno essere in numero non inferiore a quanto previsto dalle indicazioni contenute nel capitolo 1 del titolo III del presente regolamento (...).*

Titolo III-Ambienti confinati Igiene Edilizia, Cap. 1-Norme generali, Cap. 11-Edifici per attività produttive, depositi, 3.11.5. Caratteristiche dei servizi igienici: *«La superficie sia del gabinetto che dell'antibagno non deve essere inferiore a mq. 1. i gabinetti devono essere suddivisi per sesso, essi devono essere accessibili mediante passaggi coperti, riscaldati, areati e illuminati naturalmente, in conformità alle disposizioni del Cap. 4 del presente titolo. È ammessa l'aerazione attivata. I pavimenti dei singoli vani devono essere serviti da una piletta di scarico sifonato. Le pareti di tali servizi devono essere rivestite di materiale lavabile, liscio e impermeabile fino ad un'altezza di almeno m. 2; la rubinetteria dei lavamani deve essere a comando non manuale.*

